Nós, Os Marcianos
Isaac Asimov

Tradução de Agatha M. Auersperg
HEMUS

Dedicatória:
Para L. Sprague de Camp e Fletcher Pratt, cuja obra em conjunto só pode ser comparada à obra de cada um, em separado.

Apoiado no batente da porta do pequeno corredor que separava os dois únicos aposentos da cabina da nave espacial, Mário Esteban Rioz observava contrariado, enquanto Ted Long tentava ajustar delicadamente o dial do vídeo. Deu um toque para a direita, a seguir outro para esquerda. A imagem continuou péssima.

Rioz sabia que ficaria assim. Estavam a uma distância enorme da Terra e numa posição difícil em frente ao Sol. Long, porém, não podia sabê-lo. Rioz continuou na mesma posição por mais alguns segundos, com a cabeça inclinada para frente e o corpo enviesado para poder transpor a estreita abertura. A seguir entrou na copa com o ímpeto de uma rolha que saí do gargalo.

- O que é que você quer ver? - perguntou.

- Queria ver Hilder - respondeu Long.

Rioz apoiou o quadril no canto da mesa. Apanhou uma lata de leite na prateleira superior. A ponta se destacou com uma leve pressão. Começou a agitar o líquido com um movimento rotatório enquanto esperava que se aquecesse.

- Para que? - perguntou. Emborcou a lata e começou a sugar ruidosamente o leite.

- Só queria ouvir.

- Acho que é um desperdício de energia.

Long franziu o cenho.

- Se não me enGano, não existem restrições ao uso de vídeos particulares.

- Em termos - retrucou Rioz.

Trocaram um olhar de desafio. Rioz possuía o corpo avantajado e o rosto ossudo e encovado que pareciam ser a característica dos Recuperadores marcianos, os espaçonautas que continuavam a circular pacientemente pelas rotas espaciais usadas entre Marte e a Terra, seus olhos azuis-claros brilhavam no rosto bronzeado e marcado de rugas, ressaltando sobre a alvura das peles sintéticas brancas que forravam a gola virada da japona espacial de plasticouro.

Long era muito mais pálido e delicado, possuía algumas características próprias dos Térreos, apesar que um Marciano de segunda geração não poderia

ser definido como um Térreo como o eram os Terrestres. Sua gola de peles estava abaixada, deixando seus cabelos castanhos completamente expostos.

- O que significa, em termos? - reclamou Long.

Rioz apertou os lábios finos. Disse:

- Considerando que nesta viagem não vamos sequer recuperar as despesas, pelo menos julGando pelo que fizemos até agora, qualquer dispêndio de energia é excessivo.

- Se estamos perdendo dinheiro, como você afirma - comentou Long - não acha que seria melhor se voltasse ao seu lugar? Este é seu turno.

Rioz grunhiu e passou o polegar pelo queixo, coçando a barba por fazer. Desencostou-se da mesa e dirigiu-se vagarosamente em direção à porta. Suas botas moles e pesadas produziam um som leve enquanto arrastava os pés sobre o assoalho. Parou para observar o termostato e depois se virou com olhos faiscantes.

- Percebi que aqui fazia calor! Onde pensa que está? Long respondeu: - Vinte e cinco graus não é demais.

- Talvez para você! Mas estamos no espaço e não num escritório aquecido no interior de uma mina de ferro! - Rioz virou o controle do termostato ao mínimo. - O sol é bastante quente.

- A copa está do lado oposto.

- O calor circula, raios!

Atravessou a porta e Long ficou a olhar naquela direção por alguns instantes. A seguir, voltou a se preocupar com o vídeo. Não mexeu no controle do termostato. A imagem ainda tremulava e bruxuleava, mas não havia nada a fazer. Long abaixou o assento embutido na parede. Debruçou-se para frente e esperou pacientemente pelo anúncio do locutor, pelo breve intervalo antes que o pano se abrisse, até que o holofote iluminou o familiar vulto barbado que aumentou rapidamente até preencher toda a tela.

A voz, que impressionava, apesar dos assovios e estalos produzidos pelas tempestades de elétrons em vinte milhões de milhas de espaço, começou:

- Amigos! Meus concidadãos de toda a Terra...

NUM

Quando Rioz entrou na cabine de controle, logo percebeu o lampejo do sinal de rádio. Por um instante sentiu as palmas das mãos molhadas de suor, porque o confundiu com um bip do radar, mas foi apenas uma reação de seu sentimento de culpa. Em teoria não deveria ter saído da cabina de controle enquanto estava em seu turno, mas na prática, todos os Recuperadores agiam assim. Entretanto, todos sofriam do mesmo pesadelo: um achado passando ao alcance, enquanto o navegador abandonava a observação por cinco minutos, para tomar um café, quando todo espaço parecia vazio. Aliás, em certos casos, o pesadelo tinha se transformado em realidade.

Rioz ligou os multi-sensores. Era um desperdício de energia, sem dúvida, mas era preferível ter certeza absoluta. O espaço estava vazio, a não ser por ecos distantes de espaçonaves que percorriam a rota de recuperação. Ligou o circuito

de rádio e logo o rosto loiro e narigudo de Richard Swenson, co-piloto da nave mais próxima, do lado marciano, apareceu na tela,

- Oi, Mário - falou Swenson.

- Oi. Novidades?

Entre a pergunta e a resposta sempre havia um intervalo de um segundo e algumas frações de segundo, porque a velocidade da radiação eletromagnética não é infinita.

- Tive um dia e tanto.

- O que aconteceu? - perguntou Rioz.

- Avistei um achado.

- Viva, que bom.

- Sem dúvida, se tivesse conseguido fisgá-lo.

- O que foi que aconteceu? - perguntou Rioz, contrariado.

- A droga estava indo para a direção oposta.

Rios sabia que uma gargalhada seria de mal gosto. Perguntou:

- Como foi que aconteceu?

- A culpa não foi minha. O casco estava rodopiando fora do eclíptico. Você já imaginou como devia ser burro aquele piloto que não conseguiu terminar decentemente a manobra de desengate? Como é que eu não poderia saber? Calculei a distância do casco e não me preocupei mais. Imaginava que sua órbita estaria dentro da trajetória normal. Você não faria o mesmo? Calculei o que julgava ser uma boa rota de intersecção e levei cinco minutos para perceber que a distância não estava diminuindo, mas aumentando. Os bips levavam um tempão para voltar. Finalmente tomei as projeções angulares da coisa, mas já era tarde para alcançá-la.

- Algum outro rapaz está recebendo os sinais?

- Não, está realmente muito fora do eclíptico e continuará assim pelo resto da eternidade. Isto não me preocupa muito, afinal era apenas um casco interno, mas não quero nem pensar quantas toneladas de propulsão desperdicei para acelerar e depois para voltar ao meu lugar. Você deveria ter ouvido Canute.

Canute era o irmão de Richard Swenson.

- Estava uma fera, aposto.

- Estava com vontade de me esGanar! Por outro lado, já estamos no espaço há cinco meses, e a atmosfera está se tornando meio explosiva. Você sabe.

- Eu sei.

- E como vai indo, Mário?

Rioz teve um muxoxo.

- Mal. Apenas dois cascos nas últimas duas semanas, e tive que perseguir cada um durante seis horas.

- Cascos de bom tamanho?

- Está brincando? Poderia ter levado ambos até Phobos nos meus ombros. De todas as viagens que fiz, esta é a pior.

- Até quando pretende ficar?

- Pelo que me diz respeito, iria embora amanhã. Estamos aqui há apenas dois meses, e já cheguei ao ponto que não posso falar com Long sem lhe passar uma descompostura por um motivo qualquer.

Seguiu-se um intervalo muito maior que a costumeira demora eletromagnética. Swenson perguntou:

- Como é que ele é, este Long?

Rioz lançou um olhar por cima do ombro. Podia ouvir o estalar constante do vídeo na copa.

- Não consigo entendê-lo. Uma semana depois da partida ele me perguntou:

- Mário, por que você é um Recuperador? - Fiquei olhando-o e depois respondi: - É o meu ganha pão. O que é que você pensava? - Diga você se esta não é uma pergunta imbecil. Por que os Recuperadores são Recuperadores? Então ele disse: - Mas não pode ser isto, Mário. - Está vendo? Ele é que queria me dar explicações! Então falou: - Você é um Recuperador porque isto faz parte do modo de vida marciano.

Swenson perguntou:

- O que é que ele queria dizer com isto?

Rioz encolheu os ombros:

- Eu nem perguntei. Neste momento está ocupado, ouvindo as ultra-micro-ondas da Terra. Escutando o discurso de um Térreo chamado Hilder.

- Hilder? Um político Térreo, membro da Assembléia, não é mesmo?

- Sim. Pelo menos, acho que sim. Long sempre faz coisas assim. Trouxe sete ou oito quilos de livros que falam da Terra. Praticamente um peso morto. Você entende.

- Bom, o parceiro é seu. E por falar em parceiro, Vou voltar ao trabalho. Se eu perder mais um achado, realmente teremos um assassinato por estas bandas.

O rosto desapareceu e Rioz inclinou-se para trás. Observou a linha verde e reta do sensor de pulsações. Ligou novamente o multisensor. O espaço continuava vazio.

Sentiu um certo alívio. Um período ruim sempre parece muito pior quando os Recuperadores em volta encontram casco após casco, e os cascos vão descendo numa espiral contínua até Phobos e suas fundições de refugo com as marcas de todos, menos a própria. A mais, o desabafo servia para aliviar um pouco o ressentimento que alimentava contra Long. Formar parceria com Long tinha sido um engano. A parceria com um novato era sempre difícil. Todos eles estavam convencidos que sua mais importante tarefa era conversar, especialmente Long, com suas eternas teorias a respeito de Marte e seu importantíssimo papel no progresso da humanidade. Falava assim mesmo: Progresso Humano; O Modo de Vida Marciano; a Nova Minoria Criativa. E Rioz, afinal, não precisava de conversas, só queria alguns achados, alguns cascos onde colocar sua marca.

Pensando melhor, não tivera escolha. Long era um sujeito muito conhecido em Marte, um engenheiro de mineração que Ganhava um bom salário. Era amigo do Comissário Sankov e já saíra para breves missões de recuperação. É impossível recusar um sujeito sem lhe conceder um período de experiência, apesar da aparência esquisita da coisa. Afinal, por que um engenheiro com um bom emprego e um bom ordenado deveria querer vadiar no espaço?

Rioz nunca perguntou pelos motivos de Long. Os Recuperadores precisam ficar durante muito tempo em contato íntimo com seus parceiros, e nestes casos

qualquer curiosidade parece indesejável ou até imprudente. Entretanto, Long não parou de falar e acabou por oferecer a resposta.

- Mário, eu tive que fazer esta viagem - disse um dia. - O futuro de Marte não está nas minas, está no espaço.

Rioz ficou especulando como seria a viagem sem um companheiro. Todo mundo afirmava que seria impossível. Sem considerar a perda de oportunidades nos períodos de sono ou quando um homem deveria cuidar de outras coisas, todos sabiam que um homem sozinho no espaço acabaria por ficar irremediavelmente deprimido dentro de um brevíssimo período de tempo.

A companhia de um parceiro possibilitava viagens de até seis meses. Uma tripulação normal poderia ficar mais, mas um Recuperador no poderia Ganhar dinheiro suficiente com uma espaçonave que tivesse um tamanho excessivo. Teria que investir uma fortuna apenas para a propulsão!

Mesmo a viagem a dois não era muito divertida. Em geral, costumava-se trocar de parceiro a cada viagem, e com alguns era possível ficar no espaço muito mais tempo que com outros. Bastava ver o que acontecia com Canute e Richard Swenson, que afinal eram irmãos. Por isto saíam juntos a cada cinco ou seis viagens, e mesmo assim, todas as vezes os antagonismos e as tensões começavam a se avolumar logo depois da primeira semana.

Paciência. O espaço continuava vazio. Acabaria por se sentir melhor voltando até a copa e suavizando a situação com Long. Valia a pena mostrar que era um veterano que não se importava com as irritações tão comuns no espaço.

Levantou-se e deu os três passos necessários para entrar no corredor curto e estreito que servia de ligação entre os dois aposentos. Rioz ficou mais uma vez parado na porta, observando, Long estava olhando para o vídeo. Rioz falou, com seu jeito brusco:

- Vou aumentar o termostato. Não faz mal, podemos gastar um pouco de energia.

Long assentiu:

- Como quiser.

Rioz hesitou e deu um passo à frente. O espaço estava mesmo vazio, para o inferno, e a nada valeria ficar sentado na cabine de comando, olhando para uma linha verde e imóvel. Perguntou:

- O que é que este Térreo está dizendo?

- Fala sobretudo da história das viagens espaciais. Coisas velhas, mas ele fala muito bem. É uma produção total - pôsteres coloridos, fotografia truncada, fotos de velhos filmes, não falta nada.

O rosto barbado se dissolveu na tela do vídeo e apareceu o corte transversal de uma nave espacial. A voz de Hilder continuou, explicando as partes interessantes que se iluminavam de cores. Enquanto falava, o sistema de comunicação da nave se iluminou de vermelho, depois as despensas, a propulsão com a micropilha de prótons, os circuitos cibernéticos...

O rosto de Hilder voltou a aparecer.

- Mas este é apenas o módulo do habitáculo. Como se afasta da Terra? De onde vem o empuxo?

Todos sabiam como funcionava uma nave espacial, mas a voz de Hilder era hipnótica. Explicou a propulsão como se fosse um grande segredo, uma revelação

extraordinária. Até Rioz sentiu um pouco a angústia daquele suspense - apesar de ter passado a maior parte de sua vida numa nave espacial. Hilder continuou:

- Os cientistas chamam isto com nomes diferentes. Às vezes, Lei da Ação e da Reação. Outras vezes, a Terceira Lei de Newton. Também chamam isto de Conservação de Quantidade de Movimento. Nós, porém, não precisamos chamar isto com qualquer nome. Podemos apenas usar nosso bom senso. Quando nadamos, empurramos a água para trás enquanto nos movimentamos para frente. Quando caminhamos, empurramos o chão para trás e nos movimentamos para frente. Quando voamos num giroplano, empurramos o ar para trás e vamos em frente. Nada pode ir em frente sem empurrar algo para trás! Trata-se do velho princípio: Ninguém pode receber algo em troca de nada! Agora procurem imaginar uma espaçonave que pesa cem mil toneladas enquanto se levanta da Terra. Para que ela possa fazê-lo, algo tem que ser empurrado para baixo. Como uma espaçonave é extremamente pesada, um bocado de material terá que ser empurrado para baixo. O material é tanto que não há espaço suficiente no interior da nave para mantê-lo todo a bordo. Então, torna-se necessário construir um compartimento especial atrás da nave, para transportá-lo.

Hilder voltou a se dissolver no vídeo, cedendo o lugar à mesma nave de antes. A nave começou a encolher e atrás dela apareceu um cone truncado. Entre seus contornos lia-se em letras amarelo-berrante: MATERIAL A SER JOGADO FORA.

- Agora, porém - continuou Hilder - o peso da nave é muito maior. Então precisa ainda de maior empuxo.

A nave voltou a encolher de maneira impressionante enquanto outro cone, e mais um outro apareciam atrás dela. Eram imensos. A espaçonave ficou reduzida a um pequeno ponto, um ponto minúsculo, vermelho-brilhante. Rioz observou:

- Diacho, isto aqui é para o jardim de infância,

- Mas não é para o povo que está escutando, Mário - retrucou Long. - A Terra não é Marte. Acredito de devem existir bilhões de pessoas na Terra que nunca viram uma espaçonave de verdade. Elas não sabem nada a respeito,

Hilder estava dizendo:

- Quando o material no interior do casco maior fica consumido, o casco se destaca. É jogado fora.

O casco no vídeo se soltou e começou a rodopiar pela tela,

- A seguir, é a vez do segundo - falou Hilder. - Mas se a viagem for muito comprida o casco também se soltará.

A espaçonave, neste ponto, era apenas um ponto vermelho e os três cascos rodopiavam a esmo pelo espaço.

Hilder disse:

- Aqueles cascos representam cem mil toneladas de tungstênio, magnésio, alumínio e aço que desaparecem para sempre da Terra. Marte está contornado por Recuperadores que espreitam as rotas espaciais, esperando pelos cascos soltos e vazios, que fisgam e marcam, recuperando-os para Marte, A Terra não recebe um centavo em pagamento pelos cascos. São considerados refugo recuperado. Pertencem à nave que os encontrar.

Rioz resmungou:

- Arriscamos nosso capital e nossas vidas. Se não apanharmos os cascos, ninguém os apanharia, Eles não representam uma perda para a Terra.

- Quer saber? - disse Long. - O homem só falou que Marte, Vênus e a Lua estão depauperando a Terra. Os cascos são apenas mais um item que se perde.

- Eles receberão sua recompensa. Estamos extraindo mais ferro a cada ano,

- E a maior parte volta diretamente a Marte, Se podemos confiar em suas estatísticas, a Terra investiu duzentos bilhões de dólares em Marte e até agora Marte lhe devolveu apenas cinco bilhões de dólares de ferro. A Terra investiu quinhentos bilhões de dólares na Lua e recuperou até agora pouco mais que vinte e cinco bilhões de dólares de titânio, magnésio e alguns metais leves, Investiu cinqüenta bilhões de dólares em Vênus e não recuperou nada. É isto que os contribuintes da Terra querem ouvir - o dinheiro do imposto arrecadado foi gasto em troca de nada.

Enquanto conversavam, a tela do vídeo reproduzia os diagramas dos Recuperadores na rota de Marte: minúsculas espaçonaves caricaturais e sorridentes que estendiam bracinhos de fio de arame que agarravam cascos vazios, arrastando-os para marcá-los PROPRIEDADE DE MARTE em caracteres de fogo, e depois levando-os para Phobos.

Hilder reapareceu:

- Eles dizem que, eventualmente, devolverão tudo. Eventualmente! Quando a imprensa sair do passivo! Acontece que não sabemos quando isto vai acontecer. Daqui a um século? Um milênio? Um milhão de anos? "Eventualmente"! Vamos confiar neles. Qualquer dia eles devolverão todos os nossos metais, Qualquer dia conseguirão produzir seus próprios alimentos, usarão sua própria energia e viverão suas próprias vidas. Mas tem uma coisa que eles nunca poderão devolver, nem dentro de um milhão de anos, Água! Marte só tem um pouquinho de água, porque é um planeta diminuto. Vênus não tem água porque o planeta é muito quente, A Lua está na mesma situação, porque é quente e pequena. Por este motivo, a Terra deve fornecer aos espaciais não apenas água para beber e água para se lavar, mas ainda água para fazer funcionar suas indústrias, água para as fazendas hidropônicas que eles afirmam estarem formando - e até água para ser desperdiçada aos milhões de toneladas.

- Qual é a força de propulsão usada pelas naves espaciais? O que é que elas lançam para trás para poder progredir para frente? Antigamente eram gases produzidos por explosivos, mas o custo era muito alto. A seguir inventaram a micropilha de prótons - uma fonte de combustível barato, que pode aquecer qualquer líquido até que se torne um gás sob enorme pressão. E qual é o líquido mais barato e mais farto que podemos encontrar? É isto mesmo - é água.

- Qualquer nave espacial que sai da Terra leva consigo quase um milhão de toneladas – eu não disse quilos, disse toneladas de água, com o único intuito de borrifá-la no espaço, para acelerar ou desacelerar. Nossos antepassados acabaram com todo o petróleo da Terra, desperdiçando-o como loucos. Queimaram todo o carvão, sem pensar. Nós os desprezamos e os condenamos por isto, mas eles tinham uma justificativa - imaginavam que quando a necessidade se tornasse insuportável, alguém inventaria substitutos. E estavam certos. Temos nossa fazenda de plâncton e temos nossas micropilhas de prótons.

Não existe qualquer coisa que possa substituir a água. Nada mesmo, Quando nossos descendentes observarem o deserto se alastrar pela Terra, como poderão justificar nossa leviandade? Quando as estiagens ficarem maiores e maiores...

Long esticou o braço e desligou o vídeo. Observou:

- Isto me aborrece, Este maldito imbecil está propositadamente... O que é que há?

Rioz estava de pé, meio sem jeito.

- Eu deveria estar observando os bips.

- Para o diabo com os bips. - Long se levantou também e seguiu Rioz pelo corredor apertado. Parou na porta da cabine de comando, - Se Hilder conseguir, se ele tiver coragem suficiente para criar um caso... Puxa!

Percebeu o bip, um bip de primeira classe, perseguindo o sinal de saída como um galgo persegue um coelho mecânico. Rioz estava balbuciando:

- O espaço estava vazio, entende? Vazio! Por Marte, Ted, não fique parado aí. Tente encontrá-lo visualmente.

Rioz estava trabalhando com rapidez e eficiência, resultado de quase vinte anos de recuperações. Dentro de dois minutos conseguiu estabelecer a distância. Lembrou-se das experiências de Swenson e mediu também o ângulo de declinação e a velocidade radial. Berrou:

- Um ponto sete seis radiante, homem. Não há como se enGanar!

Long segurou o fôlego enquanto ajustava o verníer. - Está a apenas meio radiante do Sol. Terá apenas uma iluminação de meia lua. Aumentava a ampliação com presteza mas com o maior cuidado, procurando aquela "estrela" que mudava de posição e aumentava de tamanho, mostrando que de fato não era uma estrela.

- Vou sair de qualquer jeito - avisou Rioz. - Não podemos esperar.

- Achei! Achei! - A ampliação ainda não era suficiente para lhe conferir uma forma definida, mas aquele ponto que Long estava observando brilhava e escurecia ritmicamente enquanto o casco rodopiava e suas secções transversais recebiam e refletiam os raios do Sol de maneiras diferentes.

- Cuidado aí.

Os primeiros jatos de vapor começaram a jorrar das aberturas apropriadas, formando um comprido rastro de microcristais de gelo, de brilho leitoso, por cem milhas ou mais, Um jato, mais outro e mais outro, e a nave recuperadora saiu de sua trajetória estável para tomar uma rota tangencial com a do casco.

- Está se movimentando como um cometa no periélio! - gritou Rioz - Aqueles estúpidos pilotos térreos se livram dos cascos desta maneira, propositadamente. Gostaria de...

Praguejou sem parar enquanto aumentava a pressão dos jatos de vapor, sem pensar em qualquer outra coisa, até que a almofada hidráulica de seu encosto se achatou, afundando trinta centímetros e Long mal conseguia manter-se agarrado ao corrimão.

- Tenha piedade - pediu.

Mas Rioz não tirava os olhos dos bips.

- Se você não consegue agüentar, homem, deveria ter ficado em Marte! - Os jatos de vapor continuavam a jorrar com um ribombo distante. O rádio deu um sinal. Long conseguiu a muito custo esticar o braço, com a impressão de estar

remexendo num melado grosso, e fechou o circuito. Era Swenson, e seus olhos fuzilavam. O loiro gritou:

- Para onde pensam que estão indo? Dentro de dez segundos vocês estarão invadindo meu setor.

Rioz respondeu:

- Estou perseguindo um casco.

- No meu setor?

- A perseguição começou em nosso setor, e você não tem qualquer possibilidade de alcançá-lo. Desligue o rádio, Ted.

A nave continuou sua rota trovejando no espaço, mas o trovão só podia ser ouvido no interior da cabine. Finalmente Rioz desligou os motores por estágios suficientemente aproximados, obrigando Long a se segurar, para não cair para frente. O silêncio súbito pareceu mais estarrecedor que o barulho anterior.

Rioz falou:

- Muito bem. Deixe-me olhar pelo telescópio. Ambos ficaram observando. O casco agora era claramente visível e tinha a forma de um cone truncado, revolvendo devagar e com uma aparência de solenidade entre as estrelas.

- É mesmo um casco de primeiríssima - comentou Rioz, satisfeito. Pensou, é um casco gigante, finalmente teremos lucro,

Long disse:

- Temos um outro bip na faixa. Acho que Swenson, vindo atrás de nós.

Rioz não se preocupou.

- Não conseguirá nos alcançar.

O casco aumentava de tamanho e já tomava todo o visor. As mãos de Rioz estavam agarradas à alavanca do arpão. Esperou, ajustou o ângulo microscopicamente, voltou a ajustá-lo, mediu a distância. Finalmente puxou a alavanca que acionava o disparador. Por um instante não aconteceu nada. A seguir um cabo trançado apareceu serpenteando no visor, apontando para o casco como uma cobra no bote. O cabo bateu no casco mas não ficou agarrado. Se isto tivesse acontecido, teria se rasgado como um fio de seda, porque o casco ainda rodopiava com uma velocidade de rotação igual a milhares de toneladas. O cabo apenas estabeleceu um poderoso campo magnético que começou a frear o casco.

Rioz lançou mais dois cabos sem se preocupar com a energia que estava gastando.

- Eu Vou apanhá-lo, Vou apanhá-lo! Por Marte, este será nosso! Quando duas dúzias de cabos já se esticavam entre a nave e o casco, Rioz parou. A energia rotacional do casco, transformada em calor pela ação da frenagem, tinha elevado sua temperatura a tal ponto que sua radiação podia ser medida pelos instrumentos da nave.

Long perguntou:

- Quer que eu vá colocar nossa marca?

- Pode ir. Mas não precisa, se você não estiver com vontade. Este é meu turno.

- Deixe comigo.

Long vestiu seu macacão espacial e entrou na câmara de compressão. O fato que ele ainda conseguia contar às vezes em que saíra para o espaço em seu macacão, mostrava claramente que era um novato. Esta era a quinta vez.

Saiu segurando o cabo mais próximo e procedeu em direção ao casco deslizando uma mão após a outra. Percebia a vibração do cabo através da manopla metálica. Queimou a marca na superfície polida do casco. No vazio do espaço não havia nada que pudesse oxidar o metal. Ele simplesmente fundia e se vaporizava, condensando-se a pouca distância do raio energético, deixando um rastro cinza, fosco e poeirento, na superfície do metal.

Long voltou à nave. Tirou o capacete todo incrustado de gelo no interior da cabine. Logo ouviu a voz de Swenson sair do amplificador, quase irreconhecível pela raiva que o sufocava:

- ...diretamente com o Comissário. Você sabe que este maldito jogo tem suas regras!

Rioz mudou de posição. Falou sem se alterar:

- Já disse que o avistei em meu setor. Quando o vi já era tarde demais e comecei a persegui-lo, penetrando no seu. Você sabe que não teria conseguido alcançá-lo de qualquer jeito. É só isto... Você já voltou, Long? Desligou o rádio.

O sinal luminoso começou a piscar furiosamente mas Rioz não lhe deu atenção.

- O que é que ele quer fazer, falar com o Comissário? - perguntou Long.

- Nem pense nisto. Está fazendo todo aquele escarcel para quebrar a monotonia. Não tem qualquer importância. Sabe muito bem que o casco é nosso. E você, o que achou daquela montanha de metal, Ted?

- Nada mal.

- Nada mal? É um monstro! Segure-se. Vou começar a virá-lo. Os jatos laterais espirraram vapor e a nave começou a rodar vagarosamente em volta do casco. O casco se deixou levar. Trinta minutos mais tarde, pareciam uma enorme boladeíra rodopiando no vácuo. Long verificou a rota da Ephemeris comparando-a com a posição de Deimos.

A um ponto, minuciosamente calculado, os cabos soltaram sua presa e o casco deslizou pela tangente, numa trajetória que dentro de um ou dois dias o levaria a uma distância muito curta do satélite de Marte, onde seria recolhido e guardado nos armazéns de refugo. Rioz acompanhou o casco com os olhos. Sentia-se satisfeito. Virou-se para Long.

- Este foi um bom dia para nós,

- E o que você me diz a respeito do discurso de Hilder? - perguntou Long.

- O quê? Quem? Ali, aquele sujeito. Olhe, se eu tivesse que me preocupar com todas as bobagens proclamadas por algum Térreo maluco, nunca teria tempo para dormir. Esqueça.

- Acho que não deveríamos nos esquecer.

- Você está doido, Não me perturbe mais com estas coisas, está bem? Procure dormir um pouco.

A largura e altura da avenida principal da cidade sempre provocavam em Ted Long uma sensação de regozijo. Já fazia dois meses que o comissário tinha declarado uma moratória nas recuperações, obrigando todas as naves a voltar do espaço, mas a vista daquela avenida espaçosa ainda encantava Ted. Mesmo o

fato de a moratória ter sido declarada porque a Terra desejava chegar a uma decisão, seguindo sua nova política de economia de água, e queria racionar as quantidades destinadas a recuperações, não conseguia abafar completamente seu entusiasmo.

O forro da avenida estava pintado de celeste, uma cor luminosa que talvez representasse uma lembrança do céu da Terra. Ted não tinha certeza disto. Os dois lados refletiam a luminosidade das vitrines das lojas.

Apesar do zunido do trânsito e do som leve e insistente dos pés de outros transeuntes que passavam ao seu lado, podia ouvir as explosões intermitentes que anunciavam a escavação de novos túneis na crosta de Marte. Tinha ouvido explosões durante toda sua vida. Na época de seu nascimento, o chão que estava pisando ainda era uma rocha dura e sólida. A cidade estava crescendo e continuaria crescendo - se a Terra não interferisse.

Virou a esquina e entrou numa transversal mais estreita e menos iluminada. Não havia vitrines, mas prédios de apartamentos com janelas iluminadas. Aqui ninguém fazia compras, os pedestres caminhavam mais calmos e algumas crianças brincavam ruidosamente, desobedecendo aos insistentes chamados maternos para que fossem jantar.

A um certo ponto, Long se lembrou do costume e parou numa loja de esquina que vendia água. Entregou seu cantil.

- Encha-o, por favor.

O gorducho, que era o dono da loja, olhou no interior do cantil com um olho só, depois o sacudiu.

- Não lhe estava sobrando muito - observou, bem-humorado.

- Pois é - comentou Long.

O homem encostou o gargalo do cantil ao bico da bomba, para evitar qualquer desperdício. O mecanismo zuniu enquanto a água escorria para o interior do cantil. O homem atarrachou a rolha. Long entregou as moedas e apanhou o cantil, que agora batia pesadamente contra o seu quadril. Era um peso agradável. Não era considerado de bom gosto fazer uma visita sem levar o cantil cheio, especialmente em se tratando de sua família. Entre homens, a coisa não tinha a mesma importância.

Entrou no portão n 27, subiu um lance de escadas e hesitou antes de apertar a campainha. Podia ouvir claramente as vozes no interior do apartamento. A voz da mulher era aguda, quase estridente.

- Você fica satisfeito por ter convidado seus amigos Recuperadores, não é isto? Aposto que você pensa que eu deveria lhe agradecer pelo fato de que você consegue ficar em casa dois meses em cada ano. Para você, passar um dia ou dois comigo é mais do que suficiente. Mas o que você quer, na verdade, é a companhia dos Recuperadores.

- Há muito que estou em casa - respondeu a voz masculina. Hoje preciso tratar de negócios. Por Marte, pare com isto, Dora. Podem chegar a qualquer momento.

Long decidiu esperar mais alguns instantes antes de apertar o sinal. Queria lhes dar a oportunidade de voltar a um assunto menos explosivo.

- Não me interessa saber se estão chegando - retrucou Dora.

- Podem me ouvir. Se dependesse de mim, o Comissário declararia uma moratória permanente. Entendeu?

- E como viveríamos? - perguntou a voz masculina. - Quer me explicar isto?

- Vou lhe dizer. Você pode ganhar muito bem e de maneira decente e honesta, aqui em Marte, como todo mundo. Neste agrupamento de apartamentos eu sou a única mulher que é uma viúva de Recuperador. Pois é... sou viúva, aliás, pior que viúva, porque se eu fosse viúva, teria uma oportunidade para me casar com outro homem... O que foi que você disse?

- Nada. Não falei nada.

- Ali, eu sei o que você falou. Escute bem, Dick Swenson...

- Eu só disse que agora eu sei por que os Recuperadores em geral não se casam - berrou Swenson.

- Isto mesmo, e você também não deveria ter se casado. Estou cansada de ver que todos os meus vizinhos me olham com compaixão, ou sorriem maliciosamente e perguntam quando é que você vai voltar para casa. As outras pessoas podem ser engenheiros de mineração e administradores e até perfuradores de túneis. Pelo menos as mulheres de perfuradores de túneis têm uma vida doméstica normal e seus filhos não crescem como vadios. Peter vive como se não tivesse um pai...

Uma voz fina de garoto atravessou a porta. Parecia mais distante.

- Eii, mãe, o que é um vadio?

Dora levantou a voz:

- Peter! Preocupe-se com suas tarefas escolares!

Swenson observou em tom mais baixo:

- Não está bem falarmos deste jeito em frente ao garoto. O que é que ele vai pensar de mim?

- Neste caso, fique aqui e transmita-lhe ensinamentos melhores.

A voz de Peter voltou a interferir:

- Ehi, mãe! Quando eu crescer, Vou ser um Recuperador.

Long ouviu passos rápidos, um pequeno intervalo e um grito.

- Mãe! Eii, mãe! Solte minha orelha! O que foi que eu fiz? - O garoto começou a fungar.

Long aproveitou desta oportunidade. Apoiou o dedo no botão, e apertou insistentemente. Swenson abriu a porta, alisando os cabelos com uma mão.

- Olá, Ted - disse em voz baixa. Depois aumentou o volume:

- Dora, Ted acaba de chegar. Onde está Mário, Ted?

Long respondeu:

- Deve estar para chegar,

Dora, uma mulher morena e diminuta, saiu rápida do outro quarto. Tinha um nariz fino e pontudo e seus cabelos, entremeados de poucos fios grisalhos, estavam penteados para trás.

- Olá, Ted. Você já jantou?

- Sim, obrigado, Não estou chegando num momento inoportuno, não é?

- Não, já terminamos de comer, não se preocupe. Você quer um cafezinho?

- Sim, obrigado. - Ted tirou o cantil do gancho e o ofereceu.

- Não se preocupe, Ted. Temos bastante água.

- Mas eu insisto.

- Bom, neste caso...

Dora foi para a cozinha. Pela porta de vaivém, Long viu pratos e panelas mergulhados em Secoterg, "o detergente que dispensa água e absorve gordura e sujeira num piscar de olhos". Por um instante lembrou-se do jingle insistente e insinuante de Secoterg, e para afastá-lo, perguntou:

- Como está Pete?

- Muito bem, muito bem. O garoto agora está na quarta série. Você sabe que não consigo vê-lo muito. Imagine que, da última vez que voltei, ele olhou para mim e disse...

Continuou por algum tempo, e as coisas inteligentes ditas por Pete e referidas pelo pai não pareceram a Long tão chatas como de costume. O sinal da porta anunciou a chegada de Rioz, que entrou corado e carrancudo. Swenson se aproximou dele e murmurou:

- Escute, não fale qualquer coisa a respeito de laçar cascos. Dora ainda se lembra da última vez que você botou as mãos num casco de primeira no meu setor, e hoje ela está muito mal humorada.

- Quem está com vontade de falar em cascos? - Rioz tirou sua japona forrada de peles e a colocou no encosta da cadeira. A seguir, se sentou.

Dora entrou pela porta da cozinha e observou Rioz com um sorriso forçado.

- Olá, Mário. Também aceita um café?

- Sim - respondeu Rioz e, com um gesto automático, procurou seu cantil.

- Pode usar minha água, Dora - interferiu Long. - Assim ele fica me devendo.

- Pois é - murmurou Rioz.

- O que é que há, Mário? - perguntou Long.

Rioz lhe lançou um olhar azedo.

- Vamos, diga que você me avisou. Diga que há um ano, quando Hilder pronunciou aquele discurso, você me avisou. Vamos, diga!

Long encolheu os ombros. Rioz explicou:

- A quota já está estabelecida. Ouvi a notícia pelo rádio, há quinze minutos.

- E então?

- Cinqüenta mil toneladas de água por viagem.

- O quê? - berrou Swenson, enfurecido. - Ninguém consegue sequer se erguer no ar com cinqüenta mil!

- Mas foi o que estabeleceram. Foi proposital. Assim terminam as recuperações.

Dora voltou da cozinha e distribuiu as xícaras.

- O que foi que você disse sobre terminar as recuperações?

- Sentou-se e Swenson virou os olhos.

- Parece - explicou Long - que eles racionaram a nossa água a cinqüenta mil toneladas e isto significa que não podemos mais sair.

- E dai? - Dora tomou um gole de café e sorriu, animada. - Se vocês querem saber o que eu penso, isto é muito bom. Já está na hora de vocês, Recuperadores, procurarem um bom emprego estável aqui em Marte. Estou falando sério. Pular de um ponto ao outro do espaço não é vida...

- Dora, por favor! - falou Swenson. Rioz quase bufou.

Dora ergueu as sobrancelhas:

- Afinal, estava apenas dizendo o que penso.
Long observou:
- Você tem todo direito de ter opiniões, mas eu gostaria de dizer uma coisa. Cinqüenta não é apenas um detalhe. Sabemos que a Terra - ou, pelo menos, o partido de Hilder - quer tirar proveito político de uma campanha para a economia de água. Isto significa que estamos num buraco. Temos que arranjar água de um jeito qualquer, ou aqui teremos que fechar tudo, certo?
- Certo - concordou Swenson.
- Neste caso, a pergunta é: como?
- Se uma questão fica reduzida à água - interferiu Rioz - só podemos fazer uma coisa, e vocês sabem o que é. Se os Térreos não querem nos dar água, teremos que tirá-la à força. A água não lhes pertence apenas porque seus pais e avós foram covardes e não se arriscaram a sair do planeta. A água pertence a todos, em qualquer lugar que eles se encontrem. Somos gente e a água também é nossa. Temos direito de usá-la,
- E como você acha que poderá tirá-la à força? - perguntou Long.
- Isto é fácil. Na Terra existem oceanos de água. Eles não podem colocar sentinelas em todos os cantos. Podemos descer a qualquer hora até o planeta, do lado que está na escuridão, abastecer nossos cascos, e ir embora, Como poderiam impedi-lo?
- Podem impedi-lo de várias maneiras, Mário, Como é que você percebe a presença de um casco no espaço, mesmo que se encontre a uma distância de cem milhas? Pelo radar, Você sabe que na Terra também existe radar. Você acha que na Terra não conseguiriam montar uma rede de radares, se chegassem a desconfiar de nossa intenção de roubar água? Então seria fácil perceber quando uma nave vem chegando no espaço.
Dora interrompeu, indignada:
- Escute bem, Mário Rioz! Meu marido não tomará parte em qualquer expedição para roubar água e continuar com suas recuperações.
- Não é apenas questão de recuperações - observou Mário. - Logo, logo começarão a racionar qualquer outra coisa. Precisamos fazer alguma coisa para por um paradeiro nisto agora mesmo.
- Não precisamos da água deles - declarou Dora. - Não estamos na Lua ou Vênus. Conseguiremos retirar água suficiente das capas polares, e temos toda a água necessária. Temos uma torneira aqui mesmo, em nosso apartamento. Nesta quadra, todos os apartamentos têm uma torneira de água.
Long disse:
- O uso doméstico é o de menos. As minas precisam de água. E o que vamos fazer a respeito dos tanques hidropônicos?
- Pois é - concordou Swenson. - O que me diz dos tanques hidropônicos, Dora? Eles precisam de água e já está na hora de fazermos alguma coisa para cultivar as nossas próprias verduras, em vez de continuar comendo aquela porcaria condensada que eles nos mandam da Terra.
- Que tolice! - exclamou Dora, indignada. - O que é que você sabe a respeito de verduras frescas? Você nunca chegou a comê-las.
- Comi mais verduras frescas do que você imagina, Você se lembra daquelas cenouras que eu lhe trouxe um dia?

- Sim, e diga-me o que é que havia de tão especial naquelas cenouras? Eu acho que protocarne assada é muito melhor, e é também mais saudável. Estas conversas a respeito de verduras frescas parecem ter virado uma moda, só porque existe um projeto de aumentar os impostos sobre hidropônicos. Tudo isto vai passar. Vai dar em nada.

Long disse:

- Eu não acho. Pelo menos, não acredito que vai dar em nada se não tomarmos uma atitude. Hilder será provavelmente o próximo coordenador, e se isto acontecer, as coisas realmente podem piorar. Se eles começarem a racionar os alimentos...

- Então, o que vamos fazer? - gritou Rioz. - Eu ainda sou da opinião de ir buscar água! De tomá-la à força!

- E eu digo que não podemos fazê-lo, Mário. Será que você não percebe que o que você está querendo corresponde à maneira da Terra, dos térreos? Você está se agarrando ao cordão umbilical que amarra Marte a Terra. Será que você não consegue se soltar? Será que você não pode ver as coisas à maneira de Marte?

- Não, não consigo. Que tal você me explicar como é?

- Está bem. Preste atenção. Quando pensamos no sistema solar, em que estamos pensando? Em Mercúrio, em Vênus, na Terra, na Lua, em Marte, em Phobos, em Deimos. Pronto! Sete corpos celestes e só! Mas isto não representa sequer um por cento do Sistema Solar. Nós, os Marcianos, estamos bem no limite dos outros 99 por cento. Lá fora, em pontos mais afastados do Sol, existem quantidades inacreditáveis de água!

Os outros arregalaram os olhos. Swenson murmurou:

- Você está pensando nas camadas de gelo em Júpiter e em Saturno?

- Não especificamente, mas você terá que admitir que aquilo é água. Uma camada de água, com uma espessura de mil milhas, é um bocado de água.

- Mas tudo está coberto com camadas de amônia ou... ou alguma outra coisa, não é mesmo? - perguntou Swenson, - Além disso, não podemos aterrissar nos planetas maiores.

- Eu sei - respondeu Long - mas eu não disse que era esta a solução. Os planetas maiores não são os únicos corpos celestes lá fora. O que vocês me dizem a respeito dos asteróides e dos satélites? Vesta é um asteróide com um diâmetro de duzentas milhas e praticamente é uma pedra de gelo. Uma das luas de Saturno é composta quase exclusivamente de gelo. Que tal?

Rioz perguntou:

- Ted, será que você nunca esteve no espaço?

- Você sabe que eu estive. Por que pergunta?

- Sim, eu sei que você esteve no espaço, mas você ainda fala como um Térreo. Será que você considerou as distâncias? Os asteróides se encontram, em média, a uma distância de cento e vinte milhões de milhas de Marte. Isto é o dobro da distância entre Vênus e Marte e você sabe que até as naves maiores não conseguem transpô-la de uma vez só. Em geral, param na Terra ou na Lua. Afinal, quanto tempo você pensa que a gente consegue ficar no espaço?

- Não sei. Qual é seu limite?

- Você conhece o limite e não precisa me perguntar. São seis meses. Qualquer manual afirma isto. Se você continuar no espaço depois de seis meses, você se torna um caso para psicoterapia. Estou certo, Dick?

Swenson assentiu.

- E estamos falando apenas nos asteróides - continuou Rioz. A distância entre Marte e Júpiter é de trezentos e trinta milhões de milhas, e até Saturno é de setecentos milhões de milhas. Como é que alguém poderia transpor estas distâncias? Vamos supor que você mantenha sua velocidade de cruzeiro, ou, para arredondar o cálculo, vamos supor que você chegue a desenvolver duzentas quilomilhas por hora. Deste jeito você levaria - deixe-me ver... calculando o tempo para a aceleração e a desaceleração - de seis a sete meses para chegar até Júpiter e mais ou menos um ano para alcançar Saturno. É verdade que, em teoria, você poderia aumentar sua velocidade até um milhão de milhas, por hora, mas onde é que você arranjaria água para fazê-lo?

- Puxa! - falou uma vozinha. O rostinho tinha um nariz arrebitado e os olhos estavam arregalados. - Saturno!

Dora se virou com um movimento brusco.

- Peter, volte já para seu quarto e continue estudando!

- Ora, mãe!

- Nada de "ora, mãe", entendeu? - Esboçou o gesto de se levantar e Peter se afastou depressa.

Swenson disse:

- Por que é que você não fica com Peter, Dora? Acho que para ele deve ser muito difícil se concentrar nas tarefas sozinho, com todo mundo conversando aqui na sala.

Dora fungou, irônica.

- Vou ficar sentadinha aqui mesmo até descobrir quais os planos de Ted Long. Posso dizer desde já que não gosto nada do que estou ouvindo.

Swenson interferiu, nervoso:

- Não fique se preocupando com Júpiter e Saturno. Tenho certeza que Ted não está pensando nisto. Mas que tal Vesta? Poderíamos chegar lá em dez ou doze semanas, e levaríamos o mesmo tempo para voltar. Afinal tem um diâmetro de duzentas milhas. Significa que são quatro milhões de milhas cúbicas

- E dali. - perguntou Rioz. - O que é que poderíamos fazer em Vesta? Perfurar blocos de gelo? Instalar maquinarias para mineração? Será que você sabe quanto tempo isto ia levar?

Long disse:

- Estou falando em Saturno e não em Vesta.

Rioz declarou, sem olhar especialmente para ninguém:

- Eu explico que são setecentos milhões de milhas e ele ainda está falando no mesmo assunto!

- Está bem - disse Long. - Que tal você me explicar como é que sabe que só podemos ficar no espaço por seis meses, Mário?

- Raios, todo mundo sabe!

- Quer dizer, porque todo mundo leu isto no Manual para vôos espaciais. São dados recolhidos por cientistas terrestres, baseados nas experiências de

pilotos e astronautas terrestres. Você continua pensando como um Térreo. Você se recusa a pensar como nós, os Marcianos.

- Um Marciano pode ser marciano até onde você quiser, mas ele ainda é um homem.

- Como é que você pode ser tão cego? Quantas vezes vocês todos já ficaram no espaço por mais de seis meses sem interrupção?

Rioz disse:

- Mas isto é diferente.

- Por quê? Porque vocês são marcianos? Porque vocês são Recuperadores profissionais?

- Não. Porque não estamos viajando. Porque podemos voltar para Marte na hora que for necessário.

- Mas vocês não voltam, porque não querem voltar. Era isto que eu queria dizer. Os Terrestres têm naves extraordinárias com grandes cinematecas, com tripulações de quinze homens ou mais, e com passageiros. Mesmo assim só podem ficar no espaço por um máximo de seis meses. Os Recuperadores marcianos têm uma nave com apenas duas cabinas e apenas um companheiro. E mesmo assim conseguimos ficar lá fora por mais que seis meses.

Dora disse:

- Imagino que você pretende ficar numa nave por mais de um ano e ir até Saturno.

- Por que não, Dora? - perguntou Long. - Podemos fazê-lo. Será que você não entende que podemos? Os Terrestres não podem. Os Terrestres possuem um mundo de verdade. Eles têm um céu aberto, comida fresca, todo o ar e toda a água que quiserem. Para eles entrarem numa nave significa uma mudança horrível de todos os seus hábitos. Por isso não conseguem agüentar mais que seis meses. Os Marcianos são diferentes. Nós vivemos numa nave durante praticamente toda a nossa vida. Porque Marte é apenas isto, uma nave. Uma enorme nave espacial, com um diâmetro de quatro mil e quinhentas milhas e apenas um único aposento, uma cabina, ocupada por cinqüenta mil pessoas. Marte está selado como uma nave. Respiramos ar enlatado e bebemos água enlatada que depois purificamos sem parar. Comemos as mesmas rações que se comem nas espaçonaves. Quando embarcamos numa nave, não notamos a diferença: é a mesma coisa que tivemos a vida toda. Podemos agüentar isto por muito mais que um ano, se for necessário,

Dora perguntou:

- O Dick também pode?

- Todos podemos.

- Pois bem, o Dick não pode. Para vocês, tudo isto pode ser uma maravilha: você, Ted Long, e você, Mário, seu ladrão de cascos, vocês podem falar em viajar durante um ano. Vocês são solteiros, mas Dick é casado. Dick tem uma esposa e Dick tem um filho, e para ele, isto é mais do que suficiente. Poderá encontrar um bom emprego aqui em Marte. Diga-me uma coisa: o que aconteceria se, chegando em Saturno, vocês descobrissem que lá não existe água? Como é que vocês voltariam? E mesmo que tivessem água, estariam sem alimentos. Esse é o plano mais ridículo que já ouvi.

- Não. Escute bem - falou Long, tenso. - Já pensei muito neste assunto. Falei com o Comissário Sankov e ele vai nos ajudar. Precisamos, porém de homens e naves. Não posso consegui-las, porque os homens não querem me ouvir: sou um novato. Vocês dois são conhecidos e respeitados. São veteranos. Se vocês me apoiarem, mesmo que vocês não queiram ir pessoalmente, se vocês me ajudarem na organização deste assunto e conseguirem voluntários...

- Em primeiro lugar - rosnou Rioz - você terá que nos dar um bocado de explicações. Ao chegar em Saturno, onde é que vamos encontrar a água?

- Esta é exatamente a coisa mais maravilhosa - disse Long. - É por isto que precisamos ir até Saturno. Lá a água está flutuando no espaço, e poderemos pegá-la com a maior facilidade.

Quando Hamish Sankov chegou em Marte, ainda não existiam Marcianos nativos. Agora havia duzentos e mais bebês, cujos avós já tinham nascido em Marte - quer dizer, eram nativos de terceira geração.

Naquela época, Sankov era um garoto adolescente e em Marte existia muito pouco além de um amontoado de naves espaciais, interligadas por uma rede de túneis subterrâneos, Durante todos aqueles anos, viu edifícios surgirem das profundezas, erguendo cones truncados para cima, naquela atmosfera fina e desprovida de oxigênio. Viu abrir enormes cavernas capazes de engolir naves espaciais com todo seu carregamento. As minas foram ampliadas: a partir de um pequeno túnel, agora já era uma rede enorme de túneis na crosta marciana. E a população de apenas cinco mil tinha aumentado até cinqüenta mil.

Quando se lembrava destas coisas, sentia-se muito velho, e também quando surgiam as lembranças muito apagadas dos Terrestres que tinham chegado a Marte antes dele.

O homem sentado em sua frente fazia surgir todos aqueles pensamentos esquecidos a respeito de um mundo suave e morno, que parecia tão acolhedor para toda a humanidade como o útero de uma mãe.

O Terrestre parecia ter saído recentemente daquele útero. Não era muito alto e também não era magro, aliás, era até gorducho. Cabelos escuros, levemente ondulados, bigodes bem aparados e a pele rosada, limpinha. Suas roupas eram bem cortadas e caíam tão bem, como qualquer roupa feita de plastec. As roupas de Sankov eram de fabricação marciana, limpas e práticas, mas um pouco fora de moda. Seu rosto estava cheio de rugas, os cabelos eram completamente alvos e quando falava, seu gogó pulava.

O Terrestre se chamava Digby e era membro da Assembléia Geral da Terra, Sankov era o Comissário marciano. Sankov falou:

- Tudo isto representa um golpe muito duro para nós, deputado.

- É um duro golpe para todos nós, Comissário.

- Hum. Neste caso não posso afirmar que compreendo os motivos. Entenda bem, não quero afirmar que compreendo os motivos da Terra, apesar de eu ter nascido lá. Marte é um lugar difícil para se viver, deputado, e precisa se inteirar disto. Os alimentos, a água e as matérias-primas tomam um bocado de lugar, e as naves cargueiras não têm outro espaço para nos trazer livros e filmes com noticiários. Os programas de TV só chegam em Marte durante um mês, quando a Terra está em conjunção, e mesmo nessas épocas a gente não tem muito tempo

para ficar ouvindo. Meu gabinete recebe mensalmente um resumo filmado da Imprensa Planetária. Não tenho sequer tempo de me preocupar com isto. É possível que você pense que somos provincianos, e talvez você esteja certo. Quando acontece uma coisa como esta, tudo que podemos fazer é ficar nos entreolhando com a expressão de quem não sabe como se defender.

Digby falou pausadamente:

- Você não está querendo me dizer que seu povo aqui em Marte nunca ouviu mencionar a campanha de Hilder contra o desperdício.

- Não, não posso afirmar isto. Tem, por exemplo, um jovem Recuperador, filho de um bom amigo meu que morreu no espaço - Sankov coçou o pescoço. - O hobby deste rapaz é ler coisas sobre a Terra, a história e coisas assim. Ele consegue pegar transmissões em vídeo quando está no espaço e ele ouviu este homem, Hilder. Pelo que entendi, aquela foi a primeira vez que Hilder investiu contra os Devastadores. O rapaz me contou tudo a respeito. Como era de se imaginar, não o levei a sério. Durante algum tempo me mantive a par das notícias através dos filmes da Imprensa Planetária, mas eles quase não mencionavam Hilder, e o pouco que mencionavam era meio humorístico,

- Pois é, Comissário - concordou Digby. - Quando tudo começou, parecia realmente uma piada.

Sankov esticou suas pernas compridas ao lado da escrivaninha e depois cruzou os tornozelos.

- A minha impressão é que tudo isto ainda continua sendo uma piada. Afinal, quais são as suas razões? Estamos gastando água. Será que ele já fez alguns cálculos? Eu tenho todas as estatísticas. Pedi-as logo que soube da chegada da comissão. Parece que a Terra tem quatrocentos milhões de milhas cúbicas de água em seus oceanos, e cada milha cúbica pesa quatro e meio bilhões de toneladas. Isto é um bocado de água. Nós gastamos um pouco deste bocado para vôos espaciais. A maior parte do empuxo se realiza dentro do campo de gravidade da Terra e isto significa que a água expelida volta logo para a Terra, aliás para os oceanos. Hilder esqueceu-se de mencioná-lo. Quando ele afirma que em cada vôo espacial gastamos milhões de toneladas de água, está mentindo. É muito menos que cem mil toneladas. Agora, imagine que tenhamos cinqüenta mil vôos por ano. É claro, isto é um exagero, porque não temos tantos. Não chegamos a mil e quinhentos. Mas vamos supor, por um momento, que temos cinqüenta mil. Acredito que o número de vôos aumentará muito no futuro. com cinqüenta mil vôos ao ano, perderíamos uma milha cúbica de água no espaço a cada ano, Isto significa que dentro de um milhão de anos, a Terra perderia uma quarta parte de um por cento de toda sua água!

Digby ergueu as mãos com as palmas para cima e depois as deixou cair.

- Comissário, o consórcio das Ligas Metálicas Interplanetárias usou exatamente estes cálculos durante sua campanha contra Hilder, mas é impossível lutar contra um movimento terrivelmente emocional, usando apenas frios cálculos. Este homem, Hilder, inventou um apelido: Devastadores. Aos poucos conseguiu basear neste apelido toda uma enorme conspiração: um bando de aproveitadores brutais e gananciosos que violentavam a Terra em seu próprio benefício. Ele chegou a acusar o Governo de estar infiltrado por Devastadores, afirma que a Assembléia está dominada por eles e que a imprensa está sendo subornada.

Infelizmente, estas balelas não parecem ridículas ao cidadão comum, ao homem da rua. Todo mundo sabe perfeitamente o que o egoísmo humano pode fazer, o que foi feito para acabar com os recursos da Terra. Todo mundo sabe o que aconteceu com o petróleo na Época Difícil, e como foram devastadas as camadas de húmus. Quando um agricultor está sofrendo por causa da estiagem, ele não pensa que a água deixada no espaço é apenas uma gota num nevoeiro, pelo menos a comparada com as enormes reservas da Terra. Hilder lhe ofereceu um bode expiatório, e em caso de desgraça esta é a melhor coisa que um homem pode ter. Ninguém vai abrir mão de seus bodes expiatórios em troca de colunas de algansmos.

Sankov disse:

- Sabe, isto me surpreende. Talvez seja porque eu não sei como as coisas funcionam na Terra, mas tenho a impressão que ela não é povoada exclusivamente por agricultores que sofrem por causa da estiagem. Pelo que consegui entender, os partidários de Hilder são apenas uma minoria. Como é possível que toda a Terra preste ouvido a um punhado de agricultores e outros loucos sortidos, que só sabem atiçar?

- Comissário, isto acontece porque existem criaturas humanas preocupadas. A indústria do aço percebe que uma era dos vôos espaciais dará sempre maior ênfase às ligas de metais leves, não-ferrosos. Os muitos sindicatos de mineiros se preocupam por causa da competição extraterrestre. Qualquer Terrestre que não consegue encontrar alumínio para montar sua casa pré-fabricada, fica convencido que o alumínio está em falta porque vai todo para Marte. Conheço um professor de arqueologia que é um ferrenho anti-Devastador, só porque não consegue uma subvenção do Governo para financiar suas escavações. Ele se convenceu que todas as verbas do Governo são absorvidas por mísseis e pela medicina espacial, e está furioso.

Sankov comentou:

- Parece que o povo da Terra não é muito diferente do povo aqui em Marte. Mas o que você me diz a respeito da Assembléia Geral? Por que os deputados apóiam Hilder?

Digby estirou a boca num sorriso azedo.

- Não é nada agradável ter que explicar a política. Hilder apresentou um projeto para uma comissão que deveria investigar os desperdícios nos vôos espaciais. Acho que três quartos ou até mais da Assembléia queria vetar uma investigação deste tipo, porque redundaria numa inútil e intolerável expansão da burocracia. E é isto mesmo. Por outro lado, como poderiam os legisladores se declararem contrários a uma mera investigação de desperdício? Poderia parecer que os próprios deputados estavam se locupletando com o desperdício. Hilder não tem medo de lançar acusações deste tipo. Verdadeiras ou falsas, estas acusações poderiam influenciar os eleitores na próxima eleição. O projeto foi aprovado. A seguir, surgiu a questão das nomeações para esta comissão. Todos os que eram contrários a Hilder recusaram o encargo, porque significaria uma seqüela de situações embaraçosas. Os que ficassem à margem poderiam ficar a salvo dos ataques de Hilder. O resultado é o seguinte: sou o único membro da comissão abertamente anti-Hilder, e provavelmente não vou ser reeleito.

Sankov falou:

- Sinto muito por isto, deputado, Parece mesmo que Marte não tinha todos os amigos que pensávamos. Não queremos perder mais um. Mas o que é que Hilder quer, afinal?

- Acho que isto é muito claro - respondeu Digby. - É óbvio que ele quer chegar a ser o próximo Coordenador Global.

- Você acha que conseguirá?

- Sem dúvida, se não acontecer algo que o obrigue a parar.

- E depois? Você acha que ele vai se esquecer desta campanha contra os Devastadores?

- Não posso prever. Não sei se Hilder já tem planos para quando chegar a ser Coordenador. Mas se você quer ouvir minha opinião pessoal, acredito que ele não poderá abandonar a campanha sem perder a popularidade. Esta coisa já está além de qualquer controle.

Sankov voltou a coçar o pescoço.

- Estou vendo. Neste caso, quero lhe pedir sua opinião. O que é que nós, povo de Marte, podemos fazer? Você conhece a Terra e conhece a situação. Nós não sabemos nada, Diga o que podemos fazer.

Digby se levantou e foi até a janela. Observou as redomas achatadas dos outros edifícios; entre um e outro só havia uma planície desolada, vermelha e rochosa, debaixo de um céu roxo e um sol encolhido. Perguntou, sem se virar:

- Será que vocês realmente gostam de viver em Marte?

Sankov sorriu.

- A maioria, aqui, não conhece qualquer outro mundo, deputado. Tenho a impressão que os Marcianos achariam a Terra meio esquisita e pouco cômoda.

- Você não acredita que os Marcianos poderiam se acostumar? Depois disto que vocês têm aqui, não seria difícil se acostumar à Terra. Será que este povo acharia difícil se acostumar com o privilégio de respirar ar puro? E de viver debaixo do céu? Você já viveu na Terra. Você deve estar lembrado.

- Eu me lembro vagamente. Mesmo assim não me parece fácil explicar. A Terra existe, e ela se ajeita às pessoas e as pessoas se ajeitam a ela. As pessoas aceitam a Terra assim como ela é. Marte é diferente. É um lugar áspero, duro. As pessoas devem encontrar uma maneira de aproveitar o que existe. Precisam construir seu mundo e não apenas aproveitar o que encontram. Marte ainda não é muita coisa, mas estamos construindo e quando tudo terminar, teremos exatamente o que gostamos. Sabe, é uma sensação formidável saber que a gente está construindo um mundo. Depois disto, a Terra poderia parecer meio monótona.

O deputado disse:

- Mas o Marciano médio com certeza não é um filósofo como você, e não se sente satisfeito de viver num mundo tão inóspito apenas na esperança de um futuro que ainda deve estar muito longe.

- Não, não é bem assim. - Sankov apoiou o tornozelo direito sobre o joelho esquerdo, enquanto falava, e ficou segurando-o. - Como já disse, os Marcianos se parecem bastante com os Terrestres, quer dizer, são criaturas humanas e em geral as criaturas humanas não costumam filosofar muito. Mesmo assim, o fato de viver num mundo em desenvolvimento significa bastante, que a gente pense a respeito ou não. Quando vim para cá, meu pai costumava me mandar cartas. Meu

pai era contador e continuou sendo um contador. Quando morreu, a Terra não era muito diferente de como estava quando ele nasceu. Ele não viu acontecer qualquer coisa. Qualquer dia era exatamente igual a qualquer outro dia, e viver significou apenas assistir ao passar dos dias, até que a morte chegou. Em Marte, as coisas são diferentes. Todos os dias acontece alguma coisa, a cidade aumenta, o sistema de ventilação se torna mais perfeito, os encanamentos que trazem a água dos pólos ficam maiores. Neste momento estamos querendo fundar uma associação de filmes de imprensa independente. Vamos chamá-la Imprensa Marciana. Se você não vive percebendo que em sua volta as coisas estão crescendo e se aperfeiçoando, você não poderá entender como esta sensação é maravilhosa. Acredite, deputado: Marte é um lugar duro e difícil e a Terra é sem dúvida muito mais confortável. Mas estou convencido que se você levasse nossa rapaziada para a Terra, eles se sentiriam infelizes. Talvez a maioria nem compreenderia os motivos, mas se sentiriam perdidos; perdidos e inúteis, Acredito que muitos nunca conseguiriam se acostumar.

Digby se afastou da janela. A pele lisa e rosada de sua testa agora estava franzida.

- Neste caso, Comissário, sinto muito por você. Aliás, por todos vocês.

- Por quê?

- Porque acho que não há nada que o povo de Marte possa fazer. E não há nada que o povo em Vênus e na Lua possam fazer. A coisa não acontecerá logo, talvez apenas daqui a um ano ou dois. Talvez apenas daqui a cinco anos. Mas não vai demorar, e todos vocês terão que voltar para a Terra, a não ser que...

Sankov franziu as sobrancelhas alvas.

- A não ser que?...

- A não ser que vocês consigam encontrar uma outra fonte de água que não seja a Terra.

Sankov sacudiu a cabeça.

- Isto parece meio impossível, você não acha?

- Pois é.

- E você acredita que se não acharmos, não temos qualquer chance?

- Nenhuma, mesmo.

Digby se levantou e foi embora e Sankov ficou por algum tempo olhando para o vazio. Depois tocou uma série de tecias da linha de comunicação local. Alguns instantes mais tarde apareceu o rosto de Ted Long. Sankov falou:

- Você estava certo, filho. Eles não poderão fazer nada. Mesmo que tenham boas intenções não conseguem encontrar uma saída. Como é que você previu isto?

- Comissário - respondeu Long - quando a gente leu tudo que existe sobre a Época Difícil, especialmente a respeito do vigésimo século, qualquer coisa que aconteça no âmbito político não pode surpreender.

- Talvez. De qualquer forma, filho, o deputado Digby sente muito por nós, sente sinceramente, mas é só. Ele afirma que teremos que ir embora daqui - ou então teremos que encontrar água em algum outro lugar.

- Comissário, você sabe que podemos encontrar água, não é?

- Filho, sei que talvez poderíamos, mas os riscos são terríveis.

- Se eu encontrar bastantes voluntários, pode deixar os riscos conosco.

- Como é que as coisas estão indo?

- Não posso me queixar. Alguns rapazes estão do meu lado, Consegui convencer Mário Rioz, e você sabe que ele é um dos melhores.

- É isto que me preocupa - os voluntários serão nossos melhores homens. Estou em dúvida porque Vou ter que lhes dar meu consentimento.

- Se conseguirmos voltar, você também achará que o resultado valeu o sacrifício.

- Se! É uma palavra muito grave!

- Estamos tentando fazer algo de vastas proporções.

- Está certo. Comprometi minha palavra para o caso que na Terra ninguém estivesse disposto a nos ajudar. Vou providenciar que o posto de abastecimento de Phobos lhes entregue toda a água necessária. Boa sorte.

Mário Rioz estava pairando a meio milhão de milhas acima de Saturno, e assim, apoiado em nada, seu sono era delicioso. Acordou vagarosamente e durante algum tempo, sozinho em seu macacão espacial, ficou contando estrelas e imaginando linhas que corressem de uma à outra.

No começo, enquanto as semanas se seguiam, pareciam que estavam todos mais uma vez numa expedição de Recuperadores, a não ser pela sensação angustiante provocada por saber que a cada minuto se afastavam de mais alguns milhares de milhas da humanidade. Isto não contribuía para amenizar as coisas.

Tinham escolhido a rota subindo muito, para sair do eclíptico, enquanto atravessavam o Cinturão de Asteróides. Esta manobra provavelmente era desnecessária e acabou por gastar um bocado de água. Aquelas dezenas de milhares de pequenos mundos podem parecer estreitamente amontoados numa fotografia bi-dimensional, mas, na realidade, eles ficam esparsos nos quatrilhões de milhas cúbicas que formam a aglomeração de sua órbita, e só por uma coincidência que poderia ser até definida ridícula, uma nave espacial poderia colidir com um asteróide.

De qualquer forma, decidiram passar por cima do Cinturão e alguém decidiu calcular as probabilidades de colisão com um fragmento de matéria suficientemente grande para provocar prejuízos. O resultado mostrou uma probabilidade tão ínfima que era inevitável que alguém pensasse em "flutuar no espaço".

Os dias eram compridos, um seguia o outro de maneira igual, e o espaço estava vazio: bastava que um único homem ficasse nos controles. O pensamento surgiu de maneira perfeitamente natural.

O mais audacioso saiu primeiro e ficou por quinze minutos. Depois um outro tentou a mesma façanha e se demorou meia hora. Antes mesmo que os asteróides tivessem desaparecido por completo, em cada nave o homem que terminava seu turno ficava suspenso no espaço, arrastado por um cabo.

Era muito fácil. O cabo, que era o tipo que seria usado no fim da viagem, ficava atado magneticamente nas duas pontas, e uma delas estava presa no macacão. A seguir, o homem saía da câmara de compressão e ficava no casco da nave. Então esperava um pouco, preso ao metal pelas solas eletromagnéticas das botas. Finalmente neutralizava as solas e depois só fazia um leve movimento muscular.

Então, vagarosamente, o homem elevava acima da nave e a nave parecia descer com o mesmo movimento suave e lento. O homem ficava a flutuar numa escuridão salpicada de estrelas. Quando a nave ficava a uma distância apropriada, a mão dentro da manopla segurava levemente o cabo. Mas o toque devia ser leve, porque o menor esforço poderia reaproximar o homem da nave. O homem procedia à mesma velocidade da nave, e ela parecia imóvel, como pintada num cenário impossível, com o cabo enrolado em espirais que pareciam não ter qualquer motivo para endireitar.

O homem tinha a impressão de ver só meia nave. Uma metade estava iluminada pela claridade fraca do Sol, que ainda assim era forte demais e não podia ser suportada sem a proteção da espessa chapa polarizada do capacete. A outra metade era invisível, preta no meio da escuridão.

O espaço parecia se aproximar e proporcionava a idéia do sono.

O macacão era morno, seu ar se renovava automaticamente, possuía comida e água em recipientes especiais que poderiam ser sugados com um movimento mínimo da cabeça, e eliminava todos os dejetos de maneira apropriada. Mas, sobretudo, a total ausência de peso proporcionava uma fascinante euforia.

Nunca mais poderiam se sentir tão bem, por todo o resto de suas vidas. Os dias não pareciam mais compridos, aliás passaram a não ter horas suficientes, e já não eram muitos, eram poucos demais.

Tinham ultrapassado a órbita de Júpiter num ponto de trinta graus de sua posição naquela época. Durante seis meses, Júpiter continuou sendo o objeto mais luminoso no céu, exceto a ervilha branca e brilhante que era o Sol. Durante muito tempo sua luminosidade ficou mais intensa, alguns Recuperadores juraram que podiam distinguir uma minúscula esfera, levemente achatada num lado, por causa da sombra noturna.

Durante alguns meses, a luminosidade de Júpiter foi diminuindo, enquanto um outro ponto luminoso aumentava e se revelava ainda mais brilhante que Júpiter. Era Saturno.

No começo era apenas um pontinho luminoso, e depois começou a aparecer como uma macha oval e bruxuleante.

-Por que oval? - perguntou alguém, depois de algum tempo, e um outro respondeu: - Ora, por causa dos anéis! - e todos acharam que era óbvio.

Quando o fim da viagem já estava próximo, todos flutuavam no espaço logo que podiam, para poder observar Saturno sem parar.

-Ei, você, cara, volte para dentro, agora é sua vez.

– Ainda não é meu turno, faltam quinze minutos.

- Você atrasou seu relógio de propósito, seu vigansta. E, por sinal, ontem eu lhe dei vinte minutos dos meus.

- Pois sim, você não daria um minuto nem à sua avó.

- Escute, volte para dentro se não quiser que eu também saia para fora.

- Tá bom, já estou voltando. Puxa, que barulheira por um miserável minuto.

Mas as brigas não eram sérias, não podiam ser sérias no espaço. Era tudo maravilhoso.

Saturno cresceu e cresceu até que alcançou a tamanho do Sol. Os anéis, que ficavam inclinados em relação à trajetória de aproximação, deslizavam

majestosamente em volta do planeta e só uma pequena porção ficava eclipsada, Enquanto se aproximavam, o espaço entre os anéis ficou maior, e ao mesmo tempo diminuía porque o ângulo de aproximação também ficava mais apertado.

As luas maiores apareceram no céu, como pirilampos tranqüilos. Mário Rioz sentiu-se feliz por estar acordado e poder observar mais um pouco. Saturno ocupava metade do céu, cheio de estrias alaranjadas e a sombra da noite cobria um quarto de sua extensão do lado direito. Dois pequenos pontos escuros na parte iluminada eram sombras das duas luas. À esquerda, e um pouco atrás dele, se encontrava o diamante branco do Sol. Podia olhar por cima do ombro e enquanto o fazia, o resto de seu corpo avançou um pouco mais para a direita.

Chegou à conclusão que gostava especialmente de observar os anéis. Emergiam atrás de Saturno, do lado esquerdo, como uma larga faixa tríplice de luz alaranjada.

Do lado direito, o primeiro trecho desaparecia na sombra noturna, mas o resto era muito mais largo e mais aproximado. As faixas se abriam enquanto se aproximavam, como a base de um chifre, ficando mais nebulosas e indistintas, e ao percorrer seus contornos com os olhos, de repente elas pareciam encher o céu e desaparecer.

Da posição da frota de Recuperadores, que se encontrava exatamente ao lado da orla externa do último anel, todos os anéis eram visíveis e mostravam sua verdadeira composição: uma extraordinária aglomeração de fragmentos sólidos, e não uma espessa e concreta faixa de luz como podia parecer à primeira vista.

Mais embaixo, ou melhor, na direção da ponta de seus pés e a uma distância de aproximadamente vinte milhas, podia ver um daqueles fragmentos do anel. Parecia uma grande mancha de tamanho irregular que contrastava um pouco com a simetria do espaço, iluminada por três quartos e com uma parte tomada por profundas sombras. Havia outros fragmentos mais adiante, que brilhavam como poeira de estrelas, tornando-se mais agregados e mais apagados na distância, até que voltavam a tomar a forma de anel.

Os fragmentos se mantinham imóveis, mas isto dependia do movimento das naves que estavam girando em volta de Saturno numa órbita equivalente à do anel mais externo e à mesma velocidade.

Rioz pensou no dia anterior, quando estava sobre o fragmento, trabalhando junto com os outros, para amoldá-lo na forma desejada. Amanhã iria mais uma vez. Mas hoje... hoje ia ficar flutuando no espaço.

- Mário? - A voz em seus auriculares era interrogativa.

Rioz teve um gesto de impaciência. Raios, não estava com vontade de conversas.

- Estou ouvindo - disse.

- Pensei que aquela nave devia ser a sua. Como é que vai?

- Tudo em ordem. E você Ted?

- O mesmo - respondeu Long.

- Aconteceu alguma coisa estranha no fragmento?

- Não. Estou do lado de fora, flutuando,

- Você?

- Pois é, às vezes fico com vontade. Que maravilha, você não acha?

- Bonitinho - disse Rioz.

- Sabe, li uma porção de livros da Terra...

- Você quer dizer, livros térreos – Rioz bocejou e por isto não conseguiu pronunciar as palavras com suficiente desdém.

-... e às vezes encontrei descrições de gente deitada sobre a grama - continuou Long. - Sabe, aquela coisa verde que se parece com finos recortes de papel verde que cobre o chão lá embaixo, e aquelas pessoas olhavam para cima, para o céu azul cheio de pequenas nuvens. Você já assistiu algum filme com uma cena assim?

- Sim, mas não me entusiasmei. Tive a impressão que devia ser frio.

- Acho que você se engana. Afinal a Terra se encontra muito perto do Sol e dizem que sua atmosfera é bastante espessa para reter o calor. Admito que eu não gostaria de ficar assim, sob o céu, com apenas minhas roupas me protegendo. Mas imagino que eles devem gostar.

- Os Térreos são loucos!

- Também falam a respeito de árvores, que são grandes troncos marrons, e a respeito do vento - sabe, o ar que se mexe.

- Você que dizer, ar encanado. Podem ficar com isto também.

- Não é isto que interessa. Quero dizer, eles descrevem tudo isto muito bem, de uma forma quase apaixonada. Muitas vezes fiquei pensando como tudo aquilo poderia ser de verdade. Será que algum dia eu também poderia sentir a mesma coisa, ou é algo reservado exclusivamente aos Terrestres? Muitas vezes tive a impressão que estava me faltando algo importante, vital. Mas agora sei como deve ser. Como isto. Uma paz total ao centro de um universo repleto de felicidade.

Rioz disse:

- Eles não gostariam. Quero dizer, os Térreos. Eles estão tão acostumados com seu pequeno mundo piolhento, que não poderiam apreciar esta sensação de ficar flutuando e de olhar para Saturno. Virou o corpo levemente e começou a oscilar suavemente para frente e para trás, num movimento lento e doce.

Long disse:

- Sim, eu também acho, Eles são escravos de seu planeta. Mesmo que fossem até Marte, só seus filhos conseguiriam se libertar. Um dia teremos naves interestelares, naves enormes que poderão levar mil pessoas de uma só vez, com a possibilidade de manter seu equilíbrio intrínseco durante décadas ou talvez séculos. A humanidade se espalhará por toda a Galáxia. Mas as pessoas terão que viver suas vidas a bordo até que se encontrem novos métodos de navegação interestelar, e por isto serão os Marcianos, e não os Terrestres, que colonizarão o Universo. É inevitável. Tem que ser assim. Esta é a maneira de viver marciana.

Rioz não respondeu. Estava mais uma vez cochilando, balançando levemente a meio milho de milhas acima de Saturno.

O turno de trabalho sobre o fragmento do anel de Saturno representava o reverso da medalha. A ausência de peso, a paz, a privacidade proporcionada pela flutuação no espaço ficava substituída por algo que carecia de paz e de privacidade. Aliás, até a ausência de peso, que não desaparecia, naquela situação tão diferente, era mais um entrave que uma ajuda.

Tente manusear um projetor de calor normal e não portátil. Ele podia ser erguido, apesar de sua altura de dois metros e de sua largura igual, e apesar de

estar construído em metal, porque seu peso equivalia a uma fração de cem gramas. Por outro lado, sua inércia era a de sempre, e isto significava que devia ser empurrado com muito cuidado até a posição certa, caso contrário continuaria a se movimentar na mesma direção, arrastando a pessoa consigo. Neste caso, era necessário aumentar o campo de pseudo-gravidade do macacão, e a conseqüência era que a gente ressentia um impacto violento.

Keralski exagerou um pouco ao aumentar seu campo de pseudogravidade e sua queda foi feia e desagradável, especialmente porque o projetor caiu junto com ele, com uma inclinação perigosa. O tornozelo ficou machucado e este foi o primeiro revés da expedição.

Rioz praguejava quase sem parar. Não conseguia controlar o impulso de passar a mão sobre a testa para enxugar o suor que estava brotando de seus poros. As poucas vezes que se deixara levar a fazer o gesto, sua manopla metálica tinha batido contra a chapa de silicone, e o impacto ribombou com força no interior do capacete, mas sem proporcionar qualquer alívio. Os dissecadores no interior do macacão estavam trabalhando no máximo e recuperando, evidentemente, toda a água, repondo o líquido adicionado de uma dose adequada de sal, nos receptáculos apropriados.

Rioz berrou:

- Raios, Dick, espere até eu dizer que pode!

A voz de Swenson chegou pelos auriculares:

- Quer me dizer até quando terei que ficar no mesmo lugar?

- Até eu falar!

Reforçou a pseudogravidade e suspendeu levemente o projetor. Soltou a pseudo-gravidade, cuidando que o projetor continuasse por alguns minutos na mesma posição, mesmo que ele não o sustentasse. Chutou o cabo que estava atrapalhando (e que se estendia além do "horizonte"), até uma fonte de energia que não era visível do ponto em que se encontrava, e fechou o circuito.

O material do fragmento ferveu e se desfez, desaparecendo. Uma porção da borda do enorme buraco já escavado fundiu e ficou bem lisa.

- Experimente agora - gritou Rioz.

Swenson se encontrava na nave que parava acima da cabeça de Rioz. Swenson gritou:

- Tudo pronto?

- Já falei para ir em frente,

Um fino jato de vapor surgiu numa das aberturas anteriores da nave. A nave desceu em direção ao fragmento. Mais um leve jato corrigiu uma tendência para derivar para um lado. Começou a descer em linha reta.

Um terceiro jato saiu de uma abertura posterior e diminuiu a velocidade, A nave descia com a leveza de uma pluma. Ríoz observava a manobra, muito tenso.

– Continue. Está indo bem. Vai conseguir.

A porção traseira da nave penetrou no buraco, sem quase deixar espaço. As paredes se aproximaram e a nave parou, vibrando enquanto raspava as paredes. Swenson soltou um palavrão.

- Não cabe! - berrou.

Rioz jogou o projetor no chão num ímpeto de fúria e pulou para cima, subindo para o espaço. O projetor provocou uma nuvem de cristais brancos e quando Rioz voltou a colocar os pés no chão, aconteceu o mesmo. Gritou:

- Você entrou enviesado, seu Térreo imbecil!

- Eu entrei reto, seu camponês retardado!

Os jatos laterais da nave, virados para trás, jorravam vapor com mais força e Rioz se afastou da beirada. A nave saiu do buraco raspando e depois subiu uma milha para cima, antes que Swenson conseguisse pará-la.

Swenson falou:

- Se repetirmos a façanha, vamos arrebentar meia dúzia de chapas do casco, Procure fazer melhor, desta vez.

- Não se preocupe comigo, Vou dar um jeito. Tente descer reto da próxima vez, está bem?

Rioz pulou para o alto e subiu mais ou menos por trezentos metros para poder observar o buraco até o fundo. As marcas deixadas pela nave eram evidentes, sobretudo num ponto a meia altura.

O calor concentrado do projetor começou a fundir a parede. Meia hora mais tarde a nave se acomodou no buraco. Swenson, em seu macacão espacial, saiu e se aproximou de Rioz.

Swenson disse:

- Se você quiser entrar na nave e tirar o seu macacão, posso terminar o trabalho.

- À vontade, mas eu prefiro ficar sentado aqui e olhar para Saturno.

Sentou-se à beira do buraco. Entre a parede do buraco e a nave havia uma distância de dois metros. Em alguns pontos do círculo esta distância era de apenas sessenta centímetros e em outros apenas de alguns centímetros. Por outro lado, sendo um trabalho artesanal, ninguém poderia fazer melhor. Os ajustes finais seriam feitos derretendo o gelo devagar e deixando congelar de novo, fechando os interstícios entre a nave e a parede do buraco.

Saturno se movimentava visivelmente no céu. Rioz perguntou:

- Quantas naves teremos que enterrar ainda?

Swenson respondeu:

- Pelo que me consta, éramos onze. A minha está guardada, daí, só restam mais dez. Sete já estão firmes dentro do gelo. Duas ou três foram desmanteladas.

- Estamos progredindo bem.

- Ainda resta muito o que fazer. Não se esqueça dos jatos principais na outra extremidade, E os cabos e os condutores. Às vezes eu me pergunto se chegaremos a terminar a tarefa. Enquanto vínhamos para cá, a coisa não me perturbava muito, mas ainda há pouco eu estava sentado em frente aos controles e pensava: Não vamos conseguir. Vamos ficar aqui, e morrer todos de inanição e de frio, com apenas Saturno acima de nós, Tudo isto me provoca uma sensação de...

Não terminou a frase. Ficou sentado em silêncio. Rioz comentou:

- Você não deveria pensar tanto.

- Para você é diferente - respondeu Swenson. - Não consigo deixar de pensar em Pete e em Dora.

- Por quê? Ela disse que você podia ir, não foi? O Comissário falou com ela, elogiando seu patriotismo e explicou que você era um herói e que quando você voltasse, nunca mais teria uma preocupação pelo resto de sua vida, e ela disse que você podia ir. Você não saiu escondido como Adams.

- Mas com Adams é diferente, A mulher de Adams nunca deveria ter nascido, algumas mulheres gostam de infernizar um homem. Ela não queria que ele fosse e, por outro lado, provavelmente espera que não volte mais, para poder receber a aposentadoria.

- Então, o que é que há com você? Dora quer que você volte, não é?

Swenson suspirou.

- Eu nunca a tratei como ela merece.

- Você lhe entregava até o último centavo e eu não faria isto com mulher nenhuma. Eu só daria dinheiro correspondente ao valor recebido, nada mais.

- Não é uma questão de dinheiro. Aqui, longe de tudo, comecei a pensar. Uma mulher precisa de companhia, Um garoto precisa de um pai. O que diabo estou fazendo aqui, tão longe?

- Está se preparando para voltar para casa.

- Ah, você não entende...

Ted Long caminhava a esmo sobre a superfície acidentada do fragmento do anel, no maior desânimo. Em Marte, tudo parecia perfeitamente lógico. Tinha elaborado o plano, etapa por etapa, e tudo parecia completamente racional. Lembrava perfeitamente todo o seu raciocínio.

Para movimentar uma tonelada de nave não precisava ter uma tonelada de água. Não era uma questão de massa igual a massa, mas de massa vezes velocidade. Em outras palavras, não era importante que você ejetasse uma tonelada de água a uma milha por segundo, ou apenas cinqüenta quilos de água a vinte milhas por segundo, De ambas as maneiras, você chegava a conseguir a mesma velocidade final da nave.

Isto significava que os bicos dos jatos deviam ser mais estreitos e o vapor precisava ter uma temperatura mais elevada. Então apareceram alguns inconvenientes. Os bicos mais estreitos significavam uma maior perda de energia por causa da fricção e da turbulência. A temperatura mais alta do vapor exigia bicos mais refratários, cuja duração de vida era mais breve. Logo viram qual era o limite.

Considerando que um certo peso de água podia movimentar um peso muito maior que o próprio, ajudado por aqueles bicos mais estreitos, valia a pena aumentar o tamanho.

Quanto maior o espaço para a armazenagem da água, maior poderia ser o módulo de comando. Então começaram a construir naves maiores e mais pesadas. Entretanto, com os cascos maiores, as escoras precisavam ser mais pesadas, a soldagem ficava mais difícil e os requisitos técnicos se tornavam mais minuciosos. Logo chegaram ao limite destas possibilidades.

Finalmente, conseguiu encontrar o que lhe pareceu o erro fundamental, o conceito original e imutável do combustível que devia ser colocado no interior da nave.

O metal devia ser moldado de maneira a conter um milhão de toneladas de água.

Por quê? A água não precisava ser água. Podia ser gelo, e o gelo podia ser moldado de todas as maneiras. Podia-se derretê-lo, fazendo buracos. Os módulos e os jatos podiam ser colocados nos buracos. Os cabos podiam juntar firmemente módulos e jatos pela força dos campos magnéticos.

Enquanto caminhava, Long sentia o chão vibrar debaixo de seus pés. Estava no ponto mais alto do fragmento. Uma dúzia de naves penetrava e saía de buracos derretidos em sua substância, e o fragmento vibrava pelo efeito dos impactos continuados.

Não havia necessidade de recortar porções de gelo. Nos anéis de Saturno havia bastante fragmentos de tamanho apropriado. Os anéis eram todos assim, compostos de pedaços de gelo puro, girando em volta de Saturno, a espectroscopia assim tinha anunciado e os fatos confirmavam. Estava agora mesmo num destes fragmentos, com quase duas milhas de comprimento e uma milha de espessura. Representava quase meio bilhão de toneladas de água, num único pedaço que ele agora estava pisando com seus pés.

Entretanto, agora precisava enfrentar a realidade da vida. Nunca explicara aos outros homens quanto tempo estimava necessário para transformar o fragmento numa nave, tinha certeza que não levaria mais que dois dias. Entretanto, já estavam trabalhando há mais de uma semana e ele não ousava pensar quanto tempo levariam ainda.

Já não acreditavam que poderiam terminar a tarefa. Poderiam realmente controlar os jatos com suficiente delicadeza através dos condutores escavados em mais de duas milhas de gelo, para conseguir sair da gravidade de Saturno?

A água potável estava diminuindo, mas isto não era o maior problema: podiam derreter o gelo. Eram as diminutas reservas de alimentos que mais o preocupavam.

Olhou para cima, esforçando a vista. Aquele objeto estava mesmo aumentando de tamanho? Precisaria medir a distância, mas não sentiu vontade. Voltou a pensar em assuntos mais imediatos.

Felizmente, o moral era alto. Os homens pareciam felizes de estar em Saturno. Eram os primeiros humanos a chegar até tão longe, os primeiros a ultrapassar os asteróides a ver Júpiter a olho nu, os primeiros a ver Saturno - assim, como o viam.

Não podiam imaginar que cinqüenta Recuperadores veteranos e calejados, verdadeiros ladrões de cascos, pudessem sentir este tipo de emoções. Mas era assim, e eles se sentiam orgulhosos. Dois homens e uma nave meio coberta de gelo apareceram em seu horizonte móvel.

- Olá! - gritou.

Rioz respondeu:

- É você, Ted?

- Sim, sou eu. Você está com Dick?

- Sim. Chegue mais perto. Estávamos nos preparando para encher o buraco de gelo, e procurávamos uma desculpa para descansar um pouco,

- Eu não - protestou Swenson. - Quando é que poderemos sair daqui?

- Logo que estivermos prontos, mas isto não é uma resposta, não é mesmo?

Swenson estava desanimado.

- Imagino que não existe uma resposta diferente.

Long olhou para cima, observando o objeto brilhante de formas irregulares, no céu. Rioz percebeu seu olhar.

- O que é que há?

Long hesitou antes de responder. O céu estava todo negro e os fragmentos do anel se destacavam como grãos alaranjados. Saturno encontrava-se por três quartos abaixo da linha do horizonte e os anéis o estavam seguindo. A meia milha de distância uma nave passou ao lado da margem do planetóide, subiu no céu, ficando alaranjado, e logo desceu mais uma vez. O chão tremeu, Rioz perguntou:

- Você está se preocupando por causa da Sombra?

Era assim que chamavam aquele fragmento que se encontrava bastante próximo, considerando que estavam na borda externa do anel, onde os fragmentos tinham uma maior distância entre si. O fragmento em questão, claramente visível em forma de montanha cheia de cumes, se encontrava a talvez vinte milhas.

- O que é que você acha disto? - perguntou Long.

Rioz encolheu os ombros.

- Acho que está normal. Não vejo nada de errado.

- Você não acha que está ficando maior?

- Por que deveria ficar maior?

- Você acha ou não acha? - insistiu Long.

Rioz e Swenson se concentraram na observação do fragmento.

- Realmente parece maior - disse Swenson.

- Você está querendo nos influenciar - argumentou Rioz. - Se estivesse ficando maior, significaria que está se movimentando.

- Por que você acha que é impossível?

- Estas coisas têm órbitas estáveis.

- Tinham órbitas estáveis quando chegamos - falou Long. Pronto, vocês perceberam isto?

O chão voltara a tremer. Long observou:

- Há uma semana que estamos fazendo buracos neste fragmento. Primeiro aterrissaram vinte e cinco naves espaciais, e este fato influiu em sua velocidade. Não muito, mas um pouquinho. A seguir, começamos a derreter o gelo para fazer buracos, e nossas naves começaram a entrar neles e depois a sair. A mais, tudo isto acontece de um lado só do fragmento, É possível que nesta semana contribuímos para mudar sua órbita, mesmo que seja apenas um pouco. É possível que os dois fragmentos, este aqui e a Sombra, estejam convergindo.

- Existe espaço suficiente para que possa nos evitar. - Rioz ainda estava observando o fragmento. - Por sinal, se não conseguimos ter certeza que está realmente aumentando de tamanho, qual poderá ser sua velocidade? Quero dizer, em relação à nossa.

- Não é necessário que se movimente a grande velocidade. Sua quantidade de movimento é igual à nossa. Isto significa que, mesmo que encoste suavemente em nós, acabará por nos empurrar completamente para fora de nossa órbita,

talvez até em direção de Saturno, para onde não queremos ir. Além do mais, o gelo tem baixa resistência à tração e existe a possibilidade que ambos os planetóides fiquem reduzidos a cascalho.

Swenson se levantou.

- Raios, se eu sei como um casco vai se movimentar a mil milhas de distância, posso saber o que uma montanha está fazendo a vinte milhas daqui.

- Saiu em direção à nave. Long não tentou retê-lo.

Rioz observou:

- O rapaz anda meio nervoso.

O planetóide próximo subiu até o zênite, passou por cima de suas cabeças e começou a descer. Vinte minutos mais tarde o horizonte oposto àquele no qual Saturno desaparecera, se iluminou de uma luz alaranjada enquanto voltava a aparecer. Rioz chamou pelo rádio:

- Dick, o que está fazendo, está dormindo?

- Estou averiguando.

- Está se movimentando?

- Sim.

- Em nossa direção?

Houve um breve intervalo e depois Swenson falou, desanimado:

- Vem direitinho para cá. A intersecção das órbitas acontecerá dentro de três dias.

- Você ficou louco! - berrou Rioz.

- Refiz todos os cálculos quatro vezes - respondeu Swenson. Long, estarrecido, pensou: - o que vamos fazer agora?

Alguns homens estavam tendo dificuldades com os cabos. Deviam ser colocados meticulosamente e sua geometria devia ser quase perfeita, porque só assim o campo magnético poderia chegar à força máxima. No espaço, ou até no ar no teria importância. Os cabos acabariam por se alinhar automaticamente logo que fossem ligados à energia.

Aqui, porém, as coisas eram diferentes, Precisava abrir uma canaleta na superfície do planetóide e colocar o cabo no sulco. Se não estivesse alinhado exatamente na direção calculada, o planetóide ia ser submetido a um movimento de torção que resultaria numa perda de energia, e eles não tinham energia suficiente para desperdiçá-la. A seguir, precisava recomeçar de novo, recolocar os cabos e congelá-los no lugar. Os homens executavam o trabalho vagarosamente, esgotados pelo cansaço. Finalmente ouviram a ordem:

- Todo mundo, aos jatos!

Os Recuperadores não eram pessoas que se submetiam facilmente a qualquer disciplina, Começaram a desmontar os jatos das naves que ainda estavam intactas, resmungando e praguejando, e os levaram para a parte oposta do fragmento, colocando-os em posição e esticando os condutores sobre a superfície.

Passaram-se mais vinte e quatro horas e de repente um homem olhou para o céu e exclamou:

- Ora esta! e acrescentou um palavrão, um outro, que se encontrava ao seu lado. olhou e disse:

- Quero ser mico!

Todos começaram a perceber, um após o outro. O fato se transformou no acontecimento mais estarrecedor do Universo.

- Olhe para a Sombra!

O planetóide estava se espalhando pelo céu como uma chaga infecta, Os homens olhavam para cima, viam que seu tamanho estava dobrado e se perguntavam por que não tinham reparado antes.

O trabalho, praticamente, parou. Cercaram Ted Long. Ele explicou:

- Não podemos ir embora. Não temos combustível suficiente para voltar para Marte e não temos equipamento para trocar de planetóide. Temos que ficar. A sombra está se aproximando porque todos os trabalhos feitos aqui obrigaram este fragmento a modificar sua órbita, Precisamos continuar para sair dessa situação. Não podemos continuar derretendo o gelo na frente, sem comprometer a nave que estamos construindo. Então, vamos tentar de maneira diferente.

Voltaram a trabalhar nos jatos com energia redobrada, que se renovava a cada meia hora quando a Sombra voltava a surgir no horizonte, sempre maior e mais ameaçadora.

Long não sabia se isto podia dar certo, mesmo que os jatos obedecessem aos controles muito distantes, mesmo que o abastecimento de água que dependia de uma câmara de armazenagem no interior do próprio planetóide, alimentado por projetores embutidos, se demonstrasse adequado, ainda não tinha certeza que o corpo do planetóide continuaria inteiro sem a proteção de uma rede de cabos magnéticos a cobri-lo e a protegê-lo contra as formidáveis tensões disruptoras.

O receptor de Long recebeu o sinal.

- Tudo pronto!

Long repetiu:

- Pronto! - e ligou o contato. A vibração começou a aumentar em sua volta. As estrelas visíveis na chapa do visor pareciam tremer. O retrovisor indicava uma nuvem distante de cristais de gelo em movimento.

- Os jatos funcionam! - foi o grito geral.

E continuaram a funcionar. Long não teve ânimo para desligar. Continuaram a funcionar durante seis horas, borbulhando, silvando e lançando vapor para o espaço, o corpo do planetóide começou a se transformar em vapor.

A Sombra se aproximou a tal ponto que os homens não podiam fazer outra coisa a não ser olhar para aquela montanha no céu, cuja aparência era mais espetacular que a do próprio Saturno. Seus picos e vales pareciam cicatrizes. Entretanto, quando cortou a órbita do planetóide, ficou evidente que estava a mais de meia milha além da zona de perigo.

Os jatos foram desligados. Long inclinou a cabeça e cobriu os olhos com as mãos. Não comia há dois dias. Agora podia comer. Não havia qualquer outro planetóide próximo que pudesse interceptá-los, mesmo que começasse a se aproximar agora mesmo.

Quando voltaram para a superfície de gelo, Swenson falou:

- Enquanto observava a descida daquela maldita rocha, eu repetia em pensamento: Isto não pode acontecer, não podemos deixar que aconteça.

- Diabo - disse Rioz - todo mundo estava nervoso. Vocês viram Jim Davis? Estava esverdeado. Confesso que até eu fiquei tenso.

- Não é isto. Não era apenas por causa da possibilidade de... morrer. Você me entende - respondeu Swenson, - Eu estava pensando, sei que pode parecer engraçado, mas o que é que eu vou fazer? Eu estava pensando que Dora me avisou e que ela nunca mais vai parar de falar no assunto. Você não acha que foi uma idéia bastante esquisita num momento como aquele?

- Escute - disse Rioz - você queria se casar e se casou. Por que agora você quer chorar em meu ombro?

A flotilha, agora amoldada e soldada numa única unidade, estava voltando, pela mesma rota, de Saturno para Marte. A cada dia percorria um trecho que levaram nove dias para vencer durante a ida.

Ted Long mantinha toda a tripulação em estado de emergência. Vinte e cinco naves encravadas no planetóide arrancado do anel de Saturno, e incapazes de se movimentar ou de manobrar de forma independente, apresentavam um problema extremamente delicado em matéria de coordenação de fontes de energia, para conseguir um empuxo equilibrado.

Durante o primeiro dia da viagem foram sacudidos com tamanha violência que tiveram a impressão de estar se soltando de suas próprias peles.

Os inconvenientes foram superados aos poucos, enquanto sua velocidade aumentava num crescendo constante. No fim do segundo dia ultrapassaram a marca das cem milhas por hora, e continuaram a aumentar até ao milhão de milhas por hora e além.

A nave de Long, que era a ponta da flotilha congelada, era a única que permitia uma vista do espaço em cinco direções, Era uma posição bastante incomoda, considerando as circunstâncias. Long ficava observando, muito tenso, e imaginava que, por efeito da espantosa velocidade da nave múltipla, as estrelas a qualquer momento começariam a desaparecer para trás.

Obviamente, isto não aconteceu. As estrelas continuaram imóveis, destacando-se naquele cenário negro e sua imobilidade paciente parecia escarnecer de qualquer velocidade conseguida pelo homem.

Depois dos primeiros dias, os homens começaram a se queixar. Não era apenas pelo fato que já não podiam ficar flutuando nos momentos de folga, mas porque os efeitos da espantosa aceleração eram muito desagradáveis do que o normal do campo de pseudogravidade das naves. Long também estava cansadíssimo pela pressão terrível e constante que o amassava contra as almofadas hidráulicas.

Tiveram que desligar os jatos durante uma hora a cada quatro, e Long estava preocupado. Tinham saído de Marte há um ano, O que poderia ter acontecido durante este tempo? Será que a colônia ainda existia?

Impelido por uma angústia crescente, Long transmitia todos os dias impulsos radiofônicos em direção a Marte, aumentando-os com o esforço reunido das vinte e cinco naves. Mas nunca recebia qualquer resposta. Por outro lado, não esperava resposta. Marte e Saturno se encontravam agora em lados opostos do Sol, e só quando conseguissem subir muito acima do eclíptico e o Sol ficasse bastante afastado da linha que os ligaria com Marte, poderia esperar que seus sinais fossem ouvidos sem interferência solar.

Conseguiram a velocidade máxima acima da margem externa do Cinturão de Asteróides. A enorme nave virou, dirigida pelos jatos laterais, acionados

alternadamente. O giGantesco jato posterior composto voltou a rugir, mas agora estava desacelerado.

Passaram a cem milhões de milhas acima do Sol e a rota começou a se encurvar para interceptar a órbita de Marte. Uma semana antes da chegada prevista começaram a ouvir sinais de Marte: eram incompreensíveis por causa da interferência etérica, mas eram indubitavelmente de Marte.

A Terra e Vênus se encontravam em ângulos tão diferentes que podiam ser excluídas. Long começou a ficar mais aliviado. Fosse como fosse, ainda havia criaturas humanas em Marte.

Dois dias antes da chegada os sinais foram recebidos com toda clareza, A voz era de Sankov. Sankov disse:

- Olá, gente. Aqui são três horas da manhã. Tenho a impressão que vocês não têm a menor consideração com os mais velhos. Vocês me tiraram da cama.

- Sinto muito, senhor.

- Não precisa se preocupar. O pessoal me acordou porque obedecia às minhas ordens. Estou com receio de fazer perguntas, filho. Alguém se machucou? Ou alguém morreu?

- Ninguém morreu, senhor.

- E... a água? Sobrou um pouco?

Long se esforçou para manter um tom de indiferença.

- Sobrou um pouco, senhor. O bastante.

- Então, voltem o mais rápido que puderem, mas não sejam imprudentes.

- Quer dizer que a situação é grave?

- Mais ou menos. Qual é a data prevista para a chegada?

- Dentro de dois dias. O senhor pode agüentar até lá?

- Vou me agüentar.

Quarenta horas mais tarde Marte aparecia como uma bola avermelhada em todas as escotilhas e eles iniciaram a espiral final antes da aterrissagem.

- Calma, repetia Long mentalmente. Calma. - Nestas ocasiões até a fina atmosfera de Marte poderia provocar prejuízos irreparáveis, se a velocidade não estivesse perfeitamente calculada.

Estavam chegando do eclíptico e a espiral passava do norte ao sul. A capa polar setentrional apareceu rapidamente e logo a seguir foi a vez da capa polar muito menor do hemisfério sul, voltaram a ver a capa maior e depois a menor a intervalos sempre maiores. O planeta estava se aproximando e a paisagem começou a assumir características definidas.

- Preparar para a aterragem! - gritou Long.

Sankov fazia o impossível para manter uma aparência plácida, e o esforço era muito grande, especialmente quando pensava nos perigos espantosos que os rapazes tinham enfrentado para voltar. Felizmente, tudo estava dando certo.

Até há poucos dias ele nem sequer sabia se estavam vivos. Parecia, aliás, muito provável, para não dizer inevitável, que estivessem flutuando congelados em algum ponto distante entre Marte e Saturno, como novos planetóides.

Durante as semanas que antecederam a chegada da notícia, a Comissão estivera regateando com ele. Queriam que assinasse todos os papéis, para salvar as aparências.

Assim, o fato poderia parecer um acordo mútuo e voluntário. Sankov, porém, sabia que se mostrasse uma irredutível teimosia em não assinar, a Comissão agiria independentemente, sem se preocupar com as aparências. A posse de Hilder estava praticamente assegurada e a Comissão não precisava mais se preocupar com o risco representado por uma eventual moção de simpatia a favor de Marte.

Sankov então começou a protelar, sem excluir a possibilidade de uma assinatura. Finalmente conseguiu falar com Long e julgou que poderia encerrar as comunicações.

Os documentos estavam em sua frente e Sankov fez uma última declaração, sobretudo para satisfazer os repórteres que estavam presentes. Disse:

- O total das importações de água da Terra é de vinte milhões de toneladas ao ano. Esta quantidade tende a diminuir enquanto desenvolvemos nosso próprio sistema de aquedutos. Se eu assinar estes documentos, concordando com um embargo, nossa indústria ficará paralisada e qualquer possibilidade de expansão ficará cerceada. Tenho a impressão que a Terra não pode querer fazer isto conosco, não é mesmo?

Os olhares dos membros da Comissão eram implacáveis. O deputado Digby já não estava entre eles: fora substituído. Todos estavam contra Sankov. O presidente da Comissão observou com uma certa impaciência:

- Você já disse tudo isto.

- Eu sei, mas estou me preparando para assinar estes papéis e quero ter idéias bem claras. A Terra realmente se dispõe a desmantelar nossa colônia aqui?

- É claro que não. A Terra só deseja conservar seus recursos hídricos, que são insubstituíveis.

- A Terra possui um quintilhão e meio de toneladas de água.

O presidente da Comissão respondeu:

- Não podemos prescindir de água.

Sankov assinou os documentos.

Queria que o último conceito ficasse na mente de todos: A Terra possuía um quintilhão e meio de toneladas de água, e não podia dar nem uma gota. Trinta e seis horas depois da assinatura, a Comissão e os repórteres estavam reunidos na redoma do espaço porto. Enormes janelas recurvas e espessas proporcionavam uma vista do terreno vazio.

O presidente da Comissão perguntou com uma certa irritação:

- Até quando teremos que esperar? E será que você não se importa de explicar por que estamos esperando?

Sankov respondeu:

- Alguns rapazes foram para o espaço e chegaram além do Cinturão de Asteróides.

O presidente da Comissão tirou os óculos e começou a limpá-los com um lenço muito alvo.

- E estão voltando?

- Sim.

O presidente da Comissão encolheu os ombros, olhou para os repórteres e ergueu as sobrancelhas. Numa outra sala próxima, um grupo de

mulheres e crianças se apinhava perto de uma outra janela. Sankov deu um passo para trás para olhar naquela direção. Teria preferido estar no meio daquele grupo, partilhando de sua excitação e de seu entusiasmo. Como aquelas mulheres e aquelas crianças, ele também estava esperando há mais de um ano, ele também tinha pensado naqueles homens sem parar.

- Vocês estão vendo aquilo? - perguntou Sankov, apontando com a mão.

Um repórter gritou:

- Eii, é uma nave!

O grupo da sala ao lado começou a gritar confusamente.

Não parecia realmente uma nave, mas apenas um ponto brilhante envolvido por uma nuvem branca que se espalhava. A nuvem aumentou e tomou uma forma mais definida.

Eram duas riscas que se destacavam contra o céu, e as pontas inferiores se alargavam e voltavam a subir. Enquanto a distância diminuía, o ponto brilhante na extremidade superior começou a tomar uma aparência vagamente cilíndrica.

A forma era áspera e aproximada, mas o sol conseguia fazê-la faiscar.

O cilindro chegou ao solo com a lentidão característica das naves espaciais, ficou suspenso por meio dos jatos chamejantes e depois desceu acomodando-se sobre a repercussão de toneladas de matéria lançada para baixo, como um homem cansado que se deixa cair numa poltrona.

Quando isto aconteceu, todas as pessoas presentes na redoma se calaram. As mulheres e as crianças de um lado, os políticos e os jornalistas do outro, todos ficaram imóveis, esticando o pescoço e olhando para cima, sem conseguir acreditar no que estavam vendo.

Os flanges de aterrissagem do enorme cilindro, situados bem abaixo dos jatos posteriores, tocaram o solo e afundaram no cascalho solto. A nave ficou imóvel e os jatos foram desligados.

Na redoma o silêncio continuava. Continuou ainda por muito tempo.

Os homens começaram a descer pelos lados da nave imensa, vagarosamente, com as botas cheias de Ganchos e machados para gelo. Pareciam insetos se movimentando pelas paredes ofuscantes de duas milhas de altura.

Um repórter perguntou, rouco:

- O que é aquilo?

- Aquilo - explicou Sankov com a maior calma - é um pedaço de matéria que até há pouco ficava girando em volta de Saturno como parte integrante de um de seus anéis. Nossos rapazes lhe deram módulos de comando e jatos e o trouxeram para casa. Descobriram que os fragmentos que formam os anéis de Saturno são de gelo puro. - Suas palavras eram ouvidas num silêncio total. - Aquela coisa que parece uma nave espacial é apenas uma montanha de água sólida. Se tivesse chegado na Terra, já estaria se desmanchando e formando poças, e talvez até quebraria por causa de seu próprio peso. Mas em Marte o frio é maior e nossa gravidade é, mais baixa, daí este perigo não existe. A seguir, quando conseguirmos orGanizar melhor este serviço, poderemos ter estações de água nas luas de Saturno e Júpiter e entre os asteróides. Vamos poder apanhar fragmentos dos anéis de Saturno e transportá-los de estação em estação. Nossos Recuperadores conhecem bem este serviço.

- Teremos toda a água que precisamos. Esta montanha que está ali mede mais ou menos uma milha cúbica, quer dizer, a quantidade de água que a Terra conseguiria nos mandar num período de duzentos anos. Os rapazes gastaram um bocado durante a viagem de volta. Levaram cinco semanas e de Saturno até Marte gastaram mais ou menos cem milhões de toneladas. Mesmo assim, foi apenas uma pequena fração daquela montanha. Vocês estão anotando tudo direitinho, meninos?

Olhou para os repórteres. Não podia haver qualquer dúvida: estavam anotando tudo. Continuou:

- Neste caso, escrevam isto: a Terra está preocupada por causa de seus recursos hídricos. Possui apenas um quintilhão e meio de toneladas de água. Por isto, não pode mais mandar-nos uma tonelada sequer. Escrevam isto: nós, aqui em Marte, nos preocupamos muito por causa da Terra e não queremos que seu povo chegue a sofrer qualquer coisa. Escrevam que pretendemos mandar água à Terra. Escrevam que poderemos mandar lotes de um milhão de toneladas por vez, é claro, por um preço razoável. Podem escrever que já calculamos que dentro de dez anos vamos poder mandar carregamento de uma milha cúbica por vez. Escrevam que a Terra pode parar de se preocupar, porque Marte vai lhe vender toda a água que for necessária.

O presidente da Comissão não estava mais ouvindo. Estava pensando no futuro. Percebeu que os repórteres escreviam rápido, entre sorrisos. Sorrisos. Podia imaginar aqueles sorrisos se transformando em gargalhadas em toda a Terra por causa da fabulosa jogada de Marte contra os anti-devastadores. Podia ouvir a gargalhada trovejar de continente em continente, enquanto a notícia daquele fracasso se alastrava entre o povo. E podia ver claramente o abismo, profundo e negro como o espaço, que tragaria para sempre o futuro político de Hilder e de todos os adversários de vôos espaciais na Terra - inclusive seu próprio futuro político.

Na saleta ao lado, Dora soltou um grito de alegria e Peter, meio palmo mais alto, pulava sem parar, berrando:

- Pai! Pai!

Richard Swenson estava descendo pela extremidade do flange; seu rosto era claramente visível através da chapa do capacete. Começou a caminhar em direção à redoma.

- Alguma vez você já viu um sujeito mais feliz que Dick? - perguntou Ted Long. - Talvez o casamento tenha algumas vantagens.

- Não diga tolices, você está voltando de um período excessivamente demorado no espaço - grunhiu Rioz.

MOCIDADE

Um punhado de pedrinhas bateu contra a vidraça e o garoto que dormia se mexeu. Mais um punhado de pedrinhas, e ele acordou. Sentou-se na cama. Ficou imóvel. Levou alguns segundos para interpretar aquele ambiente que lhe era estranho. É claro, não estava em casa. Era algum lugar no campo. O frio era mais intenso e a paisagem atrás das janelas estava esverdeada.

- Magro!

O chamado chegou num sussurro rouco e o garoto correu até a janela. Seu nome não era Magro, mas seu novo amigo, conhecido no dia anterior, depois de uma única olhada para seu corpo franzino, sentenciara:

- Você é o Magro. - E acrescentou: - Sou o Ruivo.

Obviamente Ruivo era apenas um apelido, e por sinal, muito apropriado. A amizade foi instantânea e brotou com aquela espontaneidade própria dos muito jovens, dos que ainda não podem ser considerados sequer adolescentes, desprovidos de qualquer mácula que só chega com a idade adulta.

Magro gritou:

- Ei, Ruivo! - e acenou com a mão, enquanto piscava para afastar o resto de sono, Ruivo manteve a voz baixa.

- Fale baixo! Não acorde todo mundo!

Magro percebeu que o Sol estava apenas despontando atrás das baixas colinas a leste, que as sombras eram compridas e suaves e que a grama estava molhada de orvalho. Perguntou em voz mais baixa:

- O que foi que aconteceu? Ruivo apenas acenou para ele sair.

Magro se vestiu num instante, feliz pela possibilidade de limitar o banho matinal a algumas borrifadas de água morna. Deixou que o ar secasse as partes descobertas de seu corpo enquanto corria para fora, e logo a pele nua ficou molhada ao contato com a grama encharcada. Ruivo explicou:

- Você não pode fazer barulho. Se minha mãe, meu pai, ou seu pai acordam, ou mesmo se um dos seus empregados acordar, logo começarão a recomendar: Entrem em casa para não apanhar um resfriado e não se molhar com o orvalho.

Imitou tão bem o tom de voz que Magro desatou a rir enquanto pensava que nunca conhecera um sujeito tão divertido como o Ruivo. O Magro perguntou ansioso:

- Você sai tão cedo todos os dias, Ruivo? A esta hora? Parece que o mundo inteiro é apenas da gente, não é? Não tem ninguém andando por aí, e todas estas coisas. - Sentiu-se orgulhoso por ter sido admitido a este mundo muito particular.

Ruivo observou de soslaio e disse num tom displicente:

- Há muito que me levantei. Você não ouviu nada durante a noite?

- Ouvi o quê?

- O trovão.

- Será que houve um temporal? - Magro ficou admirado. Sempre acordava por causa de um temporal.

- Acho que não, mais ouvi trovejar. Quando percebi, me levantei e fui até a janela, mas não estava chovendo. O céu estava cheio de estrelas e estava empalidecendo um pouco, ficando quase cinzento. Sabe o que eu quero dizer.

Magro nunca tinha visto um céu assim, mas assentiu.

- Então, pensei que seria melhor sair - continuou Ruivo.

Caminharam sobre a grama ao lado da estrada de concreto que dividia todo o panorama e continuava sem fim, até desaparecer entre as colinas. A estrada era tão antiga que o pai de Ruivo não sabia a data de sua construção. Estava perfeita, sem qualquer buraco ou rachadura. Ruivo perguntou:

- Você sabe guardar um segredo?

- Claro que sim, Ruivo. Que segredo?

- Um segredo qualquer. Ainda não sei se vou contá-lo. - Ruivo apanhou uma grande folha de samambaia, arrancou todas as folhinhas e fez de conta que o caule era um chicote. Por um instante imaginou estar na garupa de um corcel que empinava e relinchava, tentando se subtrair ao seu controle. Logo cansou da brincadeira e jogou o caule para um lado. O corcel ficou guardado num cantinho da memória para outra oportunidade. Disse:

- Breve chegará um circo.

Magro observou:

- Isto não é um segredo. Eu já sabia e meu pai me contou antes de virmos para cá...

- Este não é o segredo. Segredo, pois sim! Você já viu um circo?

- Sim, claro que sim.

- E você gostou?

- Demais.

Ruivo estava mais uma vez observando-o de soslaio.

- Alguma vez você já pensou que gostaria de ir com o circo? Quero dizer, trabalhar nele?

Magro pensou um pouco.

- Acho que não. Quero ser um astrônomo como meu pai. Acho que ele também gostaria disto.

- Pffft! Um astrônomo! - exclamou Ruivo.

Magro achou que as portas de um mundo novo e particular estavam se fechando e a astronomia se transformara num mundo de estrelas mortas. Arriscou:

- Um circo talvez poderia ser divertido.

- Você apenas fala por falar.

- Não, é sério. Acredito mesmo.

Ruivo estava com vontade de convencê-lo.

- Vamos supor que você tivesse uma oportunidade de ir com um circo, agora mesmo. O que é que você faria?

- Eu... eu...

- Está vendo! - Ruivo se esforçou para gargalhar com o necessário desdém.

Magro se ressentiu.

- Iria com o circo!

- Deixe para lá.

- Pois experimente!

Ruivo parou e observou com um olhar esquisito e intenso.

- Você está falando sério? Quer ir comigo?

- O que é que você quer dizer? - Magro deu um passo para trás.

- Tenho uma coisa que pode facilitar a nossa entrada num circo. Talvez poderíamos até ter um circo nosso, qualquer dia. Poderíamos ser os maiores proprietários de circo do mundo. Por outro lado... Acho que posso fazer tudo sozinho, mas pensei que deveria oferecer uma oportunidade ao velho Magro.

O mundo era esquisito e fascinante. Magro disse:

- Estou com você, Ruivo, sério! O que é, Ruivo? Conte-me o que é.

- Adivinhe. O que é a coisa mais importante para um circo? Magro se esforçou para pensar. Queria dar a resposta certa. Disse:

- Acrobatas?

- Minha nossa! Eu não daria um passo para ver acrobatas.

- Então não sei.

- Bichos, ora! Qual é o melhor espetáculo? O que atrai mais espectadores? Espetáculos com animais, ora!

- Você acha?

- Todo mundo sabe que é assim. Pergunte a qualquer um. E hoje de manhã encontrei animais. Dois animais.

- E você está com eles?

- Claro. Este é o segredo. Vai contar a alguém?

- Claro que não.

- Certo. Os bichos estão no celeiro. Quer vê-los?

Já estavam chegando ao celeiro. As portas abertas e enormes eram negras. Negras demais. Tinham caminhado diretamente para o celeiro. Magro parou. Perguntou com ar indiferente:

- São grandes?

- Você pensa que eu ficaria brincando com animais grandes? Eles não podem machucá-lo. Têm apenas este tamanho. Estão numa gaiola.

Entraram no celeiro e Magro viu a grande gaiola suspensa num Gancho do forro. Estava coberta com uma lona grossa. Ruivo explicou:

- A gente costumava guardar aqui alguns pássaros. De qualquer forma, os bichos não podem sair daqui. Venha comigo, vamos subir até o palheiro.

Subiram pela escada de madeira e Ruivo aproximou a gaiola por meio de um Gancho. Magro apontou um dedo e falou:

- Olhe, tem uma espécie de buraco na lona.

Ruivo franziu as sobrancelhas.

- Engraçado, como foi que aconteceu? - Ergueu a lona e suspirou pelo alívio. - Ainda estão aqui!

- Sabe que aquela lona parece queimada? - observou Magro, preocupado.

- Quer ver os bichos ou não quer?

Magro assentiu, hesitando. Não tinha certeza de querer ver os bichos, afinal. Era possível que fossem...

Mas a lona caiu e lá estavam: eram dois, como Ruivo anunciara. Eram pequeninos e de aspecto levemente repugnante. Os animais se aproximaram rapidamente da grade observando os garotos. Ruivo aproximou um dedo.

- Tome cuidado - advertiu Magro, angustiado.

- Eles não machucam ninguém - explicou Ruivo. - Alguma vez você já viu algo parecido?

- Não.

- Você percebe que um circo logo se interessaria por eles?

- Talvez sejam muito diminutos para um circo.

Ruivo ficou chateado. Soltou a gaiola que começou a balançar.

- Você está procurando uma desculpa para voltar atrás.

- Não, não estou. Eu...

- Não se preocupe, eles não são pequenos demais. Só tem uma coisa que me preocupa.

- O que?

- Bom, preciso mantê-los vivos até o circo chegar, não é? Preciso descobrir o que é que eles comem.

A gaiola balançava como um pêndulo e as criaturas prisioneiras se agarravam às barras e faziam gestos rápidos em direção aos garotos - como se fossem criaturas inteligentes.

O Astrônomo entrou na sala de jantar com muita dignidade. Estava profundamente consciente de sua condição de hóspede. Perguntou:

- Onde estão os garotos? Meu filho não está em seu quarto.

O Industrial sorriu.

- Saíram bem cedo. Entretanto, as mulheres conseguiram obrigá-los a tomar o desjejum há algum tempo, e não existe qualquer motivo de preocupação. Ah, a mocidade, doutor, a mocidade!

- Mocidade! - O termo parecia deprimir o Astrônomo. Comeram em silêncio, O Industrial perguntou a um certo ponto:

- Você realmente pensa que virão hoje? O dia parece tão normal.

- Eles virão.

E foi só.

Quando terminaram de comer, o Industrial voltou a falar.

- Você não leve a mal, mas não consigo acreditar que você tenha imaginado uma brincadeira tão complicada. Você realmente falou com eles?

- Da mesma maneira que falo com você. Aliás, num certo sentido, Eles conseguem transmitir seus pensamentos.

- Imaginei que fosse assim quando li sua carta. Quem sabe como conseguem.

- Não posso explicar. Perguntei a eles e a resposta foi vaga. Ou talvez fui eu quem não conseguiu entender. O processo envolve um projetor para a concentração do pensamento e mais ainda, atenção consciente do projetor e do receptor. Levei algum tempo para compreender que eles estavam tentando me transmitir pensamentos. É possível que estes projetores de pensamento sejam parte da ciência que eles pretendem nos transmitir.

- Talvez - disse o Industrial. - Mas pense nas mudanças que se operariam na sociedade! Um projetor de pensamentos!

- Por que não? Mudanças podem ser benéficas.

- Eu não concordo.

- As mudanças não são bem-vindas apenas quando as pessoas envelhecem - observou o Astrônomo. - As raças podem envelhecer como os indivíduos.

O Industrial apontou para a janela.

- Está vendo aquela estrada? Ela foi construída no período Antes-das-Guerras, não sei exatamente quando, Seu estado, hoje, é tão perfeito como no dia de sua inauguração. Hoje possivelmente não conseguiríamos fazer outra igual. Quando ela foi construída, a raça ainda era nova, não é?

- É verdade. Pelo menos, então, eles não temiam coisas novas. Não, mas acho que teria sido preferível que tivessem medo. Onde está agora aquela sociedade de Antes-das-Guerras? Foi destruída, doutor. A que serviram a mocidade e as novidades? Agora estamos bem melhor. O mundo está em paz e vive bem. A raça não vai a lugar algum, mas afinal, para onde poderia ir? Eles comprovaram isto. Os homens construíram a estrada. Vou conversar com os visitantes quando eles chegarem, como concordei fazer, mas acho que vou apenas convidá-los a ir embora.

- A raça não está indo para qualquer lugar - concordou o Astrônomo, muito sério. - Está apenas indo à destruição. Minha universidade a cada ano tem menos estudantes, o número de livros publicados está diminuindo. O trabalho está decrescendo. Um ancko dorme ao sol e seus dias são todos iguais e cheios de paz, mas cada dia o aproxima mais de sua morte.

- Certo, certo - comentou o Industrial.

- Não, preste atenção, escute. Antes de lhe escrever, investiguei sua posição na economia planetária.

- E você descobriu que minha conta tem fundos? - perguntou o Industrial com um sorriso.

- Sim, claro. Ah, você estava brincando. Entretanto... talvez a brincadeira esteja apropriada. Você tem menos fundos que seu pai, e seu pai tinha menos fundos que seu próprio pai. Talvez seu filho qualquer dia fique sem fundos. O planeta está começando a ter dificuldades para sustentar as indústrias que ainda existem, apesar delas serem insignificantes, quando comparadas às indústrias da época de Antes-das-Guerras. Deste jeito, vamos voltar a uma economia de aldeia, e mais tarde, para quê? Para as cavernas?

- E você acha que uma infusão de novos conhecimentos tecnológicos pode mudar tudo isto?

- Não é apenas uma questão de novos conhecimentos. Acho que precisamos encarar outra mudança, a abertura de novos horizontes. Considere isto, por favor. Escolhi-o senhor não apenas porque é rico e tem grande influência com as autoridades, mas também porque possui uma reputação fora do comum nos tempos em que vivemos: a de ter a coragem de romper com a tradição. Nosso povo tende a resistir a qualquer mudança e você saberia como proceder, como manipular este povo, para que ele...

- Para que nossa raça reencontre sua mocidade?

- Sim.

- Com suas bombas atômicas?

- As bombas atômicas - observou o Astrônomo - não significam necessariamente o fim de uma civilização. Meus visitantes tiveram sua bomba atômica, ou qualquer que fosse o equivalente em seu mundo, e sobreviveram porque não quiseram desistir. Não está vendo? Não fomos derrotados pelas bombas, mas pelos efeitos da concussão, possivelmente esta poderá ser a nossa última possibilidade de recuperação,

- Diga-me uma coisa - falou o Industrial. - O que é que estes seus amigos do espaço desejam em troca?

O Astrônomo hesitou. Disse:

- Quero lhe dizer a verdade. Eles vêm de um planeta mais denso. O nosso é mais rico de átomos leves.

- Eles querem alumínio? Magnésio?

- Não. Querem carbono e hidrogênio. Carvão e petróleo.

- É mesmo?

O Astrônomo falou depressa:

- Você vai querer me perguntar por que criaturas que conseguem viajar no espaço e por conseguinte possuem energia atômica, precisam de carvão e de petróleo, Mas não posso responder.

O Industrial sorriu.

- Eu posso. Esta é a melhor prova da veracidade de seu relato. Superficialmente, a energia atômica parece excluir o uso do carvão e de petróleo. Entretanto, estes dois elementos, sem considerar a energia que pode ser obtida por meio de sua combustão, se constituem, e sempre se constituirão, na matéria-prima básica para toda a química orgânica. Plásticos, tintas, produtos farmacêuticos e solventes. A indústria não poderia subsistir sem estas matérias-primas, mesmo na era atômica. Entretanto, se o carvão e o petróleo representam o baixo preço que eles pedem para nos vender as perturbações e as torturas da era atômica, preciso dizer que estas benfeitorias sairiam muito caras até se fossem dadas de graça.

O Astrônomo suspirou e disse:

- Os garotos estão chegando. Os meninos podiam ser vistos pela janela aberta. Estavam parados no gramado, aparentemente conversando animadamente. O filho do Industrial apontou imperiosamente e o filho do Astrônomo assentiu e correu em direção à casa.

O Industrial observou:

- Ali está a mocidade que você mencionou. E nossa raça ainda tem o bastante, como sempre teve.

- É verdade, mas nós os envelhecemos muito depressa e os obrigamos a se conformar com o molde.

Magro entrou correndo e bateu a porta.

O Astrônomo o repreendeu sem severidade:

- O que é isto? Magro parou, surpreso. - Peço desculpas. Não sabia que havia alguém aqui. Sinto muito por ter interrompido sua conversa. - Era óbvio que se esforçava para pronunciar as palavras da maneira mais perfeita.

O Industrial murmurou:

- Não faz mal, garoto.

O Astrônomo, porém, disse:

- Mesmo que a sala estivesse vazia, não havia motivo para bater a porta, filho.

- Tolice - retrucou o Industrial. - O garoto não cometeu qualquer falta. Você o está censurando só porque ele é jovem. Ah, você e suas idéias! Olhou para o Magro. - Venha cá, garoto.

O Magro se aproximou, hesitando.

- Você gosta do campo?

- Sim, senhor, gosto muito, obrigado.

- Meu filho está lhe mostrando as redondezas?

-Sim, senhor, o Ruivo... quero dizer...

- Está certo, eu também costumo chamá-lo de Ruivo. Conte-me, o que é que vocês estão fazendo?

O Magro desviou o olhar.

- Nada... apenas explorando...

O Industrial olhou para o Astrônomo.

- Está vendo? Curiosidade juvenil, Gana de aventuras. A raça ainda não está perdida.

- Sim, garoto?

O Menino parecia indeciso. Finalmente falou:

- O Ruivo me mandou buscar alguma coisa boa para comer, mas eu não sei o que ele queria dizer. Eu não quis pedir explicações.

- Pois vá falar com a cozinheira, e ela com certeza lhe dará alguma coisa boa para comer.

- Não, senhor, não é para nós. É para animais.

- Que animais?

-- Sim, senhor. O que é que os animais comem?

O Astrônomo interferiu:

- Receio que meu filho apenas conhece a vida da cidade.

- Não faz mal - disse o Industrial. - Que tipo de animal, garoto?

- Um animal pequeno.

- Neste caso, pode experimentar capim e folhas, e se o animal recusar, pode tentar com nozes e frutinhas.

- Muito obrigado, senhor. - O Magro saiu correndo e fechou a porta com cuidado.

O Astrônomo perguntou:

- Você acha que eles podem ter apanhado algum animal vivo? - Parecia perturbado.

- Isto é muito comum. Na minha propriedade eu proíbo a caça e não existem animais de rapina. Entretanto, há muitos roedores e outros animais pequenos. O Ruivo costuma trazer para casa bichinhos de toda espécie, mas seu entusiasmo nunca dura muito.

Olhou para o relógio na parede.

- Seus amigos deveriam estar chegando, você não acha?

A gaiola tinha parado de oscilar e estava escuro. O Explorador não se sentia à vontade naquela atmosfera alienígena, O ar parecia espesso como uma sopa e o obrigava a respirar com dificuldade. Mesmo assim...

Esticou um braço, levado pelo desejo de sentir que não estava só, O Mercante parecia estar com febre. Sua respiração parecia difícil. Dormia, mas de vez em quando era sacudido por um espasmo. O explorador hesitou e depois decidiu deixá-lo dormir. Acordá-lo não teria qualquer utilidade.

Ninguém viria resgatá-los. Esta era a penalidade que todos precisavam pagar pela possibilidade de altos lucros, quando a competição era ilimitada. O Mercante que descobria um novo planeta podia obter um monopólio por dez anos, e explorá-lo pessoalmente ou então arrendá-lo a quantos quisesse, pelo preço que quisesse. Por conseguinte, todos procuravam planetas no maior segredo,

afastando-se o máximo possível das rotas comerciais. Quando acontecia um incidente como o daquela manhã, havia pouquíssima ou até nenhuma probabilidade de uma nave vir pelo mesmo caminho ou chegar num ponto em que pudesse captar suas emissões subelétricas, a não ser por coincidência. Aliás, se eles estivessem na nave, e não naquela... naquela gaiola.

O Explorador examinou as barras, que eram grossas. Mesmo que conseguisse desintegrá-las - o que poderia fazer sem maiores dificuldades - não poderia saltar: a gaiola estava suspensa no ar.

Realmente era uma lástima. Tinham aterrissado duas vezes com o bote de observação. Tinham travado contato com os nativos, que possuíam uma estatura enorme e grotesca, mas eram de índole dócil e amável. Era óbvio que antigamente devia ter existido ali uma tecnologia bem desenvolvida, mas que eles não tinham conseguido enfrentar as conseqüências desta tecnologia. Poderia ter sido um mercado muito promissor.

A mais, era um mundo enorme. O Mercante ficara estarrecido. Conhecia os valores que se referiam ao diâmetro do planeta, mas quando ainda se encontravam a uma distância de dois segundos-luz, tinha ficado parado perto da escotilha, murmurando:

- Inacreditável!

- Mas existem mundos maiores - observou o Explorador. Um Explorador não podia mostrar-se facilmente surpreso.

- Mundos habitados?

- Não. Na verdade, não.

- Escute, você poderia pegar o seu planeta, jogá-lo naquele oceano e fazê-lo desaparecer.

O Explorador sorriu. Era uma indireta amável à sua pátria, Arcturus, que era um planeta muito menor que a maioria dos outros. Respondeu:

- Você exagera.

O Mercante não se deixou distrair.

- E diga-me, os habitantes também são grandes, na mesma proporção que seu mundo? - A eventualidade não parecia entusiasmá-lo.

- Sua estatura é mais ou menos dez vezes a nossa.

- Você tem certeza que sua disposição é amistosa?

- A resposta não é fácil, porque a amizade entre inteligências desconhecidas é imponderável. Acredito que eles não são perigosos. Já encontramos outros grupos que não conseguiram manter o equilíbrio depois da fase de guerras atômicas e você conhece os resultados. Introversão. Alienação. Decadência gradativa e uma crescente docilidade.

- Apesar da estatura monstruosa?

- O princípio é sempre o mesmo.

Exatamente naquele instante o Explorador reparou na vibração dos motores. Era muito forte. Franziu a testa e observou:

- Estamos descendo com velocidade excessiva.

Trocaram algumas idéias sobre o perigo de aterrissar antes da hora estabelecida. O alvo planetário era enorme por ser este mundo de oxigênio e água. Apesar de não alcançar o tamanho dos planetas de amônia e hidrogênio, que eram desabitados, e apesar da gravidade quase normal, devida à baixa

densidade, perto da superfície, suas forças gravitacionais diminuíam gradativamente com a distância. Em resumo, o potencial gravitacional era alto e o calculador da nave era um modelo comum, de série, que não se destinava a computar trajetórias de aterragem naquele potencial de alcance, Isto significava que o Piloto seria obrigado a usar os controles manuais, sem dúvida, seria mais prudente instalar um modelo mais sofisticado e poderoso, mas isto requeria uma viagem até o entreposto mais próximo da civilização: uma perda de tempo e talvez uma quebra de sigilo. O Mercante exigiu uma aterragem imediata.

O Mercante achou necessário defender o seu ponto de vista. Perguntou com ar de desafio:

- Você não acha que o Piloto sabe o que faz? Ele já desceu duas vezes com você e tudo se passou bem.

O Explorador comentou mentalmente que isto acontecera com o bote de observação, e não com aquela nave pesada e difícil de manobrar. Mas não falou nada.

Continuou a observar pela escotilha. A descida era realmente rápida. Não havia qualquer dúvida, a velocidade era excessiva. O Mercante parecia desapontado. Perguntou:

- Por que você não fala?

- Está bem. Se você quer que eu fale, Vou lhe dizer que acho aconselhável que você afivele o seu flutuador e me ajude a preparar o ejetor.

O Piloto era um veterano e tinha lutado heroicamente. A atmosfera, que no potencial gravitacional deste planeta parecia estar muito alta e espessa - o que era descomunal - cercava a nave num invólucro chamejante, mas até o último momento tiveram a impressão que tudo ia passar bem.

O Piloto conseguiu manter a rota, seguindo a linha extrapolada até o ponto do continente setentrional onde deveriam aterrissar. Em circunstâncias diferentes e com um tiquinho de sorte, a estória poderia ser contada e recontada como uma demonstração de grande habilidade em circunstâncias adversas. Mas quando já avistavam o alvo, o cansaço físico e nervoso levou-o a aplicar uma pressão excessiva num dos controles. A nave, que já começava a se estabilizar, se descontrolou mais uma vez.

Não havia mais espaço suficiente para corrigir o erro. Estavam a apenas uma milha do chão. O Piloto ficou em seu assento até aterrar, unicamente preocupado em não prejudicar a nave e suavizar o impacto para mantê-la em condições de voltar a decolar.

Não conseguiu sobreviver. A nave empinava e pulava numa atmosfera densa como uma sopa: não era possível acionar muitos ejetores, e só um deles funcionou.

Quando o Explorador recobrou os sentidos e se levantou, teve a nítida impressão que a não ser por ele e pelo Mercante, não havia outros sobreviventes. Aliás, talvez era apenas um cálculo otimista. Seu flutuador acabara de funcionar quando ainda estava no ar, e a queda o deixara desmaiado. Era possível que o Mercante não tivesse tamanha sorte.

Viu que estava cercado por caules grossos e duros de grama e mais adiante viu árvores que lembravam vagamente outras que cresciam em Arcturus, só que seus galhos mais baixos se encontravam muito acima do ponto mais alto

da copa de árvores normais. Chamou e sua voz ribombou no ar espesso. O Mercante respondeu. O Explorador caminhou naquela direção, afastando os caules com as mãos.

- Você se machucou? - perguntou.

O Mercante fez uma careta.

- Torci alguma coisa. Sinto dores quando tento caminhar.

O Explorador o examinou com habilidade.

- Acho que você não tem fraturas. Teremos que caminhar, apesar de sua dor.

- Não podemos descansar um pouco?

É imperativo encontrar a nave. Se está em condições de levantar vôo ou se é possível consertá-la, poderemos viver. Caso contrário, tudo estará acabado.

- Só alguns minutos. Deixe-me respirar um pouco.

O Explorador também se sentiu satisfeito por ter alguns minutos de descanso. O Mercante já fechara seus olhos e ele seguiu o exemplo. Arregalou os olhos quando ouviu as pesadas passadas.

- Nunca é recomendável dormir num planeta desconhecido, pensou. Foi um pensamento inútil.

O Mercante também estava acordado e seus gritos ecoavam como um rugido de terror. O Explorador gritou:

- Trata-se apenas de um nativo deste planeta que não irá machucá-lo.

Entretanto, enquanto falava, a mão enorme desceu rápida, e no instante seguinte estavam presos e sendo erguidos para um exame mais aproximado. O Mercante se agitava com força, mas seus esforços eram inúteis.

- Você não consegue se comunicar com ele? - berrou.

O Explorador sacudiu a cabeça.

- Não posso alcançá-lo com o projetor. Ele não vai me ouvir.

- Neste caso, use o desintegrador. Desintegre esta coisa.

- Não podemos fazer isto. - Teve vontade de acrescentar: "Você é um imbecil", mas se controlou. O Explorador fazia grandes esforços para manter a calma. Estavam sendo levados pelo monstro que se afastava rapidamente do lugar.

- Por que não? - gritou o Mercante. - Você pode apanhar seu desintegrador. Posso vê-lo daqui. Não tenha medo de cair.

- A coisa é bastante simples. Se este monstro for morto, você nunca poderá comerciar com este planeta. Você nunca sairá dele. Provavelmente morrerá antes do dia terminar.

- Por quê? Por quê?

- Porque este espécime é um filhote da espécie. Você deveria saber o que acontece quando um Mercante mata um filhote nativo, mesmo sem querer. Além disso, se este é o alvo, significa que nos encontramos na propriedade de um nativo muito importante. É possível que este filhote lhe pertença.

Foi assim que foram colocados na gaiola. Conseguiram queimar um buraco na lona, usando de muito cuidado, e viram que estavam suspensos a uma altura excessiva: qualquer tentativa de sair seria mortal.

A gaiola voltou a oscilar. O Mercante rolou até a beirada e acordou. A lona foi retirada e o ambiente se iluminou. Como da vez anterior, viram dois espécimes

filhotes. O Explorador refletiu que, eles se pareciam bastante com os adultos da espécie, apesar de seu tamanho ser muito mais reduzido, é claro.

Um punhado de caules verdes foi introduzido entre as barras. O cheiro não era desagradável, mas as raízes estavam sujas de terra.

O Mercante se afastou e perguntou com voz rouca:

- O que é que estão fazendo agora?

O explorador disse.

- Estão tentando nos alimentar, pelo menos é o que acredito. Isto parece ser o equivalente nativo do capim. A gaiola foi mais uma vez coberta com a lona e voltou a balançar. Ficaram sozinhos com sua ração.

O Magro estremeceu ao ouvir o som de passos, mas ficou aliviado quando viu que era apenas o Ruivo. Disse:

- Ninguém passou por aqui. Fiquei prestando atenção, viu?

O Ruivo disse:

- Quieto. Escute: Tome isto e coloque na gaiola. Preciso voltar até em casa, sem demora.

- O que é isto? - perguntou o Magro, relutando um pouco.

- É carne moída. Ora esta, será que você nunca viu carne moída? Você deveria ter trazido isto quando mandei buscar comida para os bichos, em vez de voltar com aquele capim.

O Magro sentiu-se ofendido.

- Como é que eu podia saber que eles não comem capim? E ainda, a carne moída não tem este aspecto. A gente compra num pacote coberto com celofane, e tem uma cor diferente.

- Sem dúvida, mas isto acontece na cidade. Nós moemos a carne que comemos, e tem sempre esta cor, a não ser que esteja cozida.

O Magro se afastou um pouco:

- Quer dizer que ela está crua?

O Ruivo mostrou todo seu desprezo.

- Você realmente pensa que animais comem carne cozida? Vamos, apanhe isto. Não lhe acontecerá nada. Já disse que não disponho de muito tempo.

- Por quê? O que está acontecendo em casa?

- Não sei. Meu pai e seu pai estão andando por aí. Devem estar à minha procura. Talvez a cozinheira disse que apanhei a carne. De qualquer forma, é melhor que não cheguem até aqui.

- Você não perguntou à cozinheira se podia pegar isto?

- Àquela tonta? Pois sim, no máximo teria me concedido um copo de água, porque só obedece a papai. Vamos, pegue.

O Magro aceitou a grande bola de carne moída, apesar de se sentir enojado. Voltou para o celeiro, enquanto o Ruivo desaparecia correndo em direção à casa.

Quando o Ruivo chegou perto dos adultos, parou de correr e respirou fundo para normalizar o fôlego. A seguir, passou ao lado deles com ar indiferente e tomando muito cuidado. (Ambos estavam caminhando mais ou menos em direção ao celeiro, mais diretamente para ele). Disse:

- Oi, pai. Olá, senhor.

O Industrial falou:
- Espere um minuto, Ruivo. Quero lhe fazer uma pergunta.
O Ruivo se esforçou para olhar seu pai com uma expressão impassível:
- Sim, pai?
- Sua mãe disse que hoje de manhã você saiu muito cedo.
- Não era tão cedo assim, pai. Foi um pouquinho antes do desjejum.
- Ela disse que você explicou que acordou durante a noite.
O Ruivo hesitou antes de responder. Talvez não devesse ter mencionado este detalhe a sua mãe. Depois confirmou.
- Sim, senhor.
- Como foi que você acordou?
O Ruivo achou que não havia perigo nenhum em falar a verdade.
- Não sei, pai. Parecia um trovão, quero dizer, uma espécie de trovão e depois, como uma trombada. Quero dizer, quase.
- Você não sabe de que lado vinha o barulho?
- Me pareceu do lado das colinas. - Era a verdade, e uma verdade útil, porque as colinas se encontravam numa direção praticamente oposta ao celeiro. O Industrial lançou um olhar ao seu convidado.
- Imagino que não há nada de mal em irmos até as colinas.
O Astrônomo respondeu:
- Vamos, então.
Ruivo ficou observando-os enquanto se afastavam e quando se virou viu que o Magro estava a espiá-lo atrás de uma sebe de roseiras selvagens. O Ruivo o chamou com um gesto.
- Pode vir.
O Magro saiu de trás da sebe e se aproximou.
- Eles disseram alguma coisa a respeito da carne?
- Não, acho que eles ainda não sabem. Foram para as colinas.
- Para quê?
- Como é que eu posso saber? Fizeram perguntas a respeito do barulho que ouvi, Diga-me, os bichos comeram a carne?
- Bom - respondeu o Magro, hesitando. - Eles estavam apenas olhando para ela, e talvez a estivessem cheirando, ou coisa assim.
- Certo - falou o Ruivo. - Imagino que acabarão por comê-la. Puxa, eles precisam comer alguma coisa. Venha comigo em direção às colinas, para ver o que nossos pais pretendem fazer.
- E os bichos?
- Não precisa se preocupar. A gente não pode ficar a espiá-los o tempo todo. Você se lembrou de lhes dar água?
- Sim. E eles beberam.
- Está vendo? Vamos indo. Iremos vê-los depois do almoço. Sabe de uma coisa? Vamos levar-lhes um pouco de frutas. Todas as criaturas comem frutas.
Ambos se apressaram pela subida. Como de costume, o Ruivo ia um pouco mais à frente.

O Astrônomo disse:

- Você pensa que o barulho foi provocado pela nave enquanto estava aterrando?
- Você não acha?
- Acho que se foi isto, é possível que tenham morrido.
- Talvez não. - O Industrial franziu as sobrancelhas.
- Mas se chegaram a aterrar e ainda estão vivos, onde podem estar?
- Pense um pouco nas possibilidades. - Suas sobrancelhas continuavam franzidas.
O Astrônomo observou:
- Não compreendo o que você quer dizer.
- É possível que sua atitude não seja amistosa.
- Ah, não, isto é impossível. Conversei com eles e...
- Está bem, falou com eles. Vamos dizer que eles estavam apenas observando. Qual seria o passo seguinte? Uma invasão?
- Mas eles apenas possuem uma nave!
- Você repete o que eles afirmaram, mas eles podem ter uma frota.
- Já lhe expliquei a respeito de seu tamanho. Eles...
- O tamanho não tem qualquer importância, se eles possuírem armas muito superiores à nossa artilharia.
- Não era isto que eu queria dizer.
- Mas eu estava considerando esta possibilidade desde o início, - o Industrial continuou: - É o motivo principal que me levou a aceitar sua oferta, depois de ler sua carta, não tinha intenção de concordar com um comércio impossível e perturbador, mas desejava avaliar seus verdadeiros motivos. Entretanto, não imaginava que eles poderiam evitar o encontro.
Suspirou e acrescentou:
- Acho que a culpa não é nossa. De qualquer forma você está certo a respeito de uma coisa. O mundo ficou em paz por um período excessivamente longo. Estamos perdendo nossa saudável desconfiança.
O Astrônomo, que sempre falava em voz baixa, decidiu por sua vez levantar a voz.
- Agora eu vou falar. Digo que não existe qualquer motivo para imaginar que tenham intenções hostis, Eles são diminutos, é verdade, mas isto é importante apenas porque confirma o fato que seus respectivos mundos nativos são pequenos. Nosso mundo possui uma gravidade que eles consideram normal, mas por causa de nosso maior potencial gravitacional, nossa atmosfera é excessivamente densa para que eles possam agüentá-la sem prejuízo por um período demorado. Por motivos relacionados, o uso de nosso mundo como base para viagens interestelares, a não ser pelo fato de comerciar alguns produtos, se tornaria antieconômico. Existem também diferenças importantes na bioquímica, devido à diferença básica da composição dos solos. Eles não poderiam se alimentar com nossa comida, e nós não poderíamos consumir a deles.
- Mas estas dificuldades podem ser eliminadas. Podem trazer seus próprios alimentos, construir estações cobertas por redomas, diminuir a pressão atmosférica, construir naves especialmente projetadas.
- Sim, isto pode ser feito. E você sabe descrever com muita eloqüência feitos que só podem ser atribuídos a uma raça ainda jovem. Mas acontece que

eles não precisam fazer tudo isto. Na Galáxia existem milhões de mundos que eles podem considerar apropriados. Não precisam de um mundo que apresente tantas dificuldades.

- Como é que você sabe? Afinal, trata-se de informações que eles próprios forneceram.

- Eu me encontrava na posição de poder averiguar estes fatos por minha própria conta. Afinal, sou um Astrônomo.

- É verdade. Então diga-me tudo enquanto continuamos a caminhar.

- Neste caso, quero que você considere que durante muito tempo nossos astrônomos acreditaram que só existiam dois tipos de corpos celestes. Em primeiro lugar, os planetas que se formavam a uma distância bastante grande de seus núcleos estelares para permitir seu esfriamento e a captação de hidrogênio. Estes eram os planetas grandes, ricos em hidrogênio, amônia e metano. Como exemplo, posso citar nossos grandes planetas externos. A segunda categoria deveria incluir os planetas formados tão próximos ao núcleo estelar, que sua alta temperatura impediria a captação de hidrogênio... Estes planetas deveriam ser menores, relativamente pobres em hidrogênio e relativamente ricos em oxigênio. Conhecemos bem este tipo de planeta, porque vivemos num deles. Entretanto, o nosso é o único sistema solar que conhecemos bem, e por isto pareceu-nos razoável acreditar que estes dois tipos de planetas fossem os únicos.

- Suponho que existam outros.

- Sim. Existe uma categoria superdensa, de tamanho muito menor, com menos hidrogênio que os planetas internos do sistema solar. A proporção entre os planetas de hidrogênio-antônia e estes outros mundos superdensos de água e oxigênio, em toda a Galáxia, é de três a um. E oportuno também lembrar que eles fizeram um levantamento completo da Galáxia, com amostragem, e que esta é uma coisa que nós não podemos fazer, porque não podemos viajar no espaço. Isto significa que eles dispõem de alguns milhões de mundos superdensos que poderiam explorar e colonizar.

O Industrial olhou para o céu azul e para as copas verdes das árvores em sua volta. Perguntou:

- E os mundos como o nosso?

- Entre os sistemas solares que eles conhecem, o nosso é o primeiro que possui mundos assim. Aparentemente, o desenvolvimento de nosso sistema solar foi o único que não seguiu o mesmo processo dos outros.

O Industrial ficou a ponderar as palavras.

- Quer dizer, em resumo, que estas criaturas do espaço são moradores dos asteróides.

- Não, não. O sistema de asteróides é outra coisa totalmente diferente. Eles existem, pelo que me disseram, em um entre cada oito sistemas solares, mas são algo completamente diferente do que estávamos discutindo.

- Como você explica o fato que, apesar de você ser um astrônomo, você ainda está citando os fatos que eles lhe transmitiram, sem qualquer prova?

- Mas eles não se limitaram a me transmitir apenas informações. Eles me apresentaram uma teoria da evolução estelar que tive que aceitar e que é muito mais válida que qualquer outra teoria que nossa astronomia conseguiu elaborar, a não ser algumas teorias que datam da época de Antes-das-Guerras. Lembre-se

que as teorias deles possuem um rígido desenvolvimento matemático e previam exatamente uma galáxia como eles a descreveram. Por isto, você deve concordar que eles têm à disposição todos os mundos que podem desejar. Eles não querem conquistar novas terras. Sobretudo, não querem a nossa.

- Se o que você afirma corresponde à verdade, seu raciocínio tem sentido, Entretanto, as criaturas podem ser inteligentes, mas não ser racionais. Nossos antepassados eram inteligentes, mas não podemos afirmar que fossem racionais. Você acha que a destruição de nossas civilizações por meio de guerras atômicas, e por motivos que nossos historiadores não conseguem mais apontar com certeza, foi um feito racional? - O Industrial ficou a considerar este fato. - Desde o lançamento da primeira bomba atômica sobre as ilhas orientais do Sol - cujo nome antigo me foge da memória - todos sabiam qual seria o seu fim. Mesmo assim, os acontecimentos continuaram pelo mesmo rumo, até que este fim chegou.

Olhou para cima e perguntou, mais animado:

- Muito bem, onde estamos? Será que este passeio foi completamente inútil?

O Astrônomo estava mais à frente e respondeu com a voz alterada:

- De jeito nenhum. Venha ver.

O Ruivo e o Magro conseguiram seguir sem serem vistos pelos pais, ajudados pela experiência da mocidade e a preocupação dos adultos, que se concentravam em suas próprias discussões. Por isto a visão final do objeto que estava sendo procurado foi levemente obstruída pelo mato que lhes serviu de esconderijo. O Ruivo murmurou:

- Puxa, olhe para aquilo. Parece prata polida ou coisa assim.

Mas o Magro ficou muito mais entusiasmado. Agarrou o braço do amigo.

- Eu sei o que é isto. É uma nave espacial. Acho que foi por isto que meu pai veio até aqui. Meu pai é um dos maiores astrônomos do mundo, e sem dúvida seu pai o chamaria se uma nave espacial aterrasse em sua propriedade.

- Você está dizendo tolices! Meu pai sequer sabia que aquela coisa se encontrava lá, Ele só chegou aqui porque eu lhe disse que ouvi o trovão desta direção. Além disso, as naves espaciais não existem de verdade.

- Existem, sim, Olhe para lá. Veja aquelas coisas redondas. São as escotilhas. E você pode também ver os mísseis.

- Como é que você sabe tudo isto?

O rosto do Magro estava corado. Disse:

- Eu li a respeito. Meu pai tem uma porção de livros sobre naves espaciais. Livros antigos, da época de Antes-das-Guerras.

- Pffft! Agora te peguei! Você está inventando coisas. Imagine, livros de Antes-das-Guerras!

- Meu pai precisa ter livros assim. Ele leciona na Universidade. Sua profissão.

Magro estava levantando a voz e o Ruivo, sacudiu seu braço.

- Você quer que eles nos ouçam? - perguntou, indignado.

- Mas aquilo é uma nave espacial.

- Escute, Magro, você quer afirmar que aquele objeto é uma nave de outro mundo!

- Pois deve ser. Olhe só meu pai, está dando voltas e voltas. Ele não ficaria tão interessado se não fosse.

- Outros mundos! Onde podem ficar estes outros mundos?

- Em todas as direções. O que você me diz dos planetas? Alguns deles são mundos iguais ao nosso. Provavelmente outras estrelas também têm planetas. Provavelmente existem trizilhões de planetas.

O Ruivo começava a se sentir esmagado por tamanha superioridade. Resmungou:

- Você está doido!

- Está bem. Então Vou lhe mostrar.

- Ei, espere! Para onde quer ir?

- Quero descer até lá. Quero perguntar ao meu pai. Imagino que você acreditará quando ele falar. Imagino que você acreditará que um professor de Astronomia sabe o que...

O Magro se levantou.

O Ruivo disse:

- Espere. Ei! Você também não quer que eles nos vejam. Ninguém nos deu licença para vir até aqui. Será que você quer que eles comecem a fazer perguntas e descubram tudo a respeito de nossos bichos?

- Eu não me importo. Você disse que estou doido.

- Dedo-duro! Você prometeu que não contaria nada.

- Eu não Vou contar. Mas se eles descobrirem sozinhos, a culpa é sua por ter iniciado uma discussão e por ter dito que eu estou doido.

- Eu retiro o que disse - falou o Ruivo.

- Está certo. Assim é melhor.

O Magro estava um pouco desapontado. Queria ver a nave espacial de perto. Entretanto, não podia quebrar sua promessa de segredo, sem, pelo menos, a justificativa de ter sido insultado.

O Ruivo observou:

- Aquele objeto me parece muito pequeno para uma nave espacial.

- Sem dúvida, deve ser um bote para observação.

- Aposto que meu pai nunca conseguiria entrar naquela coisa.

O Magro percebeu que isto era verdade. Era um ponto fraco em sua argumentação e não respondeu.

O Ruivo se levantou, com uma expressão de tédio forçado.

- Olhe, acho melhor irmos embora. Temos coisas a fazer, e não podemos ficar aqui o dia todo, só para olhar uma velha nave espacial ou qualquer coisa assim. Se realmente queremos trabalhar num circo, precisamos ir cuidar dos bichos. Para a gente circense, esta é a coisa mais importante. Preciso cuidar dos bichos. E é isto que eu pretendo fazer - acrescentou com ar de bonzinho.

O Magro interferiu:

- Para que, Ruivo? Eles têm um bocado de carne. Vamos ficar e ver o que acontece.

- Acho que não tem graça. Além do mais, acho que seu pai e o meu irão embora, e já está na hora do almoço.

O Ruivo achou preferível continuar a argumentação:

- Olhe, Magro, não podemos nos comportar de maneira a provocar suspeitas, caso contrário eles começarão a investigar. Puxa, será que você nunca leu uma estória policial? Quando a gente pretende realizar um grande plano sem que qualquer pessoa perceba, a coisa mais importante é continuar agindo de maneira natural, como sempre. Então, ninguém começa a duvidar. Esta é a regra número um de...

- Tá bom. Certo.

O Magro se levantou, contrariado. Naquele instante o circo lhe parecia um substituto meio maltrapilho e gasto das glórias da astronomia, e começou a se perguntar de que forma tinha se deixado atrair para aquele tolo plano do Ruivo.

Desceram pela encosta. O Magro, como sempre, vinha na retaguarda.

O Industrial observou:

- Fico fascinado ao ver esta técnica. Nunca vi nada construído desta maneira.

- Mas a que vale agora? - comentou o Astrônomo, amargurado. - Não sobrou nada. Não haverá uma segunda aterragem. Esta nave descobriu que nosso planeta era habitado por uma mera coincidência. Outras expedições não se aproximarão tanto, depois de constatar que em nosso sistema solar não existem mundos superdensos.

- Não adianta discutir, foi uma aterrissagem forçada.

- A nave não parece muito avariada. Se houvesse sobreviventes, poderia ser consertada.

- Se alguém tivesse sobrevivido, não poderíamos comerciar com eles de qualquer maneira. Eles são demasiado diferentes. Esta diferença perturba. E de qualquer maneira, acabou-se,

Entraram na casa e o Industrial cumprimentou a mulher com expressão muito calma:

- O almoço já está pronto, querida?

- Receio que não. Sabe... - Lançou um olhar em direção ao Astrônomo e hesitou.

- Aconteceu alguma coisa? - perguntou o Industrial. - Vamos, diga. Tenho certeza que nosso convidado não se importará com uma pequena discussão familiar.

- Por favor, não se preocupem comigo - murmurou o Astrônomo. Afastou-se deles e foi até a outra extremidade da sala de estar. A mulher falou em voz baixa, apressadamente:

- Querido, é por causa da cozinheira. Ela está fora de si. Tentei acalmá-la durante horas. Francamente, não entendo por que o Ruivo foi fazer isto.

- O que foi que ele fez? - O Industrial estava sobretudo achando graça. Ele e o garoto até aquele momento tinham tentado, sem qualquer sucesso, a convencer a respectiva mulher e mãe a usar o apelido "Ruivo" em vez do verdadeiro nome do garoto (que achava seu nome horroroso).

Ela disse:

- O menino surrupiou quase toda a carne moída.

- Você quer dizer, ele a comeu?

- Espero que não. Estava crua.

- Por que ele foi fazer isto?

- Também não entendo. Só o vi na hora do desjejum, e depois desapareceu, A cozinheira está uma fera. Chegou a vê-lo enquanto ele saía correndo da cozinha, e descobriu que a tigela com a carne moída estava quase vazia. Ela pretendia fazer bolinhos para o almoço. Você sabe como ela é. Teve que mudar o cardápio e isto significa que durante uma semana ela não vai parar de resmungar. Você terá que falar com o Ruivo e obrigá-lo a prometer que nunca mais vai mexer na cozinha. E seria ótimo se ele fosse pedir desculpas à cozinheira.

- Ora, não exagere. Afinal, é uma empregada. Se nós não nos queixamos por causa da mudança do cardápio, por que ela deveria se queixar?

- Por que deste jeito ela teve que trabalhar em dobro e porque está dizendo que quer sua conta. Não é fácil encontrar uma boa cozinheira. Você ainda se lembra da anterior que tivemos?

Era um argumento convincente.

O Industrial olhou ao redor, com ar ausente. Disse:

- Suponho que você está certa. Imagino que o Ruivo não está aqui, mas Vou falar com ele quando chegar.

- Pode começar. Está chegando.

O Ruivo entrou e exclamou alegremente:

- Imagino que está na hora do almoço! - Observou primeiro a mãe e depois o pai, percebeu seus olhares esquisitos e acrescentou:

- Mas preciso lavar as mãos. - Logo tentou sair por uma porta. O Industrial disse:

- Um minuto, filho.

- Senhor?

- Onde está o seu amiguinho?

O Ruivo respondeu em tom displicente:

- Deve estar por aí, em algum lugar. Estávamos caminhando a esmo, e de repente me virei e não o vi mais. - Era verdade e o Ruivo falou com uma certa segurança. - Eu lhe disse que estava quase na hora do almoço. Falei:

- Eu acho que está na hora de voltar para casa. Então ele falou: Sim, e eu continuei a andar. Quando cheguei perto do riacho, eu me virei e...

O Astrônomo interrompeu aquela estória um pouco enrolada, erguendo os olhos das páginas de uma revista que estava folheando.

- Não acho necessário que vocês se preocupem por causa de meu filho. Ele é um menino com opiniões próprias. Por favor, não atrasem o almoço por causa dele.

- O almoço ainda não está pronto, doutor. - O Industrial voltou a falar com seu filho: - Por falar em almoço, filho, o atraso é devido a um incidente que aconteceu com um dos ingredientes. Você tem alguma coisa a dizer a respeito?

- Senhor?

- É muito desagradável que você me obrigue a explicar mais claramente. Por que você surrupiou a carne moída?

- A carne moída, pai?

- A carne moída. - O Industrial esperou pacientemente.

O Ruivo disse:

- Bom, acontece que eu estava...
- Com fome? - sugeriu o pai. - E estava com vontade de carne crua?
- Não, senhor. Eu precisava dela.
- Para quê?
O Ruivo parecia acabrunhado e não sabia o que dizer.
O Astrônomo voltou a falar.
- Espero que não se importe com a minha interferência... mas você deve estar lembrado que logo após o desjejum, meu filho entrou e perguntou o que os animais costumavam comer.
- É verdade, imagine que eu tinha me esquecido. Escute, Ruivo, você apanhou a carne moída para dá-la a algum bichinho que você capturou?
O Ruivo respirou fundo, indignado. Disse:
- Você quer dizer que o Magro veio aqui e disse que eu tinha um bicho? Entrou aqui e disse isto? Falou que eu tinha um bicho?
- Não, ele não falou. Apenas perguntou o que os animais costumavam comer, e só. Quer dizer, se ele prometeu não dizer nada, pode ficar sossegado porque não falou. Ficamos desconfiados apenas pela sua própria tolice de andar peGando as coisas sem pedir licença. Você roubou! Agora diga: você tem um bichinho? Estou lhe fazendo uma pergunta direta!
- Sim, senhor. - A resposta veio num sussurro.
- Está bem, agora você terá que se livrar dele. Entendeu? A mãe do Ruivo interferiu: - Você quer dizer que você tem um bichinho carnívoro, Ruivo? O animal poderia mordê-lo e provocar uma infecção qualquer.
- Mas são bichinhos muito pequenos - gaguejou o Ruivo. - Eles nem se mexem quando a gente os pega na mão.
- Bichinhos? Quantos são?
- Dois.
- E onde estão?
O Industrial cutucou o braço da mulher.
- Deixe o garoto em paz - murmurou. - Ele disse que vai se livrar deles e tenho certeza que vai fazê-lo. Já é um castigo suficiente.
E prontamente esqueceu o assunto.

O almoço já estava chegando ao fim quando Magro entrou correndo. Por um instante ficou parado, sem saber o que fazer, e depois falou em tom quase histérico:
- Preciso falar com o Ruivo, por favor. Preciso lhe dizer uma coisa.
O Ruivo o encarou, assustado, mas o Astrônomo disse:
- Filho, acho que você não está se mostrando muito educado. Você provocou o atraso do almoço.
- Sinto muito, pai,
- Não repreenda o garoto - interveio a mulher do Industrial. Deixe-o falar com o Ruivo, se ele quiser, e o atraso do almoço não foi muito grave.
- Preciso falar com o Ruivo a sós - insistiu o Magro.
- Agora, chega! - falou o Astrônomo com uma amabilidade que era obviamente forçada, por causa da presença de estranhos, mas que mal encobria a impaciência. - Sente-se, por favor.

O Magro se sentou, mas só comia quando percebia que alguém o estava observando. Mesmo assim, comia pouco. O Ruivo olhou para ele e movimentou os lábios sem emitir sons:

- Os animais fugiram?

O Magro sacudiu a cabeça e respondeu baixinho:

- Não, mas...

O Astrônomo lhe lançou um olhar severo e o Magro emudeceu. Quando o almoço terminou, o Ruivo saiu sorrateiramente da sala, e conseguiu acenar para o Magro. Ambos foram até o riacho sem falar.

Quando chegaram lá, o Ruivo se virou para o amigo com uma expressão furiosa:

- Escute aqui, que idéia foi esta de contar ao meu pai que estávamos alimentando animais?

O Magro respondeu:

- Mas eu não disse. Só perguntei qual era a comida apropriada para animais. Isto não é a mesma coisa como dizer que estávamos alimentando animais. Mas quero lhe dizer uma outra coisa, Ruivo.

O Ruivo não desistia facilmente quando queria reclamar.

- Para onde você sumiu, posso saber? Eu pensei que você estivesse atrás de mim, que estivesse indo para casa comigo. Quando cheguei sozinho, eles quase me culparam pela sua ausência!

- Estou querendo lhe dizer tudo, mas você não me deixa falar. Feche a boca, ora! Deixe-me falar, sim?

- Pois bem, fale, já que você quer.

- Estou tentando! Voltei para perto da nave espacial. Nossos pais já tinham ido embora e eu queria saber como a nave era feita por dentro.

- Não é uma nave espacial - protestou o Ruivo, emburrado. Não tinha nada a perder.

- Mas é, sim senhor. Olhei para dentro pelas escotilhas, e então vi que estavam mortos. - Tinha uma expressão angustiada: - Estavam todos mortos.

- Quem estava morto?

O Magro gritou:

- Os animais! Iguais aos nossos bichinhos! Mas eles não são bichinhos. São criaturas de um outro planeta.

Por um momento o Ruivo ficou imóvel como se tivesse se transformado numa estátua. A este ponto já nem pensava em desmentir o Magro. O Magro não podia estar contando mentiras, isto era mais do que evidente. Finalmente falou:

- Droga!

- Mas o que é que vamos fazer? Puxa, se alguém descobrir, vamos levar uma surra! - Estava estremecendo.

- Acho melhor soltá-los - falou o Ruivo.

- Poderão dizer o que fizemos.

- Eles não conhecem nosso idioma. Especialmente, se vieram de um outro planeta.

- Conhecem, sim. Eu me lembro que meu pai estava falando com minha mãe a respeito disto, e ele pensava que eu não estava na sala. Mas eu estava.

Ele falou de visitantes que sabiam conversar com a mente. Por telepateria ou coisa assim. Eu pensei que ele estava inventando coisas.

- Ora, puxa! Quero dizer... puxa vida! - O Ruivo ergueu a cabeça. - Escute, Vou lhe dizer uma coisa. Meu pai disse para me livrar deles. Podemos enterrá-los em algum lugar, ou afogá-los no riacho.

- Ele disse para fazer isto?

- Ele me obrigou a admitir que eu tinha os bichinhos e depois falou: Livre-se deles. Preciso obedecer. Puxa vida, ele é meu pai.

O Magro já não se sentia mais tão assustado. Parecia uma boa saída, uma saída autorizada.

- Neste caso, vamos fazê-lo já, antes que alguém descubra. Nossa, se alguém descobrir, vai ser o diabo! Começaram a correr em direção ao celeiro, pensando em possíveis represálias paternas.

Era bem diferente observá-los e pensar que podiam ser "gente". Sendo apenas animais, tinham sido interessantes; mas agora, como gente, eram positivamente horríveis. Os olhos, que antes eram pequenos objetos neutros, pareciam agora vigiá-los com total malevolência.

- Eles estão fazendo uma espécie de barulho - sussurrou o Magro.

- Imagino que devem estar conversando ou coisas assim - falou o Ruivo, Engraçado: tinha ouvido os mesmos sons antes, sem lhes emprestar qualquer significado. Não deu qualquer passo para se aproximar. O Magro também ficou parado.

Tinham tirado a lona, mas estavam apenas observando. O Magro viu que a carne moída estava intacta. Perguntou:

- Você não vai tomar uma atitude?

- E você?

- Foi você quem os achou.

- E agora chegou a sua vez de fazer alguma coisa.

- Não tenho nada a ver com isto. Você os achou. A culpa é toda sua. Eu só fiquei olhando.

- Você me ajudou, Magro. Você sabe que me ajudou.

- Não me importo. Foi você quem os achou, e eu vou dizer isto quando eles vierem aqui para nos procurar.

O Ruivo disse:

- Está bem. - Mas logo pensou nas conseqüências e se sentiu inspirado para fazer alguma coisa. Esticou a mão para a porta da gaiola.

O Magro disse:

- Espere!

O Ruivo ficou satisfeito por poder esperar. Perguntou:

- O que há com você agora?

- Um deles tem alguma coisa que parece feita de ferro ou de metal.

- Onde?

- Ali, olhe! Eu já reparei antes, mas pensei que era parte de seu corpo. Por outro lado, se eles são gente, pode ser um desintegrador.

- O que é isto?

- Li a respeito de desintegradores naqueles livros de Antes-das-Guerras. Em geral, a gente que viaja com naves espaciais, tem desintegradores. Eles apontam aquilo contra você e você fica desintegrado.

- Até agora, eles não apontaram aquela coisa - ponderou o Ruivo sem muito entusiasmo.

- Sabe, eu não me importo. Não quero ficar mais aqui e arriscar a ficar desintegrado. Você pode ficar e esperar, mas eu quero chamai meu pai.

- Você é um gato espantado e assustado. Gato espantado!

- Não me importo. Pode me chamar do que quiser, mas se você começar a mexer com eles, ficará desintegrado. Pode esperar, e a culpa será sua.

Foi até a estreita escada de madeira que levava ao andar térreo do celeiro, mas parou e depois deu alguns passos para trás. A mãe de Ruivo estava subindo a escada, ofeGando um pouco pelo esforço. Sorriu para o Magro, porque afinal ele era um hóspede. Um sorriso meio amarelo.

- Ruivo! Ei, Ruivo, você está aqui em cima? Não se esconda. Eu sei que você está guardando seus animais aqui mesmo. A cozinheira viu você entrar aqui quando você fugiu com a carne.

O Ruivo gaguejou:

- Olá, mãe.

- Agora, mostre-me aqueles bichinhos feios, Quero ter certeza que você vai se livrar deles agora mesmo!

Estava tudo acabado! Apesar de saber que a surra não iria demorar, o Ruivo se sentiu aliviado. Finalmente alguém estava livrando-o da responsabilidade.

- Estão aqui, mãe. Eu não fiz nada para machucá-los, mãe. Eu não sabia. Eles pareciam bichinhos e pensei que você iria deixar que eu os guardasse. Olhe, mãe, eu só peguei a carne porque eles se recusaram a comer capim e folhas, e não conseguimos encontrar nozes e frutinhas, e a cozinheira nunca me deixa pegar nada, caso contrário eu ia pedir a ela, e eu não sabia que a carne era para o almoço...

Estava falando sem parar, levado pelo medo do castigo, e não percebeu que a mãe não estava prestando atenção. Estava de olhos arregalados pelo horror e logo começou a gritar em tom estridente, sem parar.

O Astrônomo estava dizendo:

- Precisamos enterrá-los sem nenhuma publicidade. Seria totalmente inútil, considerando o desfecho da missão. - A este ponto ouviram os gritos.

Quando ela chegou, correndo, ainda não tinha se recuperado totalmente. Levou alguns minutos até conseguir falar e explicar. Finalmente disse:

- Mas olhe, estão no celeiro. Não sei o que são. Não, não...

O Industrial queria ir para lá, mas ela pediu:

- Não quero que você vá. Mande um empregado com uma espingarda. Olhe, nunca vi animais tão horrorosos. São bichinhos horríveis, pequenos, com... com... nem sei dizer. Imagine que o Ruivo ficou manuseando-os e tentou alimentá-los. Imagine que ele os segurava e lhes dava carne para comer.

O Ruivo disse:

- Mas eu só...

E o Magro disse:
- Não estava...
O Industrial concluiu rápido:
- Vocês, garotos, já aprontaram o suficiente para um dia só. Agora chega! Ambos para casa! E não quero mais ouvir uma palavra, entenderam? Nem uma palavra! Não estou interessado em ouvir qualquer outra explicação. Acabou-se. Mais tarde vocês poderão contar o que quiserem, e você, Ruivo, vai receber o seu castigo.
Olhou para a mulher:
- Agora Vou providenciar para que matem os animais, não importa o que sejam. - Quando os garotos se afastaram, acrescentou em voz mais baixa:
- Agora, pare. As crianças não se machucaram, e pensando bem, não fizeram nada de grave. Simplesmente acharam alguns bichinhos.
O Astrônomo teve que fazer um esforço para falar.
- A senhora me perdoe, mas poderia me descrever os animais?
Ela sacudiu a cabeça, sem conseguir falar.
- Será que a senhora não poderia pelo menos me dizer se...
- Sinto muito - interferiu o Industrial - acho que vou ter que cuidar dela agora. Pode me desculpar por um minuto?
- Por favor. Escute! Um minuto só! Ela disse que nunca viu animais iguais a estes. Afinal, numa propriedade como esta, me parece bastante estranho que o garoto tenha encontrado animais nunca vistos antes!
- Sinto muito, mas não posso discutir o assunto agora.
- A não ser que se trate de animais que aterrissaram aqui durante a noite!
O Industrial se afastou da mulher.
- O que é que você está insinuando?
- Penso que a coisa mais inteligente seria ir até o celeiro agora mesmo!
O Industrial arregalou os olhos e virou as costas e, contrariando todos os seus hábitos, começou a correr. O Astrônomo o seguiu, também correndo. A mulher ficou e recomeçou a gritar.

O Industrial observava, espantado. Lançou um olhar ao Astrônomo e voltou a observar.
- São aqueles?
- Isto mesmo - confirmou o Astrônomo. - E eu imagino que eles também devem pensar que somos estranhos e repelentes.
- O que estão dizendo?
- Dizem que não se sentem à vontade, que estão cansados, que não se sentem bem, mas que não se machucaram muito e que os garotos os trataram bem.
- Os garotos os trataram bem? Apanhando-os sem cerimônia, colocando-os numa gaiola suspensa e dando-lhes carne crua para comer? Explique-me como devo agir para me comunicar com eles.
- Talvez isto leve algum tempo. Pense, como se estivesse conversando com eles. Depois tente ouvir. Você vai ver que conseguirá. Talvez não consiga logo na primeira tentativa.

O Industrial tentou. Fez uma careta enquanto se esforçava para pensar sempre a mesma coisa, repetindo-a em sua mente:

Os garotos não sabiam quem vocês eram.

De repente a resposta se manifestou em sua mente.

Nós compreendemos, e como vimos que suas intenções eram boas, pelo menos do ponto de vista deles, não pensamos em atacá-los.

Atacá-los? pensou o Industrial e se concentrou a tal ponto neste pensamento que acabou por pronunciar as palavras.

Uma daquelas repugnantes criaturas da gaiola mostrou um objeto metálico que ergueu, e logo um buraco apareceu no teto da gaiola, e um outro no teto do celeiro, os dois buracos possuíam uma borda carbonizada.

Esperamos, pensou a criatura, *que não será difícil consertar o prejuízo*.

O Industrial percebeu que era impossível orGanizar seus pensamentos de forma racional. Olhou para o Astrônomo e perguntou:

- Eles possuíam uma arma to poderosa e deixaram que os garotos os apanhassem e os colocassem na gaiola? Eu não compreendo!

Mas logo recebeu um pensamento calmo.

Jamais prejudicaríamos os filhos de uma espécie inteligente.

Era o crepúsculo. O Industrial tinha se esquecido de jantar, e não se lembrava disto. Disse:

- Você acha que a nave poderá decolar?

- Eles afirmaram que sim - respondeu o Astrônomo. - Por isto, suponho que decolará. Espero que eles voltem, sem muita demora.

- Quando eles voltarem - falou o Industrial - Vou cumprir tudo que prometi. E mais uma coisa: Vou fazer tudo que estiver em meu poder, para que os outros também os aceitem. Escute, doutor, eu estava totalmente errado: criaturas que evitam machucar crianças, apesar das provocações muito graves, são criaturas admiráveis. E tem mais uma coisa que quero dizer...

- O quê?

- A respeito dos garotos. Seu filho e o meu. Estou quase orgulhoso deles. Imagine só, capturaram as criaturas, tentaram alimentá-las e procuraram mantê-las escondidas. São uns caras de pau! Sabe, o Ruivo confessou que queria fugir para trabalhar num circo, e precisava dos bichinhos para ser aceito. Inacreditável!

O Astrônomo comentou:

- Mocidade!

O Mercante perguntou:

- Quando vamos poder decolar?

- Dentro de meia hora - respondeu o Explorador.

A viagem de volta ia ser uma viagem muito solitária. Os dezessete membros da tripulação estavam mortos, e seus restos iam ficar sepultados num planeta estranho. Eles teriam que voltar sozinhos, dividindo as tarefas, numa nave avariada.

- O fato de não termos machucado os filhotes foi ótimo para os negócios - falou o Mercante. - Sei que conseguiremos condições muito favoráveis, muito favoráveis mesmo!

O Explorador pensou. Negócios!

- Olhe só, estão todos enfileirados para ver nossa partida. Não falta ninguém. Você não acha que eles estão muito perto? Seria desagradável que um deles sofresse queimaduras pela explosão dos mísseis, especialmente considerando que agora somos amigos.

- Não há nenhum perigo.

- Você não acha que são criaturas de aparência horrorosa?

- Sim, mas com sentimentos muito agradáveis. Seus pensamentos são muito suaves.

- Quem poderia imaginar. Aquele filhote imaturo, aquele que nos capturou... Eles o chamam de Ruivo. É um nome engraçado, considerando que é um monstrinho. Me dá vontade de gargalhar. Imagine que ele está sentido ao ver que estamos indo embora. Não entendo bem por que, mas tenho a impressão que sua tristeza está relacionada com uma oportunidade perdida, dentro de uma orGanização que não consigo identificar.

- Um circo - explicou o Explorador.

- Um quê? Ora esta, que monstrinho mais impertinente!

- Por quê? Diga-me, o que você teria feito se você o tivesse encontrado em seu planeta nativo: se o tivesse encontrado dormindo no capim da Terra, com seus tentáculos vermelhos, seis pernas, os pseudópodes e tudo o mais?

O Ruivo ficou observando a nave que estava se afastando. Seus tentáculos vermelhos, motivo de seu apelido, estremeceram ao relembrar a oportunidade perdida, e seus olhos, situados nas extremidades dos tentáculos, se encheram de pequenos cristais amarelos e voláteis, o equivalente das lágrimas terrestres.

NAS PROFUNDEZAS

No fim, todo planeta deve morrer. Sua morte pode ser rápida, pela explosão do sol. Ou chegar devagar, enquanto o sol começa a deteriorar-se e seus oceanos congelam, Neste caso, porém, a vida inteligente ainda tem uma possibilidade de sobreviver.

Ela consegue sobreviver saindo pelo espaço, para se estabelecer num outro planeta mais próximo ao sol que está esfriando, ou então no planeta de um outro sol. Entretanto, quando o planeta tiver a infelicidade de ser o único corpo celeste importante girando em volta do sol, e se, na mesma época, não existir qualquer outro a uma distância inferior a quinhentos anos luz, isto pode se tornar impossível.

Neste caso, a sobrevivência depende da penetração no interior da crosta do planeta. Sempre existe esta possibilidade. Pode-se construir um novo lar debaixo da terra, utilizando como energia o calor do centro do planeta. Esta tarefa chega a requerer milhares de anos para ser terminada, mas um sol deteriorado precisa de muito tempo para esfriar.

Mas o calor interno de um planeta também chega a se esgotar. Cavam-se túneis sempre mais profundos, até que o planeta, definitivamente, se apaga. O tempo estava se aproximando.

Na superfície do planeta, as lerdas brisas de néon se agitavam tão fracas que quase não conseguiam encrespar as lagoas de oxigênio que se acumulavam nas baixadas. De vez em quando, durante os dias muito compridos, o sol, já manchado de incrustações, parecia se iluminar por uma explosão provocando uma breve fervura nas lagoas de oxigênio.

Nas longas noites a superfície das lagoas de oxigênio se cobria de gelo branco azulado e as pedras ao redor reluziam pelo orvalho de néon. A oitocentas milhas debaixo da crosta, ainda sobrava uma pequena bolha de calor.

O que Wenda sentia por Roi era algo muito íntimo, muito mais íntimo de quanto ela poderia decentemente admitir. Wenda recebera a autorização de entrar no ovário apenas uma vez em toda sua vida, e naquela ocasião explicaram-lhe que não aconteceria nunca mais. O Geneticista explicou:

- Você não possui todos os requisitos necessários, Wenda, mas você é fértil e vamos tentar uma vez. Pode dar certo.

Ela desejava ardentemente que desse certo, era um desejo desesperado. Quando ainda era muito nova, soube que sua inteligência não estava muito desenvolvida e que nunca conseguiria ser mais que uma Manual. Sentia-se acabrunhada por não poder servir sua Raça e desejava encontrar qualquer oportunidade para poder contribuir na criação de outro ser. Isto se tornou uma obsessão.

Ela depositou seu ovo num canto da estrutura e depois voltou para observá-lo. O processo a esmo, pelo qual os ovos eram movimentados suavemente durante a inseminação mecânica (para assegurar uma distribuição eqüitativa de genes), por algum motivo estranho, não chegou a remover seu ovo do lugar.

Ela manteve sua vigilância, de maneira discreta, durante todo o período de amadurecimento, observou o pequenino que emergiu daquele ovo específico que era dela, anotou as características físicas que possuía e ficou a observá-lo enquanto crescia.

Era um filhote saudável e o Geneticista o aprovava.

Um dia, ela falou com ar de indiferença:

- Olhe para aquele, sentado ali. O que é que ele tem, está doente?

- Qual deles? - O Geneticista se assustou. Filhotes visivelmente adoentados naquele estágio só poderiam suscitar dúvidas a respeito de sua própria competência.

- Você quer dizer Roi? Tolice! Gostaria que todos os filhotes fossem iguais a ele.

Sua primeira reação foi apenas de satisfação, mas depois se assustou e finalmente ficou apavorada. Percebeu que estava vigiando a criança, que se interessava pela sua instrução, que o observava enquanto brincava. Ficava feliz quando ele estava por perto, e sentia-se triste quando não o via. Nunca ouvira falar numa reação parecida e estava muito envergonhada.

Deveria ter ido consultar o Mentalista, mas sabia que era perigoso. Não chegava a ser deficiente a ponto de não entender que não se tratava de um leve caso de aberração, que podia ser curado com um breve toque numa célula

cerebral. Tratava-se de uma manifestação absolutamente psicótica, ela tinha certeza disto. Se eles descobrissem, iam confiná-la. Aplicariam provavelmente a eutanásia, por ela ser um membro inútil e assim desperdiçar as energias muito limitadas que ainda ficavam à disposição da raça. E se descobrissem qual era o filhote saído de seu ovo, poderiam levá-lo também à eutanásia.

Durante anos ela lutou contra a anormalidade e, até um certo ponto, conseguiu controlá-la. Depois ouviu dizer que Roi era o escolhido para a longa viagem, e se sentiu terrivelmente infeliz.

Seguiu-o até um corredor vazio da caverna, distante do centro da cidade, A cidade! Só havia uma. Esta caverna ficara desativada recentemente, e Wenda se lembrava do fato. Os Anciões tinham medido sua extensão, contado a população e calculado a energia necessária para mantê-la em funcionamento e depois decidiram apagá-la. Os habitantes, que eram poucos, foram transferidos para outro ponto mais próximo do centro e a cota para a próxima sessão no ovário foi cortada.

Wenda achou que o nível de conversação de Roi era superficial, como se sua mente estivesse toda retraída para o interior.

- Você está com medo? Ela perguntou em pensamento.

- Só porque vim até aqui para pensar? Ele hesitou e depois falou: - Sim, estou. Esta é a última possibilidade da Raça. Se eu falhar...

- Você está com medo por si próprio?

Ele a examinou com surpresa e a corrente de pensamento de Wenda estremeceu pela vergonha.

Ela falou:

- Gostaria de ir em seu lugar.

Roi perguntou:

- Você acha que seu desempenho seria melhor que o meu?

- Oh, não. Mas se eu tivesse que falhar e... se eu nunca mais voltasse, a Raça não perderia muito.

- Seria uma perda de qualquer forma - ele afirmou, impassível. - Não importa que seja eu ou você. Seria uma perda de existência racial.

Wenda, naquele momento, pouco se importava com a existência racial. Suspirou:

- É uma viagem tão longa.

- Realmente? - ele perguntou com um sorriso. - Você sabe quanto vai durar?

Ela hesitou. Não queria parecer tola. Empertigou-se toda.

- O que se fala por aí é que será até o Primeiro Nível.

Quando Wenda ainda era uma criança e os corredores aquecidos se estendiam muito além da cidade, ela começou a explorá-los, como costumam fazer as crianças. Um dia chegou até um ponto muito distante, onde fazia bastante frio e encontrou um salão em aclive, mas que estava bloqueado firmemente, do teto até o chão, e de um lado ao outro, por uma parede.

Alguém lhe explicou que do outro lado da parede existia o septuagésimo nono Nível e acima daquele, e Septuagésimo Oitavo, e assim por diante.

- Iremos além do Primeiro Nível, Wenda.

- Mas além do Primeiro Nível não há nada.

- É verdade. Não existe nada. Toda a matéria sólida do planeta termina ali.
- Mas como pode existir algo que não é nada? Você está falando em ar?
- Não, Wenda, estou falando em nada mesmo. O vácuo, Você sabe o que é o vácuo, não é?
- Sim, eu sei. Mas para fazer o vácuo, a gente precisa de bomba e compartimentos estanques.
- Isto diz respeito à Manutenção. Mas além do Primeiro Nível existe um vácuo infinito que se estende por todos os lados.
Wenda refletiu um pouco e disse:
- Alguém já esteve lá?
- É claro que não, Mas temos os registros.
- Talvez os registros estejam errados.
- Não podem estar errados. Você sabe quanto espaço terei que atravessar?
A corrente de pensamento de Wenda indicava o negativo absoluto, Roi falou:
- Suponho que você conhece a velocidade da luz.
- É claro que sim - ela respondeu logo. Tratava-se de uma constante universal. Até as crianças a conheciam. - Mil e novecentos e cinqüenta e quatro vezes o comprimento da caverna e a volta em um segundo.
- Certo - disse Roi - mas se a luz tivesse que viajar pela distância que terei que atravessar, a luz demoraria dez anos.
Wenda disse:
- Você está me espicaçando. Você está tentando me assustar.
- Por que deveria assustá-la? - Roi se levantou. - Já fiquei aqui por um tempo suficiente...
Por um instante um de seus seis membros de agarrar pousou sobre um membro dela, com uma sensação de amizade objetiva e impassível. Wenda sentiu o impulso irresistível de agarrá-lo e segurá-lo, para impedi-lo de partir.
Chegou a ficar em pânico: receava que ele penetrasse em sua mente além do nível convencional e que sentisse repugnância; poderia até fazer um relatório e pedir que ela se submetesse a um tratamento. Mas logo se acalmou. Roi era normal, não estava doente como ela. Nunca pensaria em penetrar na mente de uma pessoa amiga além do nível convencional, mesmo que fosse provocado para isto.
Quando ele se afastou, Wenda pensou que era muito atraente. Seus membros de agarrar eram retos e fortes, suas vibrissas manipulativas eram numerosas e delicadas e suas manchas ópticas possuíam uma opalescência muito mais bonita que qualquer outra que ela conhecia.

Laura se acomodou em seu assento. Como era macio e confortável, afinal, os aviões, vistos por dentro, não eram nada assustadores, e bem diferentes da parte externa, tão brilhante, dura, prateada e desumana.
O berço portátil estava sobre o assento, ao seu lado. Espiou para a parte visível entre o cobertor e a touca cheia de babados. Walter estava dormindo. Seu rostinho possuía a rechonchuda suavidade da infância e suas pálpebras eram duas meias-luas franjadas a lhe cobrir os olhos.

Uma mecha de cabelos castanhos claros cobria parcialmente sua testa, e Laura a empurrou para cima com delicadeza infinita. A hora da próxima mamadeira estava se aproximando e Laura esperava que Walter não estranharia o novo ambiente, A aeromoça era muito gentil. Colocara as mamadeiras numa pequena geladeira. Imagine só, uma geladeira num avião.

O pessoal sentado do outro lado do corredor estava a observá-la com aquela expressão peculiar que mostrava que estavam com vontade de conversar e só esperavam uma boa desculpa para começar.

O momento chegou quando ela tirou Walter do bercinho e colocou aquela bolinha redonda de carne rosada, coberta de um invólucro fofo de algodão branco, sobre os joelhos.

Um bebê é sempre uma boa desculpa para iniciar uma conversa entre pessoas estranhas. A senhora do outro lado do corredor falou - como era de se esperar:

- Que criancinha linda! Qual é a sua idade, querida?

Laura, que segurava os alfinetes com os dentes (e tinha colocado um pano sobre os joelhos e estava trocando Walter) falou:

- Completará quatro meses na próxima semana.

Walter tinha os olhos abertos. Abriu a boca e ofereceu à mulher um sorriso molhado e desdentado. (Gostava muito quando trocavam suas fraldas).

- Olha como está sorrindo, George! - disse a senhora.

O marido também sorriu e agitou os dedos.

- Gu-gu - falou.

- Como é que ele se chama, querida? - perguntou a mulher.

- Walter Michael - disse Laura e acrescentou: - Como seu pai. A partir deste ponto, a conversa fluiu livremente. Laura ficou sabendo que o nome do casal era George e Eleanor Ellis, que estavam de férias e que tinham três filhos adultos, duas moças e um rapaz. As duas moças estavam casadas e uma delas já tinha dois filhos.

Laura escutou com uma expressão amável. Walter (o pai) sempre dizia que tinha começado a se interessar por ela porque ela sabia ouvir.

Walter começou a ficar inquieto. Laura descobriu seus braços para que o bebê pudesse movimentá-los, então pediu à aeromoça para aquecer a mamadeira.

A seguir respondeu a perguntas educadas e insistentes e explicou o número de mamadeiras que Walter tomava por dia, a exata composição da fórmula e que felizmente Walter não tinha assaduras.

- Espero que não fique enjoado - disse. - Por causa do avião.

- Meu Deus - respondeu a senhora Ellis. - com esta idade não tem perigo. Aliás, estes aviões grandes são extraordinários. Só posso perceber que estamos no ar se eu olhar pela janela. Você não acha, George?

Mas o senhor Ellis era um homem muito franco. Disse:

- Estou admirado de ver um bebê tão novinho viajar de avião.

Sua mulher franziu a testa. Laura mudou a posição de Walter e o colocou sobre o ombro, dando-lhe palmadinhas carinhosas na costas. Walter se esqueceu de chorar quando seus dedinhos encontraram os cabelos loiros e sedosos de sua mãe e começaram a puxá-los. Ela explicou:

- Estou levando-o para seu pai. Walter ainda não conhece seu filho.

O senhor Ellis ficou perplexo e quis fazer um comentário, mas a senhora Ellis se adiantou:

- Seu marido é militar, não é, querida?

- Sim.

O senhor Ellis abriu a boca e a fechou sem dizer nada.

Laura continuou:

- Walter encontra-se estacionado perto de Davao, e estará à minha espera em Nicolas Field.

Antes que a aeromoça voltasse com a mamadeira aquecida, o casal descobriu que o marido de Laura era primeiro sargento de Intendência, que servia há quatro anos no Exército, que estavam casados há dois anos, que ele estava a ponto de dar baixa e que eles tinham intenção de ter uma longa lua-de-mel antes de voltar para São Francisco.

A este momento chegou a mamadeira. Laura deitou Walter sobre o braço esquerdo e aproximou a mamadeira de seu rosto. O bico escorregou sobre os pequenos lábios e as gengivas desdentadas o seguraram. Pequenas bolhas começaram a aparecer no leite e as mãozinhas de Walter se agitavam em volta da mamadeira enquanto seus olhos azuis a fitavam.

Laura apertou levemente o corpinho de Walter e pensou que, apesar das pequenas dificuldades e dos pequenos aborrecimentos que isto trazia, era uma coisa maravilhosa ter um bebezinho que fosse só dela.

Teorias, pensou Gan, sempre teorias. Há mais de um milhão de anos, o povo que vivia na superfície conseguia ver o Universo, podia ficar em contato direto. Agora, porém, com oitocentas milhas de rocha acima de suas cabeças, a Raça podia apenas deduzir resultados ao ver os estremecimentos das agulhas em seus instrumentos.

Era apenas uma teoria que as células cerebrais, além de seu potencial elétrico normal, irradiassem também um outro tipo de energia. Esta energia não era eletromagnética e por este motivo não estava condenada a se limitar à baixa velocidade da luz, Era uma energia que se associava apenas com as mais altas funções do cérebro e, por conseguinte, podia ser encontrada apenas em criaturas inteligentes e racionais.

Uma agulha trêmula descobriu que um destes campos de energia estava penetrando na caverna, e outras agulhas descobriram a origem do campo numa certa direção, a uma distância de dez anos luz, Evidentemente, pelo menos uma estrela devia ter se aproximado muito, desde a época em que o povo da superfície calculara que o mundo mais próximo se encontrava a quinhentos anos-luz. Ou seria esta uma teoria errada?

- Está com medo? - Gan passou para o nível de conversação sem qualquer aviso e provocou uma reação abrupta sobre a superfície sensível da mente de Roi. Roi falou:

- É uma grande responsabilidade.

Gan pensou:

- Outros pensam em responsabilidade. - Por muitas gerações, Supertécnico após Supertécnico tinham trabalhado para aperfeiçoar o Ressonizador e a

Estação Receptora, e agora, em sua geração, chegara a hora dos acertos finais. O que é que os outros podiam saber a respeito da responsabilidade? - Realmente é. Mencionamos levianamente a extinção racial, sempre presumimos que ela chegará algum dia, mas não agora, não em nosso tempo. Mas acontecerá, você me entende? Acontecerá. O que faremos hoje, consumirá dois terços de nossa reserva total de energia. Não sobrará o suficiente para uma nova tentativa. Não sobrará o suficiente para abastecer esta geração até o fim natural de suas vidas. Entretanto, tudo isto perderá sua importância se você obedecer às instruções. Pensamos em tudo. Por muitas gerações só ficamos a pensar em tudo.

- Vou executar o que me for mandado - disse Roi.

- Seu campo de pensamento será comparado com os campos que chegam do espaço. Todos os campos de pensamentos têm características eminentemente individuais, e em casos normais teríamos pouquíssimas possibilidades de duplicação. Entretanto, pelos nossos cálculos, os campos do espaço se contam aos bilhões, pelo que pudemos averiguar. É provável que seu campo se assemelhe a um campo deles e neste caso vamos determinar uma ressonância durante o tempo em que nosso Ressonizador ficar operando. Você conhece os princípios da operação?

- Sim, senhor.

- Neste caso, sabe que pelo período de ressonância, sua mente estará no planeta X, em contato com a mente de uma criatura cujo campo de pensamento esteja idêntico ao seu. Mas não é este o processo que vai absorver nossas reservas de energia. Vamos também colocar a massa da Estação Receptora em ressonância com sua mente. O método de transferir massa desta forma foi o último problema que tivemos que resolver, e é isto que gastará toda a energia que a Raça consumiria normalmente num período de cem anos.

Gan apanhou o cubo preto que era a Estação Receptora e ficou a observá-lo com ar soturno. Há apenas três gerações, imaginava-se que era impossível construir uma estação assim, com todos os requisitos necessários, com volume inferior a vinte metros cúbicos. Agora, porém, tinham conseguido: a estação era diminuta, do tamanho de seu punho fechado.

Gan falou:

- O campo de pensamento de células cerebrais inteligentes só pode seguir um padrão muito bem definido. Todas as criaturas que se desenvolvem em qualquer planeta, devem possuir uma base proteínica e um processo químico fundamentado na água e no oxigênio. Se seu mundo lhes proporciona a vida, este mundo também serve para nós.

Teorias, Gan pensou, num nível mais profundo, sempre teorias. Continuou:

- Isto não significa que o corpo no qual você vai penetrar, sua mente e suas emoções, não possam resultar completamente estranhos para você. Por este motivo, preparamos três métodos para ativar a Estação Receptora. Se você conseguir um corpo forte, será suficiente imprimir uma pressão de duzentos e cinqüenta quilos em qualquer superfície do cubo. Se você tiver um corpo delicado, bastará apertar um botão, que você poderá alcançar através desta única abertura do cubo. Mas se você não tiver membros, ou se o corpo for paralisado ou não estiver em condições de se movimentar, você poderá ativar a Estação Receptora apenas com sua energia mental. Quando a Estação Receptora estiver ativada,

teremos dois pontos de referência, e não apenas um, e a Raça poderá ser transferida até o planeta X pelo teleporte normal.

- Isto significa que será usada energia eletromagnética.

- Sim.

- E nossa transferência levará dez anos.

- Não teremos qualquer conhecimento da duração.

- Compreendo, senhor, mas o que eu queria dizer é que a Estação ficará no planeta X durante dez anos. O que vai acontecer se ela for destruída durante este tempo?

- Previmos isto. Pensamos em todas as eventualidades. Quando a Estação estiver ativada, ela produzirá um campo de pára-massa. Começará a se movimentar em direção à atração gravitacional, atravessando a matéria normal até o momento em que um meio contínuo de densidade relativamente alta exercer uma fricção suficiente para imobilizá-la. Para que isto aconteça, serão necessários sete metros de rocha viva. Qualquer outra matéria de densidade menor não afetará seu progresso. A Estação ficará durante dez anos a sete metros debaixo da superfície, e findo os dez anos, um contra-campo vai levá-la para cima. A seguir a Raça começará a aparecer, indivíduo por indivíduo.

- Neste caso, por que a ativação da Estação não é automática? Ela já possui tantos atributos automáticos que...

- Você não pensou exaustivamente no assunto, Roi. Mas nós pensamos. É possível que nem todos os pontos do planeta X sejam apropriados. Se seus habitantes são poderosos e desenvolvidos, você terá que encontrar um cantinho bem protegido para nossa Estação. Não seria oportuno se aparecêssemos, por exemplo, no meio de uma praça urbana. E você terá que se certificar que o ambiente não reserva qualquer perigo imediato de outro tipo.

- Que tipo, senhor?

- Não sei. Os registros antigos da superfície relatam muitas coisas que já não conseguimos entender. Os registros nada explicam, porque naquela época estes assuntos eram conhecidos e naturais, mas nós ficamos afastados da superfície durante mais de cem mil gerações e estes termos criam perplexidade. Nossos Técnicos não conseguem concordar a respeito da natureza física das estrelas, apesar que os registros falam a respeito, de maneira freqüente e clara. Mas ignoramos o que são "tempestades", "terremotos", “vulcões", “furacões", “neve”, "desbarrancamentos”, "enchentes", "raios" e muitas outras coisas. São termos que se referem a fenômenos de superfície que representam um perigo, mas não sabemos de que forma. Não sabemos como teremos que nos proteger contra eles. Talvez você possa aprender alguma coisa através da mente de seu hospedeiro e agir de maneira apropriada.

- De quanto tempo poderei dispor, senhor?

- O Ressonizador não pode ficar denunciando em continuação por mais que doze horas. Prefiro que você termine sua tarefa em duas horas. Logo que a Estação estiver ativada, você voltará aqui de forma automática. Você está pronto?

- Estou pronto - falou Roi.

Gan se encaminhou em direção à caixa de vidro leitoso. Roi se sentou e colocou seus membros nas depressões apropriadas. Suas vibrissas mergulharam no mercúrio para obter um bom contato.

Roi perguntou:
- O que devo fazer se me encontrar num corpo em ponto de morte?
Enquanto ajustava os controles, Gan falou:
- Quando uma pessoa está próxima à morte, seu campo de pensamento fica distorcido. Um campo de pensamento normal como o seu não poderia conseguir a ressonância.
Roi insistiu:
- E se for um caso de morte acidental iminente? Gan respondeu: - Previmos isto. Não conhecemos qualquer método para evitá-lo, mas calculamos que as probabilidades de uma morte tão rápida que não lhe deixasse tempo para ativar a Estação mentalmente, são menos que uma em vinte trilhões, a não ser que os misteriosos perigos na superfície do planeta sejam piores e mais mortais do que pensamos... Você tem um minuto,
Por algum motivo esquisito, o último pensamento de Roi, antes da transferência, foi para Wenda.

Laura acordou de repente. O que tinha acontecido? Tinha a sensação de ter recebido uma alfinetada. O sol da tarde estava batendo em seu rosto. Pestanejou. Puxou a cortina e, ao mesmo tempo, virou-se para observar Walter.
Ficou surpresa ao constatar que ele estava de olhos abertos. Normalmente, a esta hora costumava dormir. Consultou o relógio. Pois é. E ainda faltava uma hora até a próxima mamadeira. Ela seguia o sistema de "alimentação quando ela for necessária", chamado também "grite para comer", mas Walter, em geral, seguia um horário espontâneo muito regular.
Franziu o nariz ao olhá-lo.
- Como é, meu bebê está com fome? - Walter não deu qualquer sinal e Laura ficou decepcionada. Queria ver um sorriso. Na verdade, ela queria que ele gargalhasse e que colocasse seus bracinhos rechonchudos em volta de seu pescoço, que encostasse seu narizinho em seu rosto e falasse "Mamãe", mas sabia que ele ainda não poderia fazê-lo. Mas ele sabia sorrir.
Encostou a ponta do dedo no queixinho e fez cócegas,
- Gu-gugu-gu. - Ele sempre reagia sorrindo.
Mas Walter apenas piscou os olhos. Laura disse:
- Espero que não esteja doente. - Lançou um olhar ansioso à senhora Ellis.
A senhora Ellis largou sua revista.
- Aconteceu alguma coisa, meu bem?
- Não sei. Walter está tão imóvel.
- Coitadinho. Vai ver, está cansado.
- Mas nesse caso estaria dormindo, não é?
- Está estranhando o ambiente. Provavelmente é isto. Levantou-se, atravessou o corredor e se debruçou por cima de Laura, para aproximar seu rosto ao rostinho de Walter. - Coitado do tiquinho, você deve estar querendo saber o que está acontecendo em sua volta. Você está pensando: onde está o meu bercinho? Onde estão aquelas figuras coloridas na parede?
Fez um miado de gato.
Walter desviou o olhar da mãe e fitou a senhora Ellis, muito sério.

A senhora Ellis se endireitou de repente e fez uma careta de dor. Aproximou a mão da cabeça e murmurou:

- Que esquisito... senti uma dor muito estranha.

- A senhora acha que ele pode estar com fome? - perguntou Laura.

- Meu Deus - respondeu a senhora Ellis com uma expressão mais serena. - As crianças sempre encontram a maneira de explicar quando estão com fome. O bebê está muito bem, Eu já tive três filhos, querida. Eu sei.

- Acho que vou pedir à aeromoça para me aquecer mais uma mamadeira.

- Por que não, se assim você se sentir mais tranqüila...

A aeromoça trouxe a mamadeira e Laura apanhou Walter nos braços. Falou:

- Tome sua mamadeira primeiro e depois vou trocar sua, fraldinha, e depois...

Ajeitou o bebê sobre o braço, deu-lhe um rápido beijo, apertou-o contra seu próprio corpo e encostou o bico da mamadeira aos seus lábios...

Walter soltou um berro!

Sua boca se escancarou, seus bracinhos enrijeceram-se, suas mãos estavam espalmadas e todo o seu corpo ficou rígido e duro como num ataque de tétano. Soltou mais um urro que ecoou por todo o avião.

Laura também gritou. A mamadeira caiu de sua mão e se espatifou, formando uma poça branca. A senhora Ellis se levantou com um pulo, imitada por uma meia dúzia de outros passageiros. O senhor Ellis acordou.

- O que foi que aconteceu? - perguntou a senhora Ellis.

- Não sei! Não sei! - Laura estava sacudindo Walter, dando-lhe palmadinhas nas costas, colocando-o de pé. - Filhinho, coração, não chore. O que foi que aconteceu ao meu bebê? Meu amor...

A aeromoça chegou correndo. Seu pé passou a menos de um centímetro do cubo que se encontrava debaixo do assento de Laura. Walter estava furiosamente agitando os braços e as pernas, e uivando como uma cometa.

A mente de Roi sofreu um choque. Estava acomodado sobre o assento, em contato com a mente clara de Gan, e um instante depois (sem qualquer consciência de separação de tempo) sentiu-se submerso numa confusão de pensamentos estranhos, bárbaros e entrecortados.

Trancou sua própria mente. Tivera que mantê-la totalmente aberta para aumentar o efeito da ressonância, e o primeiro contato com os alienígenas fora...

Não era doloroso. Não. Angustiante, repugnante? Não, não. Não era o termo apropriado.

Concentrou suas energias no calmo vácuo da mente fechada e considerou a situação. Percebeu o toque leve da Estação Receptora, com a qual se mantinha em comunicação mental. Ela chegara junto. Ótimo.

Por um instante, ignorou seu hospedeiro. Poderia precisar dele mais tarde, para algum ato drástico, e era preferível não despertar qualquer suspeita.

Começou a explorar. Penetrou numa mente qualquer e se inteirou das impressões sensoriais que a permeavam. A criatura era sensível a porções do espectro eletromagnético, às vibrações do ar e naturalmente aos contatos físicos. Possuía sentidos químicos...

Era apenas isto. Surpreso, voltou a fazer nova averiguação. Não era apenas a ausência de um sentido de massa direto, de um sentido eletro-potencial, que eram os intérpretes mais refinados do Universo, mas não encontrou nem mesmo um contato mental.

A mente da criatura se encontrava totalmente isolada.

Mas como podiam se comunicar? Continuou sua pesquisa. As criaturas possuíam um complicado código de vibrações de ar controladas.

Será que eram inteligentes? Ou talvez ele tivesse escolhido uma mente alijada? Não, eram todas iguais.

Começou a filtrar o grupo de mentes ao seu redor através de seus sensores mentais, procurando um técnico, ou qualquer coisa parecida e possível entre estas semi-inteligências alijadas. Encontrou uma mente que acreditava ser um controlador de veículos. Roi conseguiu uma informação. Encontrava-se num veículo aerotransportado.

Significava que, mesmo sem contato mental, eles eram capazes de desenvolver uma rudimentar civilização mecânica. Ou será que eram apenas utensílios animais das verdadeiras inteligências que se encontravam em algum ponto do planeta? Não... as mentes mostravam que não.

Começou a vasculhar a mente do técnico. Como era o ambiente ao redor? Era realmente necessário recear os perigos mencionados pelos anciões? Era uma questão de interpretações.

Os perigos ambientais realmente existiam. Movimentos do ar. Mudanças de temperatura. Água caindo e atravessando o ar, em forma líquida ou sólida. Descargas elétricas. Qualquer destes fenômenos possuía um código de vibrações, mas isto não tinha qualquer significado. A relação entre estas vibrações e os nomes que os antigos davam aos fenômenos de superfície eram apenas uma questão de conjetura.

Não importava, Havia algum perigo naquele momento? Naquele lugar? Havia algum motivo para medo? Não. A mente do técnico dizia que não.

Isto bastava. Voltou à mente de seu hospedeiro, descansou por um instante e depois começou a se expandir...

Nada! A mente de seu hospedeiro era um vácuo. Havia apenas uma vaga sensação de calor e uma fraca sensação intermitente e descontrolada de resposta a estímulos básicos.

Seria possível que seu hospedeiro estava a ponto de morrer? Ou seria afásico? Ou desprovido de cérebro? Passou rápido para a mente mais próxima, absorvendo informações.

Seu hospedeiro era um filhote da espécie.

Um filhote? Um filhote normal? E tão subdesenvolvido? Permitiu que sua mente se fundisse e se misturasse com o que existia em seu hospedeiro. Procurou as áreas motoras do cérebro e conseguiu encontrá-las com muita dificuldade. Um estímulo cuidadoso provocou um movimento convulsivo nas extremidades de seu hospedeiro. Tentou um controle mais apurado e não conseguiu.

Sentiu-se irritado. Será que realmente tinham pensado em tudo? Será que tinham considerado a possibilidade de inteligências sem contato mental? E será

que tinham se lembrado de criaturas novas e subdesenvolvidas, como se ainda estivessem no interior do ovo?

Tudo isto significava, evidentemente, que não poderia ativar a Estação Receptora através de seu hospedeiro. Os músculos e a mente ainda eram muito fracos e não possuíam os controles requeridos nas explicações de Gan.

Pensou intensamente. Seria impossível controlar muita massa através do enfoque imperfeito das células cerebrais de seu hospedeiro, mas será que poderia se valer de uma influência indireta, através do cérebro de um adulto? A influência física direta poderia ser mínima: bastaria modificar as moléculas adequadas de trifosfato de adenosina e de acetilcolina. A seguir, a criatura agiria de forma independente.

Hesitou antes da tentativa, porque receava um fracasso, e logo a seguir se tachou de covarde. Penetrou mais uma vez na mente mais próxima. Pertencia a uma fêmea da espécie e se encontrava num estado de inibição temporária já percebida em outras mentes. Mentes tão rudimentares como estas sem dúvida precisavam de um descanso temporário.

Examinou a mente, analisando as áreas que poderiam reagir quando estimuladas. Escolheu uma, deu uma cutucada e a área reviveu quase ao mesmo tempo. As impressões sensoriais começaram a chegar rapidamente e se concretizaram no nível de pensamento. Ótimo,

Mas ainda não era suficiente. Tratava-se apenas de uma cutucada, de um belisco. Ainda não era uma ordem para uma ação específica. As emoções ameaçavam submergi-lo e ele se sentiu enfastiado. Eram o produto da mente que acabava de estimular e valiam para seu hospedeiro, é claro. Entretanto, toda aquela grosseria primitiva o irritava e decidiu fechar sua mente para se defender do calor desagradável de seus sentimentos descontrolados.

Mais uma mente se aproximou de seu hospedeiro. Ficou tão irritado que possuísse uma força física ou se seu hospedeiro estivesse em condições de fazê-lo, teria afastado aquela mente com um murro.

Por que não lhe deixavam um pouco de tempo para se concentrar em assuntos de maior gravidade?

Cutucou a mente, ativando os centros de sensações desagradáveis, e a mente se afastou.

Ficou satisfeito. Fora apenas um estímulo simples e indefinido, mas tivera um efeito genial. A atmosfera mental agora estava mais clara.

Voltou à mente do técnico que controlava o veículo. Desejou conhecer os detalhes da superfície que estavam sobrevoando. Água? Classificou cuidadosamente os dados. Água! E mais água!

Pelos níveis eternos, a palavra "oceano" realmente tinha um sentido, A antiga e tradicional palavra "oceano". Quem poderia imaginar que havia tanta água...

Entretanto, se este era um oceano, a velha e tradicional palavra "ilha" também precisava possuir um sentido. Afiou sua mente na pesquisa geográfica, à procura de informações. O "oceano" estava salpicado de porções de terra, mas ele precisava saber exat...

Foi interrompido por uma breve sensação de surpresa enquanto seu hospedeiro ficava suspenso no ar e depois se acomodava contra o corpo da fêmea próxima.

A mente de Roi estava aberta sem qualquer defesa. As emoções da fêmea o submergiram com uma estranha intensidade. Roi gemeu. Tentou afastar as paixões animais que o distraíam e apertou o cérebro de seu hospedeiro que as estava transmitindo.

O movimento foi excessivamente rápido e enérgico. A mente de seu hospedeiro foi tomada por uma dor difusa, resultando em vibrações de ar tão violentas que todas as mentes mais próximas também reagiram.

Irritou-se e tentou afastar a dor, mas só conseguiu estimulá-la ainda mais.

Apesar da névoa dolorosa da mente de seu hospedeiro, Roi projetou-se na mente do técnico, num tentativa de evitar uma distorção do contato.

Sua mente estremeceu. A melhor de todas as oportunidades estava se aproximando. Haveria outras mais tarde, mas esta era a melhor. Entretanto, não ousava uma ação direta sobre outra mente, enquanto a mente de seu hospedeiro se encontrasse num estado de tamanha desorGanização.

Fechou sua própria mente e manteve apenas um leve contato com as células espinhais de seu hospedeiro. Esperou.

Os minutos passaram e aos poucos ele voltou a ter um relacionamento mais completo. Só lhe restavam cinco minutos. Escolheu um sujeito.

A aeromoça falou:

- Tenho a impressão que o bebê está começando a melhorar. Coitadinho!

Laura tinha os olhos cheios de lágrimas.

- Ele nunca agiu assim antes de agora. Nunca mesmo.

- Suponho que foi uma pequena cólica - sugeriu a aeromoça.

- Talvez esteja com excesso de roupinhas - falou a senhora Ellis.

- É possível - concordou a aeromoça - Está fazendo calor. Suspendeu o cobertorzinho e afastou a camisola descobrindo a barriguinha redonda e rosada. Walter ainda estava gemendo um pouco. A aeromoça perguntou: - Quer que eu troque sua fralda? Está encharcado.

- Sim, por favor.

A maioria dos passageiros voltou aos seus assentos. Os mais distantes desistiram de esticar o pescoço.

O senhor Ellis ficou no corredor, ao lado da esposa. Disse:

- Olhe ali.

Laura e a aeromoça estavam muito ocupadas e não lhe deram qualquer atenção. A senhora Ellis não lhe prestou atenção por uma questão de hábito. O senhor Ellis estava acostumado com isto. Suas palavras, aliás, eram puramente retóricas. Inclinou-se e tocou na caixa que se encontrava debaixo do assento de Laura. A senhora Ellis se irritou. Disse:

- Pelo amor de Deus, George, pare de mexer na bagagem dos outros. Por que não se senta? Você está atrapalhando.

O senhor Ellis se endireitou, confuso. Laura, cujos olhos ainda estavam avermelhados e úmidos, falou:

- Não é meu. Eu nem sabia que estava aí.

A aeromoça desviou o olhar do bebê que ainda choramingava e perguntou:
- O que é?
O senhor Ellis encolheu os ombros.
- É uma caixa.
Sua mulher perguntou:
- Mas o que é que você pretende fazer com ela, pelo amor de Deus?
O senhor Ellis procurou uma justificação. O que era mesmo o que ele queria? Murmurou:
- Eu estava apenas curioso,
A aeromoça exclamou:
- Pronto! Aqui temos um garotinho bem enxuto e satisfeito, e aposto que dentro de dois minutos vai voltar a sorrir. Hum? Não é mesmo, bebê?
O bebê ainda estava funGando. Quando viu a mamadeira, virou o rosto.
A aeromoça disse:
- Acho que vou dar mais uma esquentadinha nesta mamadeira.
Apanhou-a e levou-a para a copa.
O senhor Ellis tomou uma decisão. Apanhou a caixa com um gesto decidido e a colocou no descanso da poltrona. Não ligou para a expressão desaprovadora de sua mulher. Ele falou:
- Afinal, não estou fazendo nada demais. Estou só olhando. Não entendo como é feita.
Bateu as juntas dos dedos na caixa. Os outros passageiros pareciam completamente indiferentes. Não prestavam qualquer atenção ao senhor Ellis ou à caixa. Pareciam ter perdido inteiramente qualquer interesse neste sentido. Até a senhora Ellis começou a conversar com Laura e lhe virou as costas.
O senhor Ellis virou a caixa e viu que havia uma abertura. Era suficientemente larga para poder enfiar um dedo, mas na realidade não existia qualquer motivo por ele querer enfiar o dedo numa caixa que não conhecia.
Enfiou o dedo com cuidado. No fundo existia um botão, e ele estava com muita vontade de apertá-lo. Apertou o botão. A caixa estremeceu e deslizou entre seus dedos, Depois atravessou o descanso da poltrona.
Viu ainda quando atravessava o chão, e logo a seguir o chão voltou a ficar intacto. Então espalmou as mãos, esticou os dedos e ficou a observá-los. Finalmente se ajoelhou e observou o soalho.
A aeromoça estava voltando com a mamadeira e perguntou:
- O senhor perdeu alguma coisa?
A senhora Ellis olhou para baixo e disse:
- George!
O senhor Ellis se levantou. Seu rosto estava corado. Falou:
- A caixa... escorregou de minha mão e caiu...
A aeromoça perguntou:
- Que caixa, senhor?
Laura pediu:
- Pode me dar a mamadeira, por favor? Ele já parou de chorar.
- Pois não. Aqui está.

Walter abriu a boquinha com entusiasmo e aceitou a mamadeira. As bolhas começaram a subir na mamadeira, e se ouviram os gluglus de Walter engolindo o leite. Laura estava radiante.

- Parece mesmo que passou. Muito obrigada, moça. Muito obrigada, senhora Ellis. Por alguns instantes eu tive até a impressão que Walter não fosse mais o meu bebê.

- Não se preocupe - comentou a senhora Ellis. - Pode ser que estava um pouco enjoado, por causa do avião. George, por que não se senta?

A aeromoça falou:

- Por favor, não hesite em me chamar se precisar de alguma coisa.

- Obrigada - respondeu Laura.

O senhor Ellis falou:

- A caixa... - e parou.

Que caixa? Ninguém parecia se lembrar de uma caixa.

No avião, porém, havia uma mente que conseguia ver o cubo preto enquanto caía numa parábola não obstaculada pelo vento ou pela resistência do ar, atravessando as moléculas de gases que encontrava em seu percurso.

Lá embaixo, o atol era um minúsculo alvo na imensidão do oceano. Num certo período durante a guerra, ostentava uma pista de aterrissagem e alguns barracos. Os barracos tinham caído em frangalhos, a pista era apenas uma linha indistinta, e o atol estava desabitado.

O cubo se chocou com a folhagem de uma palmeira, e nenhuma folha se mexeu. Atravessou o tronco e chegou ao coral. Penetrou no planeta sem que o menor vapor ou a menor poeira assinalassem o ponto de impacto.

A sete metros abaixo da superfície o cubo parou e ficou imóvel. Misturou-se aos átomos da rocha e mesmo assim reteve sua identidade.

E foi só. Chegou a noite, e depois voltou o dia. Choveu, ventou e as ondas do Pacífico quebraram sobre o coral. Nada aconteceu. E nada aconteceria - por dez anos.

- Já difundimos a notícia - falou Gan. - Todos sabem que você conseguiu. Acho que agora você deveria descansar.

Roi perguntou:

- Descansar? Agora? Afinal, voltei com mentes completas. Obrigado, mas não vou descansar. Minha satisfação é grande demais.

- Você achou realmente muito conturbado? Quero dizer, a inteligência sem o contato mental?

- Sim - respondeu Roi, brusco. Gan era delicado demais para perseguir o pensamento que se retraía.

Então perguntou:

- E a superfície?

Roi disse:

- Completamente horrorosa. Aquilo que os antigos chamavam o sol é uma mancha no alto, cujo brilho é insuportável. Aparentemente, trata-se de uma forte luz que varia periodicamente, em outras palavras, se divide em "dia" e "noite". Existem também variações imprevisíveis.

- Possivelmente, as "nuvens" - falou Gan.

- Por que "nuvens"?

- Você conhece a frase tradicional: "Nuvens ocultaram o sol".

- Você acha que é isto? Pode ser.

- Continue.

- Deixe-me ver. Já expliquei "oceano" e "ilha". "Tempestade" tem algo a ver com a umidade do ar, caindo em gotas. "Vento" é um movimento muito forte do ar. "Trovão" pode ser uma descarga espontânea de estática no ar ou também um forte barulho espontâneo. "Granizo" é gelo que cai.

Gan observou:

- Isto é interessante. O gelo cai, vindo de onde? Como? Por quê?

- Não sei. Tudo isto varia muito. Às vezes pode surgir uma tempestade, e outras vezes ela não acontece. Aparentemente a superfície se divide em regiões muito frias, e outras muito quentes, e outras ainda onde a temperatura pode variar em dependência do tempo.

- Isto é estarrecedor. Até que ponto você acha que devemos considerar uma eventual distorção devida à interpretação errada das mentes alienígenas?

- Não há distorção, tenho certeza. Estava tudo muito claro. Tive tempo suficiente para vasculhar aquelas mentes muito esquisitas. Tempo demais.

Mais uma vez seus pensamentos se retraíram. Gan disse:

- Isto é bom. Sempre desconfiei de nossa tendência de atribuir um certo romantismo à Idade de Ouro de nossos antepassados da superfície. Receava que entre nós se produziria um forte impulso para retomar a vida de superfície.

- Nunca! - exclamou Roi, enérgico.

- Isto me parece óbvio. Duvido que até os mais audaciosos entre nós poderiam desejar viver, mesmo que apenas um dia, num ambiente como o que você descreveu, com as tempestades, os ventos, os dias, as noites e todas as indecentes e imprevisíveis variações ambientais. - A mente de Gan estava repleta de satisfação. – Amanhã começaremos o processo de transferência. Quando estivermos na ilha... Você disse que ela estava completamente deserta.

- Sim, completamente deserta. Na rota do veículo só existia uma ilha deste tipo. As informações do técnico eram bastante pormenorizadas.

- Ótimo. Vamos começar a operação. Isto poderá demorar por algumas gerações, Roi. Mas no fim estaremos nas profundezas de um novo mundo aquecido, no interior de agradáveis cavernas, onde o ambiente controlado favorecerá o desenvolvimento da cultura mais refinada.

Roi acrescentou:

- E nunca existirá qualquer contato com as criaturas da superfície.

Gan disse:

- E por que não? Elas são primitivas, mas poderiam nos auxiliar no estabelecimento de nossas bases. Uma raça que é capaz de construir aviões deve possuir algumas habilidades.

- Não é isto. Trata-se de uma raça beligerante, senhor. Eles nos atacariam com uma ferocidade animal em qualquer oportunidade e...

Gan disse:

- Sabe, a psico-penumbra que cerca suas alusões aos alienígenas está me perturbando. Há algo que você ainda não mencionou.

Roi falou:

- Num primeiro momento pensei que poderíamos usá-los. Se eles não quisessem ser nossos amigos, pelo menos poderíamos controlá-los. Consegui que um deles fechasse o circuito do cubo, e foi difícil. Foi muito difícil. Suas mentes são basicamente diferentes,

- De que forma?

- Se eu pudesse descrevê-la, a diferença deixaria de ser básica. Mas posso lhe dar um exemplo. Eu estava na mente de um filhote. Eles não têm câmaras de amadurecimento. Os filhotes estão aos cuidados de indivíduos. A criatura que cuidava de meu hospedeiro...

- Continue.

- Ela (tratava-se de uma fêmea) tinha um relacionamento especial com o filhote. Havia uma sensação de possessão, um relacionamento que excluía todo o resto da sociedade. Tive a impressão de perceber algo que se parecia com as emoções que existem entre um homem e um associado ou um amigo, mas era muito mais intenso e descontrolado.

- Bom - disse Gan - sem um contato mental, eles provavelmente não têm um conhecimento real da sociedade e existe a possibilidade do surgimento de um sub-relacionamento. Ou era um fato patológico?

- Não, absolutamente. Isto era universal. A fêmea que cuidava do filhote era sua própria mãe.

- Mas isto é impossível. Sua mãe?

- Sim, necessariamente. O filhote tinha passado a primeira parte de sua existência no interior da mãe. Quero dizer, num sentido físico. Os ovos das criaturas ficam no interior de seus corpos e são fecundados ali mesmo. Crescem no interior do corpo e os filhotes nascem vivos.

- Pelas cavernas! - murmurou Gan. Sentiu uma profunda repugnância. - Neste caso, cada criatura deve conhecer a identidade de seu próprio filhote. Cada filhote possui um pai específico...

- Que também é conhecido. Meu hospedeiro estava sendo levado por um percurso de cinco mil milhas para conhecer seu próprio pai.

- Inacreditável!

- Precisa de mais detalhes para se convencer que nunca poderá existir um encontro qualquer entre as mentes? A diferença é realmente fundamental, inata. A seqüência de pensamentos de Gan se tingiu de amarelo, para significar seu pesar.

Disse:

- Seria muito prejudicial. Eu imaginava que...

- O que, senhor?

- Eu imaginava que pela primeira vez poderia acontecer que duas inteligências se auxiliassem. Imaginava que, juntos, poderíamos progredir mais depressa do que separados. Mesmo sendo tecnologicamente primitivos, porque afinal nem tudo se resume na tecnologia. Eu imaginava até que poderíamos aprender deles alguma coisa útil.

- Aprender o quê? - perguntou Roi com brutalidade. - A conhecer nossos pais e a cultivar a amizade de nossos filhos?

Gan disse:

- Não, é claro que não. Você está certo. Teremos que manter eternamente erguidas as barreiras que nos separam. Eles ficarão na superfície e nós ficaremos nas profundezas. E assim será.

Roi saiu dos laboratórios e logo encontrou Wenda. Os pensamentos de Wenda expressaram um prazer concentrado.

- Estou satisfeita por vê-lo de volta.

Os pensamentos de Roi também eram muito agradáveis. Achou que era um verdadeiro sossego voltar a fazer um puro contato mental com uma amiga.

A ARMADILHA

A nave G. Tríplice saiu silenciosamente do nada do hiperespaço e entrou na consistência do espaço-tempo. Emergiu no meio do fulgor da grande aglomeração de estrelas de Hércules.

Ficou pairando delicadamente no espaço, cercada por sóis, sóis e sóis, e cada qual representava o centro de um campo de gravidade que atraía aquela minúscula bolha de metal. Entretanto, os computadores da nave trabalhavam de maneira satisfatória e tinham traçado perfeitamente sua posição. Ela se encontrava a apenas um dia de viagem - um dia comum de viagem no espaço - do sistema Lagrange.

Este fato tinha um significado diferente para cada homem a bordo da nave. Para a tripulação, era apenas mais um dia de trabalho e mais um dia com salário de vôo, e depois um bom descanso em terra.

O planeta para o qual se dirigiam estava desabitado, mas as férias em terra poderiam ser muito agradáveis até num asteróide, Eles não se preocupavam com uma possível opinião contrária dos passageiros.

Na verdade, a tripulação alimentava um certo desprezo pelos passageiros e evitava a sua companhia. Os crânios!

E era verdade: cada um deles era um crânio, exceto um, Em outras palavras, eram cientistas e a mistura era bastante heterogênea. Naquele momento tinham uma única preocupação que se aproximava vagamente a uma emoção humana: estavam ansiosos pelos seus instrumentos e desejavam uma última averiguação.

Talvez houvesse até um pequeno aumento de tensão e de angústia. Afinal, era um planeta deserto. Todos os cientistas eram unânimes a este respeito. Mas os pensamentos de cada um eram um assunto particular.

Um único homem a bordo não era um integrante da tripulação e também não era um cientista, mas algo totalmente diferente - e sua sensação mais forte era a de um extremo cansaço. Levantou-se com esforço e tentou controlar um resto de ânsia provocada pelo vôo no espaço. Era Mark Annuncio, e tinha ficado acamado durante os últimos quatro dias, sem conseguir comer quase nada, enquanto a nave serpenteava pelo Universo, pulando os anos-luz do espaço.

Agora porém já não pensava que estava em ponto de morrer e ainda tinha que se apresentar ao Capitão. Provava um certo ressentimento por ter sido chamado. Mark estava acostumado a fazer tudo à sua moda, vendo apenas o que desejava ver. Afinal, quem era este Capitão que... Sentiu mais uma vez o impulso

de falar com o dr. Sheffield e deixar que ele decidisse. Mas Mark estava curioso, e sabia que iria, A curiosidade era seu maior vício. A curiosidade também fazia parte de sua profissão e era sua missão na vida.

O Capitão Follenbee do G. Tríplice era um homem extremamente teimoso. Pelo menos, era assim que ele se julgava. Esta não era a primeira vez que fazia uma viagem por conta do governo. Em primeiro lugar, dava um bom lucro. A Confederação nunca regateava, Todas as vezes Ganhava ainda uma revisão completa da nave, reposição de peças defeituosas e um bom salário para a tripulação. Era um bom negócio. Realmente um bom negócio.

É claro, esta viagem era um pouco diferente.

Não era tanto por causa dos passageiros muito especiais que estavam a bordo. (Esperava que seriam temperamentais, caprichosos e cheios de manias, mas descobriu que os crânios eram iguais a gente normal.) Não era tanto pelo fato que sua nave tinha passado por uma reforma radical e a metade tinha sido reconstruída com um laboratório, chamado, no contrato, um "laboratório universal de acesso central".

O Capitão não gostava de admiti-lo, mas era por causa de "Júnior" - o planeta que se encontrava lá em frente. A tripulação não sabia nada a respeito, é claro, mas ele, apesar de sua cabeça dura, estava começando a achar o assunto meio desagradável.

Mas apenas começando...

Naquele momento, pensou o capitão, era aquele Mark Annuncio que o irritava, se era este mesmo o nome do rapaz. Bateu as costas de uma mão na palma da outra enquanto refletia no assunto. Seu rosto largo e redondo estava corado pela irritação.

Que insolência!

Um moleque de vinte anos, sem qualquer posição definida entre os passageiros, fazer um pedido destes! O que se escondia atrás de tudo isto? Precisava pelo menos descobrir isto! Estava com vontade de descobri-lo agarrando-o pelo colarinho do paletó e sacudindo-o até ouvir seus dentes baterem... mas era preferível não fazê-lo...

Afinal, por ser patrocinado pela Confederação Mundial, este era um vôo bem esquisito e um xereta de vinte anos, com uma dose excessiva de curiosidade, podia ser parte integrante de toda a esquisitice. Por que e para que este rapaz se encontrava a bordo? E havia também o dr. Sheffield, cujo papel parecia ser exclusivamente o de babá do garoto. Por quê? Quem era este Annuncio?

Ficara doente logo no começo da viagem... ou será que era apenas uma desculpa para ficar em sua cabine... Um zunido avisou que alguém estava querendo entrar. Devia ser o garoto.

Calma, pensou o capitão. Sobretudo, muita calma.

Mark Annuncio entrou na cabine do capitão e passou a língua nos lábios, tentando inutilmente se livrar do gosto amargo que lhe enchia a boca. Sentia-se, ao mesmo tempo, zonzo e assustado.

Naquele momento teria até desistido de sua posição no Serviço, se pelo menos pudesse voltar à Terra. Sentiu saudades de seu alojamento, pequeno e aconchegante, onde podia ficar sozinho ou com outros de seu tipo. Havia apenas

uma cama, uma escrivaninha, uma cadeira e um guarda-roupa, mas toda a Biblioteca Central estava a sua disposição a qualquer hora. Aqui não havia nada. Imaginara poder aprender muitas coisas a bordo da nave espacial. Nunca estivera numa nave espacial antes. Mas não podia saber de antemão que passaria dias e dias doente, obrigado a ficar numa cama.

Sentia tantas saudades de casa que ficou com vontade de chorar, e se irritou porque sabia que seus olhos estavam avermelhados e úmidos e o Capitão ia reparar. Estava também irritado porque não era alto e forte e porque tinha a aparência de um camundongo.

Pois é: seus cabelos tinham a cor marrom dos camundongos e eram lisos e sedosos; seu queixo era diminuto e estreito, sua boca pequena e o nariz pontudo. Se tivesse cinco ou seis vibrissas nos dois lados do nariz, o quadro estaria completo. E sobretudo, sua estatura estava abaixo do normal. De repente, percebeu a aglomeração de estrelas que aparecia na escotilha de observação do Capitão e prendeu o fôlego.

Estrelas! Nunca vira estrelas assim.

Mark nunca tinha saído da Terra. (O dr. Sheffield afirmava que era esta a razão de sua doença do espaço. Mark não acreditou. Cinqüenta livros diferentes afirmavam que a doença do espaço, aquele enjôo insistente, era uma manifestação psicogênica. Até o Dr. Sheffield às vezes tentava enganá-lo.)

Era a primeira vez que Mark saía da Terra, e estava acostumado apenas com o céu da Terra. Estava acostumado a ver apenas duas mil estrelas espalhadas pela metade da esfera celeste, com apenas dez estrelas de primeira grandeza. Mas aqui, elas estavam se apinhando loucamente. No pequeno espaço da escotilha, havia pelo menos dez vezes mais estrelas que no céu da Terra, e como brilhavam!

Decorou avidamente a disposição das estrelas. Sentiu-se confuso. É claro, conhecia as estatísticas que se referiam à aglomeração de Hércules. Possuía de um a dez milhões de estrelas (ainda ninguém conseguira fazer um recenceamento exato), mas os números são uma coisa, e estrelas uma outra.

Sentiu vontade de contá-las. Foi uma vontade súbita e irresistível. Estava curioso de saber quantas eram e ficou especulando se todas elas já possuíam um nome, se existiam dados astronômicos a seu respeito. Vejamos...

Começou a contá-las em grupos de cem. Dois... três... poderia ter se valido de apenas um padrão mental, mas gostava de observar os próprios objetos, especialmente quando possuíam uma beleza tão estarrecedora... seis... sete...

A voz exageradamente cordata do Capitão interrompeu a contagem e o fez voltar à realidade.

- Senhor Armuncio. Muito prazer em conhecê-lo.

Mark arregalou os olhos, surpreso e ressentido. Por que este homem interrompia a sua contagem? Apontou para a escotilha e falou, irritado:

- As estrelas!

O Capitão se virou para olhar.

- O que há com elas? O que está errado?

Mark observou as costas largas e o traseiro avantajado do Capitão. Viu os pelinhos grisalhos que cobriam sua cabeça, as mãos enormes e os dedos grossos

entrelaçados nas costas que batiam ritmicamente no plástico lustroso de sua jaqueta.

Mark pensou, Ele não se importa com as estrelas. Será que ele se importa com o tamanho, com o brilho e com a classificação espectral?

Seu lábio inferior tremeu. O Capitão era apenas um noncompos. Aliás, todo mundo naquela nave era noncompos. Era assim que eram definidos no Serviço. Isto mesmo, noncompos. Todos eles. Incapazes de calcular o cubo de quinze sem um computador.

Mark se sentia muito só.

Resolveu não insistir (a que adiantaria explicar?) e disse:

- Aqui as estrelas parecem tão densas. Quase como sopa de ervilhas.

- São apenas as aparências, senhor Annuncio. - (O Capitão pronunciava o c do sobrenome de Mark como se fosse um s, em vez de tch, como era correto, e o som irritava Mark.) "A distância média entre as estrelas da aglomeração que parece mais densa é de mais de um ano luz. É um bocado de espaço, não é? E mesmo assim, elas parecem estar muito próximas. Concordo. Se apagássemos a luz, elas brilhariam como um trilhão de pontos de Chisholm num campo de força oscflante."

Mas não se prontificou a apagar as luzes e Mark decidiu que não ia pedi-lo. O Capitão disse:

- Sente-se, senhor Annuncio. Qual é a necessidade de ficar de pé, não é mesmo? Um cigarro? Não se importa se eu fumar? Sinto que você não pode estar aqui hoje de manhã. Às seis horas, tempo de espaço, tive uma vista excelente de Lagrange 1 e 11. Vermelho e verde, Como as luzes de um semáforo, não é mesmo? Aliás, não cheguei a vê-lo durante toda a viagem. Precisava se acostumar com o espaço, não é mesmo?

O capitão tinha uma voz fina e parecia latir. Mark achou aquele sorri muito desagradável. Respondeu em voz baixa:

- Agora já me recuperei.

O Capitão pareceu achar a resposta insatisfatória. Deu algumas tragadas de seu charuto e ficou a observar Mark por sob as sobrancelhas franzidas. Falou vagarosamente:

- De qualquer forma, é uma satisfação vê-lo agora. Assim podemos travar conhecimento. Podemos apertar as mãos. O G. Tríplice já fez muitas viagens patrocinadas pelo Governo, sem complicações. Nunca tivemos complicações. Não queremos qualquer tipo de complicação. Você me compreende.

Mark não entendia, e estava cansado de fazer tentativas para adivinhar. Seus olhos voltaram para a escotilha, irresistivelmente atraídos pelas estrelas. Notou uma leve mudança no padrão.

O Capitão reparou em seu olhar. Ainda mantinha as sobrancelhas franzidas e seus ombros quase se encolheram, Deu alguns passos até o painel dos controles e a escotilha de observação ficou coberta por uma chapa metálica que a fechou como uma pálpebra gigantesca. Mark se ergueu com um só pulo e começou a berrar.

- Por que você fez isto? O que foi que lhe passou pela cabeça? Eu estava contando as estrelas, seu débil mental!

- Contando? - O Capitão corou, mas se conteve e falou com a costumeira polidez. Disse: - Sinto muito. Precisamos discutir um pequeno assunto de negócios.

A palavra "negócios" recebeu uma ênfase especial. Mark sabia o que ele queria dizer.

- Não temos nada a discutir. Quero ver o diário de bordo. Falei com você há muitas horas e já lhe expliquei o que queria. Você está apenas me atrapalhando.

O Capitão insistiu:

- Que tal você me contar por que você quer ver o diário de bordo? Ninguém jamais pediu para vê-lo. Em base a que autoridade você está pedindo?

Mark ficou surpreso.

- Posso olhar qualquer coisa que eu queira. Sou do Serviço Mnemônico.

O Capitão soltou algumas baforadas. (Seu charuto era de fabricação especial para uso no espaço e em ambientes fechados no espaço. O fumo incluía um oxidante especial que evitava o consumo de oxigênio).

Perguntou, desconfiado:

- É mesmo? Nunca ouvi falar neste Serviço. O que é?

Mark respondeu indignado:

- É apenas o Serviço Mnemônico, ora. Minha obrigação consiste em olhar qualquer coisa que eu queira e pedir qualquer coisa que eu ache interessante. E, sobretudo, tenho a autorização de fazê-lo.

- Você não pode ver o diário de bordo se eu não deixar.

- Você não tem o direito de me negar qualquer coisa... logo um noncompos como você!

O Capitão não conseguiu mais se controlar. Jogou o charuto ao chão e pisou nele com violência, depois o apanhou e o colocou cuidadosamente no aspirador de cinzas.

- Que novidade é esta? - perguntou. - Afinal, quem é você? É um agente de segurança? O que está acontecendo? Quero saber qual é a situação. E quero ser informado agora mesmo.

- Já disse tudo o que precisava lhe dizer.

- Não tenho nada a esconder - declarou o Capitão - mas tenho meus direitos.

- Você não tem nada a esconder? - estrilou Mark. - Neste caso, quer me explicar por que esta nave se chama G. Tríplice?

- Porque este é seu nome.

- Ora, vamos! Este nome não existe em qualquer registro terrestre. Eu já sabia isto antes de embarcar. Só estava esperando por uma oportunidade para lhe perguntar isto.

O Capitão bateu as pálpebras. Disse:

- O nome oficial é George G. Grundy, daí G. Tríplice que é, para dizer assim, seu apelido.

Mark riu.

- Neste caso, está bem. Aliás, depois de ver o diário de bordo, quero conversar com a tripulação. Tenho o direito de fazê-lo. Pergunte ao dr. Sheffield.

- É mesmo? Quer conversar com a tripulação, hein? - O Capitão estava fervendo de raiva. - Então vou conversar primeiro com este dr. Sheffield e depois

Vou ordenar que você fique confinado em seu camarote até a aterragem, Pimpolho!

Agarrou o microfone do intercomunicador.

Os cientistas que acompanhavam o G. Tríplice nesta viagem de exploração eram poucos para a tarefa prevista, e como indivíduos, eram todos jovens. Não eram tão jovens como Mark Annuncio, que, afinal, era um caso único, mas Emmanuel George Cimon, que era o mais velho, ainda não tinha completado trinta e nove anos e era astrofísico.

Parecia até mais moço por causa dos fartos cabelos escuros e seus olhos grandes e brilhantes. Para dizer a verdade, o brilho dos olhos era, em parte, devido a lentes de contato.

Cimon provavelmente não se sentia à vontade como chefe nominal da expedição, por causa de sua idade (e porque os outros pareciam ignorar propositadamente a sua posição) e costumava ostentar uma atitude displicente. Deixou que a fita impressa lhe escorregasse entre os dedos e depois a largou.

- Apenas rotina - murmurou com um suspiro e se deixou cair na poltrona mais macia da saleta dos passageiros. - Não há nada.

Começou a observar as últimas fotos coloridas dos dois planetas Lagrange, sem qualquer exclamação por causa de sua beleza. Lagrange I, que era menor e mais quente que o Sol da Terra, possuía uma cor azul-esverdeada brilhante, e a coroa verde-amarela que o cercava dava a impressão de uma esmeralda engastada em ouro. Parecia ter o tamanho de uma lentilha ou de um rolamento numa catraca de Lenser. A pouca distância (na foto, é claro), aparecia Lagrange II, com um tamanho duas vezes maior que Lagrange I, devido à sua posição no espaço. (Na realidade, possuía apenas quatro quintos do tamanho de Lagrange I, metade de seu volume e dois terços de sua massa.) Sua coloração vermelha alaranjada não ressaltava muito, por causa do filme pouco sensível a estas cores, e parecia muito mais escura de como era percebida pela retina humana: de qualquer forma, o brilhante sol ao seu lado abafava e sobrepujava seu esplendor. Em volta de ambos e sem ser escurecida pelos sóis, graças à lente de polarização diferencial usada especificamente para as tomadas, estava a aglomeração de Hércules em todo o seu esplendor: parecia poeira de diamantes e brilhava em todos os matizes de amarelo, branco, azul e vermelho.

- Nada - disse Cimon.

- Parece-me razoavelmente bom - retrucou um outro homem. Era Groot Knoevenaagle (físico, baixinho e gordo e conhecido por todos apenas pelo apelido de Novee). Perguntou ainda:

- Onde está Júnior? - e se debruçou por cima do ombro de Cimon, apertando os olhos levemente míopes.

Cimon olhou para cima e fingiu um estremecimento.

- O nome não é Júnior. Você não pode distinguir Troas, se é isto que você está procurando, por causa desta confusão de estrelas. Esta foto é material do Scientific Earthman, e não é muito útil.

- Droga! - Novee ficou decepcionado.

- Qual é a diferença? - perguntou Cimon. - Vamos supor que eu lhe indicasse qualquer desses pontinhos brilhantes e explicasse que era Troas. Você não estaria na posição de poder contestar e qual seria a utilidade?

- Espere aí, Cimon. Procure não ser tão condescendente. Afinal, a minha pergunta tem suas razões. Vamos viver por algum tempo em Júnior. Ninguém pode garantir que não vamos morrer lá.

- Aqui não temos audiência, Novee, não temos orquestra, e nem microfones, e nem clarins, daí, procure evitar todo este drama, está bem? Não iremos morrer em Troas. Se você morrer, será por sua própria culpa e provavelmente será por indigestão. - Falou com a ênfase peculiar de homens que, em geral, possuem escasso apetite, quando falam com homens de apetite pronunciado - como se uma digestão fosse uma virtude de homens com cérebros superiores.

- Mil pessoas morreram - murmurou Novee,

- E daí? Todos os dias um bilhão de homens morrem em todos os pontos da Galáxia.

- Mas não assim.

- Assim, como?

Novee teve que fazer um esforço para manter a costumeira calma.

- Nada de discussões, a não ser durante as reuniões oficiais. Foi o que decidimos.

- Não vejo nada que possa ser discutido - respondeu Cimon, soturno. - Estou vendo apenas duas estrelas comuns. Francamente, não sei por que me ofereci como voluntário. Suponho que foi apenas para ter a oportunidade de ver de perto um sistema troiano de tamanho anormal. Ou então para ter a oportunidade de ver um planeta habitável com um sol duplo. Agora já não entendo por que imaginei que seria algo extraordinário.

- Por que você se lembrou de mil homens e mulheres que morreram? - comentou Novee e logo acrescentou: - Escute, explique-me um detalhe, está bem? Afinal, o que é um planeta troiano?

Agüentou o olhar de menosprezo do outro e disse:

- Está bem, está bem. Eu não sei. E daí? Você também não sabe de tudo. Por exemplo, o que é que você sabe a respeito de incisões ultra-sônicas?

Cimon respondeu:

- Nada, e continuo muito feliz. Na minha opinião, qualquer informação sobre assuntos que exorbitam da especialização profissional de um homem, é completamente inútil e é também um desperdício de potencial psíquico. As teorias de Sheffield não me impressionam.

- Mas eu gostaria de saber. A não ser que você não saiba como explicá-lo.

- Posso explicar, é claro. Aliás, este assunto foi mencionado na primeira sessão de instruções, mas parece que você não estava prestando atenção. A maioria das estrelas múltiplas - e isto compreende um terço de todas as estrelas - possui algum tipo de planeta. Infelizmente, estes planetas não são habitáveis. Quando eles se encontram a uma distância suficiente do centro de gravidade do sistema estelar, para poder ter uma órbita mais ou menos circular, eles são suficientemente frios para possuírem oceanos de hélio. Quando estão a uma distância suficiente para serem aquecidos, suas órbitas são irregulares, e pelo

menos uma vez em cada revolução pode acontecer que cheguem tão perto uma da outra estrela que o calor aumenta a ponto de fundir o ferro. Entretanto, no sistema Lagrange, temos um caso diferente. As duas estrelas, Lagrange I e Lagrange II, e o planeta Troas (junto com seu satélite, Ilium), se encontram nos vértices de um triângulo eqüilátero imaginário. Entendeu? Acontece que uma tal disposição em geral é estável, e pelo amor de tudo que lhe é sagrado, não me pergunte por que. Aceite isso como minha opinião profissional.

Novee resmungou:

- Nunca me ocorreu duvidar de sua palavra.

Cimon não escondeu sua contrariedade e continuou:

- O sistema se movimenta em conjunto. Troas sempre se encontra a cem milhões de milhas de qualquer um dos sóis, e os dois sóis sempre se encontram a cem milhões de milhas um do outro.

Novee esfregou a orelha e não se deu por satisfeito.

- Eu sabia isto. Prestei atenção durante aquela sessão. Mas por que o planeta é chamado de troiano? Por que troiano?

Cimon apertou os lábios como para reter um palavrão, falou:

- No sistema Solar temos um arranjo parecido. O Sol, Júpiter e um grupo de asteróides formam um triângulo equilátero estável. Acontece que os asteróides Ganharam nomes como Hector, Ajax, Aquiles e outros, todos de heróis da guerra de Tróia, daí... Você precisa de mais explicações?

- É só isto? - perguntou Novee.

- Sim. Você tem outras perguntas chatas?

- Ora, é você que é chato,

Novee se levantou, decidido a se afastar da companhia do indignado astrofísico, mas a porta se abriu, deslizando, antes que sua mão chegasse a ativar o controle e Boris Vernadsky (geoquímico, sobrancelhas escuras e boca grande num rosto largo e uma tendência irresistível para camisas com bolinhas e gravatas borboletas magnéticas de plástico vermelho) entrou.

Boris não reparou no rosto corado de Novee e na expressão enojada de Cimon. Observou em tom displicente:

- Caros colegas, se ficarem com os ouvidos aguçados, poderão ouvir uma explosão muito maior que a da Via-Láctea, proveniente do camarote do Capitão.

- O que foi que aconteceu? - perguntou Novee.

- O Capitão se pegou com Annuncio, o pequeno mágico protegido por Sheffield, e Sheffield subiu correndo, com ambos os olhos extravasando sangue.

Cimon virou-lhe as costas, bufando. Novee disse:

- Mas o Sheffield é incapaz de se descontrolar. Nunca ouvi Sheffield falar em voz um pouco mais alta.

- Aconteceu o milagre. Quando descobriu que o garoto tinha saído de seu camarote sem avisá-lo e que o capitão estava submetendo-o a um interrogatório... puxa! Você sabia que o garoto já tinha se recuperado e estava circulando, Novee?

- Não, mas não estou surpreso. O enjôo provocado pelo espaço pode ter reações esquisitas. Quando pega a gente, tudo o que podemos fazer é pensar que vamos morrer, aliás, estamos com vontade de morrer. Depois, a doença desaparece em dois minutos e a gente se sente bem. Um pouco fraca, mas bem. Hoje de manhã eu disse ao Mark que dentro de dois dias estaríamos no planeta, e

acho que foi por isso que ele sarou. A perspectiva de uma superfície de planeta dentro de uma distância previsível pode operar milagres. Cimon, vamos aterrar breve, não vamos?

O astrofísico sentiu uma espécie de grunhido que podia ser interpretado como uma concordância. Novee, pelo menos, pensou assim.

- E o que foi que aconteceu? - perguntou Novee.

Vernadsky disse:

- Sheffield estava alojado em meu camarote desde o dia em que o garoto desmaiou por causa do enjôo, e estava sentado à escrivaninha com todos os seus malditos mapas e seu computador manual zunindo, quando ouvimos o sinal do intercomunicador e o chamado era do Capitão. Bom, o Capitão explicou que estava com o garoto e entre palavrões sortidos perguntou por que o Governo tinha colocado um espião em sua nave. Sheffield começou a berrar e ameaçá-lo, dizendo que enfiaria um macro-tubo de Collamore em sua pança se ele fizesse qualquer coisa contra o garoto, e logo saiu a galope, deixando o fone ativado e o Capitão espumando.

- Você inventou tudo isto - comentou Novee. - Sheffield nunca falaria assim.

- Bom, foi o que ele disse, mais ou menos.

Novee interpelou Cimon:

- Você está chefiando o grupo. Por que você não toma uma atitude?

Cimon rosnou:

- Quando acontecem coisas assim, eu estou chefiando o grupo. Minhas responsabilidades sempre surgem de repente. Pois deixe que briguem. Sheffield briga muito bem com a boca, e o Capitão nunca muda a posição das mãos, que esconde e entrelaça atrás das costas. A colorida descrição de Vernadsky ainda não significa que realmente haverá uma briga.

- Está certo, mas não convém permitir que surjam inimizades logo numa expedição como a nossa!

- Você quer dizer, numa missão como a nossa! - Vernadsky ergueu ambas as mãos com ar de deboche e ergueu os olhos para o forro. - Vocês não podem imaginar como me arrepio quando penso que breve estaremos entre os trapos e as ossadas da primeira expedição.

Aquela frase não inspirava imagens e comentários levianos, e os três homens se calaram. Cimon virou as costas, mas sua nuca pareceu adquirir uma rigidez mais acentuada.

Oswald Mayer Sheffield (psicólogo extremamente alto e magro, com uma voz que conseguia cantar qualquer trecho de ópera e também lhe servia para argumentar em tom suave, com precisão afinadíssima) entrou na cabine do Capitão, e apesar do relato de Vernadsky, não parecia enfurecido como seria lógico esperar. Estava sorrindo. Logo que o viu, o Capitão, com o rosto congestionado, berrou:

- Escute aqui, Sheffield...

- Só um minutinho, Capitão Follenbee - disse Sheffield. Mark, como é que você está?

Mark desviou o olhar e murmurou:

- Estou bem, dr. Sheffield.

- Não sabia que você já tinha se levantado.

O tom era de censura, mas Mark sentiu a necessidade de se justificar:

- Eu estava me sentindo bem melhor, dr. Sheffield, e sinto remorso por não estar trabalhando. Desde que subi a bordo, não fiz praticamente nada. Então chamei o Capitão e pedi para ver o diário de bordo e ele me mandou vir até aqui.

- Certo. Garanto que ele não vai levar a mal se você voltar para o seu camarote.

- Você acha, hein? - comentou o Capitão.

Sheffield fitou o Capitão com um olhar suave.

- Acontece que sou responsável por ele, senhor.

O Capitão não soube o que dizer.

Mark obedeceu, virou as costas e Sheffield esperou até que saiu e a porta se fechou. A este ponto voltou a fitar o Capitão.

- Posso saber os motivos desta idéia realmente besta, Capitão?

O Capitão dobrou levemente os joelhos, endireitou as pernas e repetiu o exercício com um ritmo quase ameaçador. Podia-se ouvir distintamente a batida de suas mãos entrelaçadas atrás das costas.

- Sou eu quem está perguntando. Eu sou o Capitão desta nave, Sheffield.

- Eu sei.

- E sabe o que isto significa? No espaço, esta nave é um planeta legalmente reconhecido. Tenho plenos poderes para governá-lo, No espaço, minha palavra é lei. A comissão Central da Confederação não pode me desmentir. Preciso manter a disciplina, e nenhum espião de araque.

- Está bem. Agora deixe que eu lhe diga algumas coisinhas, Capitão. Você foi contratado pelo Birô das Províncias Externas para transportar uma expedição de pesquisa, patrocinada pelo governo, até o Sistema Lagrange, para ficar lá com aquela expedição até que fosse necessário, devido aos pressupostos da expedição, e até que isto pudesse ser feito com segurança para a tripulação e a nave, e depois nos levar de volta. Você assinou o contrato e assumiu algumas obrigações, sem qualquer consideração pelo fato de você ser ou não ser o Capitão. Por exemplo, você não pode mexer com nossos instrumentos e não pode utilizá-los.

- Você não pode me acusar disto! - O Capitão estava indignado.

- Posso, sim - respondeu Sheffield com a maior calma. - Fique longe de Mark Annuncio, Capitão, Da mesma maneira que você deve ficar longe o monocromo de Cimon e da micróptica de Vailleux mantenha-se a boa distância de Mark Annuncio. Não toque nele nem com um dedo - e estou me referindo a qualquer um de seus dez dedos, com seus quatro galões. Entendeu?

O peito fardado do Capitão se expandiu.

- A bordo de minha nave não recebo ordens de ninguém. Seu palavreado pode ser considerado um desacato à disciplina, Senhor Sheffield. Continue assim, e terei que confiná-lo em sua cabine. Você e seu Annuncio, E se você não gostar, pode conversar com a Comissão Disciplinar na Terra. Mas até lá, mantenha o bico fechado,

- Escute, Capitão, deixe-me explicar alguns fatos. Mark é do Serviço Mnemônico...

- Ele já falou. Serviço Numônico... Serviço Numônico. Para mim, trata-se apenas de polícia secreta. Bem, não quero falar disso, especialmente a bordo de minha nave, está claro?

- Serviço Mnemônico - repetiu Sheffield, pacientemente. - Eme-ene-e-eme-o-ene-i-cê-o, entendeu? A palavra deriva do grego, e significa memória.

O Capitão apertou os olhos.

- Quer dizer que ele se lembra das coisas?

- Isto mesmo, Capitão. Olhe, de uma certa forma, a culpa é minha. Eu deveria tê-lo informado. Aliás, eu o teria feito se o garoto não tivesse ficado doente logo depois da saída. Fiquei tão preocupado que quase me esqueci de qualquer outra coisa. Além disso, nunca imaginei que ele fosse se interessar pelo funcionamento da nave, e não sei por que. Ele tem a obrigação de se interessar por tudo.

- Tem a obrigação, hein? - O Capitão olhou para o relógio de parede. - Pois diga-me tudo agora. Em palavras simples e seja breve. No tenho muito tempo.

- Vou resumir, pode ficar sossegado. Você é um navegador do espaço, Capitão. Pode me dizer quantos mundos habitados existem na Confederação?

- Oitenta mil - falou o capitão sem hesitar.

- O número certo é oitenta e três mil e duzentos - corrigiu Sheffield. - Na sua opinião, de que forma pode-se governar uma organização política deste tamanho?

O Capitão voltou a responder prontamente:

- Com computadores - disse.

- Certo. Temos a Terra, onde metade da população trabalha para o Governo e passa o tempo computando, e temos subcentros de computação na metade dos outros mundos. Mesmo assim, acontece que certos dados desaparecem. Qualquer mundo conhece alguma coisa que os outros mundos desconhecem. Isto acontece até entre indivíduos. Veja nosso pequeno grupo. Vernadsky não sabe nada de biologia e eu não sei nada sobre química. Entre nós, ninguém saberia pilotar o mais simples dos cruzadores espaciais, a não ser Fawkes. Por isso trabalhamos juntos, e cada um suplementa o outro com os conhecimentos que o outro não possui. Entretanto existe um obstáculo. Ninguém entre nós sabe com certeza qual de nossos conhecimentos é realmente útil para o outro, em qualquer circunstância. Precisamos adivinhar, e às vezes, erramos. Dois fatos, A e B, às vezes podem ser correlacionados de maneira perfeita. Então o indivíduo A, que conhece o fato A, fala com o indivíduo B, que conhece o fato B, e protesta: - Por que você não me disse isto há dez anos? - e o indivíduo B responde: - Não imaginava que fosse importante, ou: - Pensei que todo mundo soubesse a respeito.

O Capitão observou:

- Mas os computadores servem para isto.

Sheffield explicou:

- Os computadores têm suas limitações, Capitão. A gente precisa formular perguntas. E as perguntas devem ser específicas e formuladas de maneira a serem resumidas com um número limitado de símbolos. Os computadores respondem exatamente à pergunta, mas não respondem ao problema que está em nossas cabeças. Acontece que nem sempre sabemos formular exatamente nossas perguntas ou alimentamos o computador com os símbolos adequados, e

quando isto acontece, o computador não fornece espontaneamente as informações que precisamos. O que precisamos, o que toda a humanidade precisa, é um computador que não seja mecânico, um computador com imaginação. Isto existe, Capitão!. - Bateu o indicador contra a têmpora. - Existe em todos nós.

- Pode ser - grunhiu o Capitão. - Prefiro, porém me valer do tipo comum, o tipo que funciona quando a gente aperta os botões, você me entende?

- Você tem certeza? As máquinas carecem de inspiração. Você nunca seguiu uma inspiração?

- Isto ainda se refere ao nosso assunto? - O Capitão voltou a olhar para o relógio.

Sheffield disse:

- Em algum ponto do cérebro humano existe um registro de qualquer dado que alguma vez passou debaixo dos nossos olhos. Conseguimos nos lembrar conscientemente de pouquíssimas coisas, mas elas estão todas ali, armazenadas, e às vezes uma associação de pensamento inconsciente pode trazer à tona algum dado sem que a pessoa entenda de onde este dado surgiu. É assim que você tem suas "inspirações" ou "sensações". Algumas pessoas conseguem isto com mais facilidade que as outras. E algumas poucas podem ser treinadas. Entre estas, existem indivíduos quase perfeitos, como Mark Annuncio e mais uma centena ao todo. Espero que algum dia existirão milhares como eles, e então realmente teremos um Serviço Mnemônico. Estes indivíduos - continuou Sheffield - não fazem outra coisa senão ler, observar e escutar. E continuam o treinamento para se aperfeiçoarem sempre mais. Os dados que colecionam não têm qualquer importância, não precisam ter um sentido ou uma importância óbvia, Não importa se um homem qualquer do Serviço deseja passar uma semana lendo todos os dados que se referem à equipe de pólo espacial do Setor de Canopus, para lhe dar um exemplo. Qualquer dado pode ser importante, numa ocasião específica: este é o axioma fundamental do Serviço. De vez em quando acontece que um homem do Serviço consegue encontrar correlacionamento entre certos dados de uma maneira que não poderia ser obtida com apenas uma máquina, Uma máquina poderia falhar, porque é possível que esta máquina simplesmente esteja desprovida de dois dados aparentemente não correlacionados, ou então, se a máquina possui os dados, não existe o homem aparentemente imbecil que ousaria formular a pergunta apropriada. Uma correlação eficiente do Serviço pode valer todo o dinheiro gasto para sustentá-lo durante dez anos ou mais.

O Capitão ergueu uma mão enorme. Parecia confuso. Disse:

- Espere um minuto. Annuncio disse que na Terra não existia o registro de uma nave chamada G. Tríplice. Você está querendo me dizer que ele conhece todos os registros de todas as naves, de cor?

- Acho provável - respondeu Sheffield. - É possível que tenha lido o registro de embarcações comerciais. Se isto aconteceu, ele conhece todos os nomes, as tonelagens, os anos de construção, os portos das rotas, o número de tripulantes e qualquer outro dado do registro.

- Ele estava contando as estrelas.

- Por que não? Também representa um dado.

- Quero ser mico.

- Quem sabe, Capitão. Acontece que um homem como Mark é diferente de todos os outros homens, Ele é criado de uma maneira esquisita, distorcida e possui uma maneira esquisita e distorcida de encarar a vida. Esta é a primeira vez que ele se afasta do território do Serviço, desde que foi admitido com a idade de cinco anos. Ele pode ficar perturbado por motivos de somenos - e também pode ficar arruinado. Isto não pode acontecer e estou aqui para que não aconteça. Ele é meu instrumento, um instrumento muito mais valioso que qualquer outro que exista nesta nave, em toda a Via-láctea só existem cem iguais a ele.

O Capitão Follenbee tomou um ar de dignidade ofendida.

- Está bem. Poderá ver o diário de bordo. Ficará tudo estritamente confidencial, não é mesmo?

- Absolutamente. Ele só conversa comigo, e eu não converso com ninguém, a não ser porque foi encontrada alguma correlação.

O Capitão não parecia pensar que isto correspondia ao significado que ele atribuía a “estritamente", mas falou:

- Só que não poderá conversar corri a tripulação. - E acrescentou: - Você sabe o que eu quero dizer.

Sheffield se aproximou da porta.

- Mark sabe a respeito. Pode ficar sossegado que a tripulação não ficará sabendo de nada por meio de Mark.

Antes que a porta se fechasse, o Capitão gritou:

- Sheffield!

- Sim?

- Explique-me o que é um noncompos!

Sheffield conseguiu abafar uma gargalhada.

- Ele o chamou de noncompos?

- O que é?

- Uma abreviatura de non compos mentis, O pessoal do Serviço dá este apelido a qualquer pessoa que não esteja no serviço. Eu sou um, você é um. Trata-se de uma expressão latina para significar "alguém que não possui todas as faculdades mentais". E quer saber de uma coisa, Capitão? Eu acho que eles estão certos.

Saiu apressadamente.

Mark Annuncio leu o diário de bordo em quinze segundos. Achou-o incompreensível, mas afinal, a maioria do material que armazenava em seu cérebro era incompreensível.

Não se preocupava com isto, e tampouco se preocupava pelo fato do material ser entediante. Estava apenas decepcionado, porque não satisfazia sua curiosidade: quando acabou, sentiu-se aliviado e, ao mesmo tempo, contrariado.

A seguir foi até a biblioteca da nave e começou a assimilar três dúzias de livros com a mesma rapidez com a qual passavam pelo projetor. Durante os três primeiros anos de sua adolescência, aprendera a ler assimilando a imagem total, e ainda sentia muito orgulho por ter superado os recordes da escola na prova final.

Finalmente foi até a seção de laboratórios da nave e ficou observando uma coisa e a outra, um pouco de cada vez. Não fez qualquer pergunta, e todas as

vezes que um dos homens o observava com um mínimo de curiosidade, se afastava.

Detestava aqueles olhares esquisitos, como se ele fosse um animal raro. Detestava aqueles ares de suficiência, como se eles tivessem algum valor especial, gastando toda a sua capacidade cerebral para um assunto mínimo, e conseguindo lembrá-lo apenas em parte.

A seguir, provavelmente teria que fazer algumas perguntas. Afinal, era sua tarefa, e mesmo que não fosse, faria perguntas por causa da curiosidade. Entretanto, esperava conseguir controlá-la até depois da aterrissagem na superfície do planeta.

Achou muito agradável estar dentro de um sistema estelar. Logo poderia ver um mundo novo com dois sóis novos - dois de uma vez - e uma lua toda nova. Quatro objetos com informações novíssimas para cada um, com reservas imensas de informações, a serem colocadas uma a uma, e depois selecionadas com cuidado.

Sentiu-se excitado ao pensar na enorme quantidade de dados que estavam a esperá-lo. Pensava em sua própria mente como uma espécie de imenso arquivo, com sistema duplos e cruzados de referência. Imaginava que ele se estendia a perder de vista em todas as direções. Ordenado. Limpinho. Bem lubrificado. Perfeito em todos os detalhes.

Pensou nos sótãos empoeirados que os noncompos chamavam de mentes e sentiu vontade de gargalhar. Podia constatá-lo até quando conversava com o dr. Sheffield que, afinal, apesar de noncompos, era até um sujeito legal. Sheffield se esforçava muito, e às vezes, conseguia até chegar a quase entender. Os outros, porém, os homens que se encontravam na nave, eram homens cujas mentes pareciam um depósito de lenha. Depósitos de lenha empoeirados, com pedaços de madeira rachados largados por todos os cantos e só os pedaços que se encontravam no topo das pilhas podiam ser alcançados.

Tolos e coitados! Poderia se compadecer com eles, se não fossem tão desordenados e malvados... Se ao menos eles soubessem como eram. Se ao menos entendessem!

Todas as vezes que podia fazê-lo, Mark ia aos postos de observação para ver a aproximação dos novos mundos, passaram bem rente ao satélite Ilium. (Cimon, o astrofísico, insistia pedantemente em chamar o planeta de destino de "Troas" e seu satélite de "Ilium", mas todos os outros a bordo os chamavam respectivamente de "Júnior" e de "Irmã".) Do outro lado dos dois sóis, na posição troiana oposta, havia um grupo de asteróides que Cimon teimava em chamar o "Épsion Lagrange", mas todos os outros chamavam apenas de "Os Filhotes".

Mark pensava em tudo isto, de maneira vagamente simultânea, quando se lembrava de "Ilium". Quase não tomava conhecimento dos pensamentos, e deixava que se dissolvessem, por serem material para o qual não alimentava um interesse imediato. Mais vagamente, e num nível muito mais abaixo da superfície da consciência mental, percebia a passagem de mais de quinhentos termos impróprios da nomenclatura astronômica. Tinha lido alguns, ouvido outros nos programas subetéricos, assimilado mais outros durante conversas e encontrado alguns em relatórios. O material podia ser assimilado diretamente ou ouvido

distraidamente. Mesmo a substituição de G. Tríplice por George G. Grundy estava ordeiramente anotada em seu arquivo feito de sombra.

Muitas vezes Sheffield tentava interrogá-lo sobre o que acontecia em sua mente e sempre o fazia com muito, mas muito cuidado.

- Queremos ter mais gente como você, Mark, no Serviço Mnemônico. Precisamos de milhões como você, talvez de bilhões, se a raça se espalhar por toda a Galáxia. Qualquer dia isto há de acontecer, Mas como poderemos encontrá-los? Não basta confiar no talento evidente, inato. Todos nós temos um pouco disto. Mas se o que interessa é o treinamento, nós não saberemos como treinar, a não ser que consigamos descobrir um pouco do que acontece.

Mark, por causa das cuidadosas investidas de Sheffield, começou a se observar, a se auscultar, a desviar seus olhos para o interior e tentou se tornar consciente.

Descobriu o arquivo que levava na cabeça. Aprendeu como as lembranças surgiam em seu pensamento. Percebeu que itens específicos emergiam de repente, quando os queria, sempre prontos a aparecer. Era tudo muito difícil de explicar, mas fazia o que podia.

Esta indagação começou a aumentar sua autoconfiança. As angústias de sua infância, daqueles primeiros anos no Serviço, começaram a esmorecer. Parou de acordar no meio da noite, suando e aos gritos, pelo medo de estar esquecendo. E não teve mais enxaquecas.

Olhava para Ilium pela escotilha de observação, enquanto o planeta se encontrava próximo. Era muito mais brilhante de quanto tivesse imaginado, por ser uma lua. (Sua mente passou em revista os números referentes a albedos de trezentos planetas habitados, ordeiramente inventariados em ordem decrescente. Quase não tocou na superfície de sua consciência cerebral. Ele os ignorou).

O esplendor que o fazia piscar estava concentrado nas vastas áreas irregulares que Cimon afirmava terem sido fundos de mares (ouvira o cientista responder, enfastiado, à pergunta de um outro). Um outro fato surgiu na mente de Mark. O relatório original de Hidoshekj Mokayama afirmava que aqueles sais brilhantes eram uma composição de 78,6 por cento de cloreto de sódio, 19,2 por cento de carbonato de magnésio, 1,4 por cento de sulfato de pot... O pensamento desvaneceu.

Não era importante.

Ilium possuía uma atmosfera: um total de 100mm de mercúrio. (Um pouco acima de uma oitava parte da atmosfera da terra, dez vezes a atmosfera de Mercúrio, 0,254 de Coralemon, 0,1376 de Aurora.) Devagar, deixou que o número dos algarismos dos decimais aumentasse. Era uma espécie de exercício, mas logo se entediou. A aritmética instantânea era coisa da quinta série. Na realidade, ele ainda tinha uma certa dificuldade com os integrais, e ficava duvidando que isto se devia ao fato que desconhecia o que era um integral. Lembrou-se de meia dúzia de definições, mas nunca aprendera bastante matemática para entender as definições, apesar de ter a capacidade de citá-las com exatidão.

Na escola, todos sempre recomendavam:

- Nunca se interesse demais por um assunto ou um grupo de assuntos. Se você se interessar, você começará a selecionar os fatos, e isto deve ser evitado a

qualquer custo. Tudo é importante. Qualquer coisa é importante. Basta que os fatos fiquem arquivados: não interessa que vocês entendam ou não.

Entretanto, os noncompos não pensavam assim. Possuíam mentes arrogantes, cheias de furos!

Estavam se aproximando de Júnior. O planeta brilhava, mas de forma diferente. Possuía capas polares ao norte e ao sul. (Manuais sobre a paleoclimatologia da Terra atravessavam sua mente e Mark não fez nada para evitá-lo). As capas de gelo estavam se retraindo. Dentro de um milhão de anos Júnior teria o clima atual da Terra.

Possuía mais ou menos o volume e a massa da Terra e revolvia em períodos de trinta e seis horas. Poderia ser considerado o planeta gêmeo da Terra. As poucas diferenças que existiam, segundo o relatório de Makoyama, eram todas em favor de Júnior. Pelo que se sabia, em Júnior não existia qualquer coisa que pudesse ser considerada uma ameaça para a humanidade, e ninguém poderia imaginar que existisse, a não ser pelo fato que a primeira colônia terrestre no planeta acabara aniquilada até o último homem.

Mas o pior de tudo era que a destruição acontecera de tal maneira que o estudo de todas as informações existentes não fornecia o menor indício para a identificação do perigo.

Sheffield entrou na cabine de Mark duas horas antes da aterrissagem. No começo, ele e Mark deviam partilhar a mesma cabine, Deveria ser uma experiência: os mnemônicos não toleravam a companhia dos noncompos. Entretanto, a experiência teve que ser adiada, porque logo depois da decolagem Mark começou a se sentir mal. Seu rosto suado e olhos implorantes demonstraram que a privacidade era uma condição essencial para seu relativo bem-estar.

Sheffield se sentia responsável por qualquer coisa que pudesse acontecer com Mark, mesmo quando se tratava de coisas que exorbitavam de sua responsabilidade. Ele e outros homens como ele tinham selecionado Mark e outras crianças com a mesma capacidade, para treiná-las e ao mesmo tempo estragar suas vidas. As crianças tiveram um desenvolvimento forçado. Foram moldadas e dobradas. Nunca tiveram permissão para ficar em contato com crianças normais, para evitar que desenvolvessem hábitos mentais normais. Nenhum mnemônico tinha se casado, mesmo do próprio grupo.

Sheffield sentia todo o peso da culpa.

Há vinte anos existia uma dúzia de rapazes treinados numa escola sob a direção de U. Karaganda, um asiático completamente doido que só conseguia suscitar gargalhadas em todo repórter que o entrevistava. Karaganda acabara por se suicidar por motivos não muito claros, mas antes disto Sheffield e outros psicólogos tiveram tempo suficiente para aprender suas teorias.

A escola continuou e outras foram abertas. Havia uma em Marte, com cinco alunos. Naquele momento existiam exatamente cento e três Mnemônicos graduados (é claro, apenas uma minoria conseguia terminar o curso). Há cinco anos, o governo planetário terrestre (que no deve ser confundido com a Comissão Galáctica Central, sediada na Terra e que governava a Confederação Galáctica)

permitia o estabelecimento do Serviço Mnemônico com uma divisão do Departamento do Interior.

Poucas pessoas sabiam que o Serviço já amortizara os gastos. O Governo Terrestre não costumava divulgar estes fatos e jamais mencionava o Serviço. Tratava-se de um assunto muito delicado. Era uma "experiência". O Governo receava que um fracasso Pudesse redundar num revés político. A oposição - que pretendia lançar uma campanha contra a experiência - foi impedida com todos os meios, mas não desistia de trovejar contra o desperdício do "dinheiro dos contribuintes" em todas as conferências planetárias - apesar da existência de muitos provas em contrário.

A civilização galáctica, baseada em máquinas, não conseguia apreciar os resultados obtidos apenas com a mente. Sheffield especulava até quando.

Mas não adiantava ficar deprimido quando estava em companhia de Mark, Isto era perigoso, poderia contagiá-lo. Disse:

- Você está com boa aparência, garoto.

Mark mostrou-se feliz em vê-lo. Disse:

- Dr. Sheffield, quando voltarmos à Terra...

Parou, enrubesceu e continuou:

- Quero dizer, se voltarmos à Terra, pretendo procurar o maior número possível de livros sobre psicologia popular. Não sei quase nada a respeito. Procurei na biblioteca da nave, mas não encontrei nada.

- Por que está tão interessado?

- Por causa do Capitão. Você não disse que a tripulação não devia saber que íamos para um mundo no qual a primeira expedição tinha morrido?

- Sim, eu falei.

- Por que os navegadores do espaço acham que é má sorte desembarcar num mundo assim, especialmente quando sua aparência é inofensiva? Eles chamam estes mundos de armadilhas para trouxas.

- É verdade,

- E o Capitão afirma que é assim, Entretanto, não vejo por que. Posso citar dezessete desses planetas habitados, nos quais as primeiras expedições pereceram sem conseguir estabelecer residência. Todos os planetas foram colonizados em época posterior e agora são membros da Confederação. Por exemplo, Sarmátia: é um mundo de boas proporções.

- Existem também planetas com um histórico continuado de acidentes - declarou Sheffield com convicção. (Nunca faça perguntas informativas, afirmava Karaganda. A correlação mnemônica não depende da inteligência; não era voluntária. Uma pergunta direta provocava um sem-número de correlações, mas apenas do tipo que poderiam surgir na mente de um homem bastante informado. Era apenas a mente inconsciente que conseguia transpor certas falhas impossíveis).

Mark aceitou o desafio, como teria feito qualquer outro mnemônico. Afirmou com energia:

- Não, eles não existem. Nunca ouvi falar nisto, quando o planeta apresentava condições mínimas de vida. É diferente, quando o planeta está todo coberto de gelo ou quando é um deserto. Mas Júnior não entra nesta categoria.

- De fato.

- Neste caso, por que a tripulação deveria ter medo? Enquanto estive doente só pensei nisto. Foi então que me ocorreu a idéia de examinar o diário de bordo. Pensei que seria útil, também porque nunca antes tive a ocasião de examinar um diário de bordo. Esperava encontrar um indício qualquer.

- Hum.

- Entretanto, acho que me enganei. Não encontrei nenhuma alusão aos propósitos desta expedição. Isto não aconteceria a não ser que os propósitos tivessem que ficar secretos. Parece que o Capitão quis ocultar os fatos para que não chegassem ao conhecimento dos outros oficiais. E sempre menciona a nave com seu nome verdadeiro: George G. Grundy.

- É claro que sim.

- Não sei, Desconfiei dele por causa do G. Tríplice - resmungou Mark.

Sheffield observou:

- Você parece decepcionado porque o Capitão não mentiu.

- Não, não estou decepcionado. Sinto-me aliviado. Pelo menos, eu acho. Eu pensava que... - Parou e Sheffield não fez qualquer esforço para ajudá-lo. Mark viu-se forçado a continuar: - Eu pensava que todos estivessem mentindo, não apenas o Capitão. Pensava que até você estivesse mentindo. Pensei que você não queria que eu falasse com a tripulação por algum motivo qualquer.

Sheffield tentou sorrir e conseguiu. A desconfiança contínua era uma característica de todos os Mnemônicos. Viviam isolados e por conseguinte, eram diferentes. Aqui a causa e efeito eram evidentes. Sheffield disse, sem dar muita importância:

- Acredito que ao ler tudo sobre a psicologia popular, você descobrirá que estas superstições não se baseiam necessariamente numa análise lógica. Quando um planeta adquire uma certa fama, todos esperam que aconteça coisas desagradáveis. Qualquer coisa positiva não é levada em conta, mas tudo que é ruim é comentado e repetido, até adquirir dimensões exageradas.

Afastou-se de Mark para examinar as cadeiras hidráulicas, Logo teriam que usá-las para a aterrissagem. Ficou remexendo sem necessidade, mantendo-se de costas para Mark e murmurou:

- Naturalmente, neste caso é pior, porque Júnior é completamente diferente. (Calma, agora, calma, não posso insistir. Já tentei antes, mas...) Mark estava dizendo:

- Não, não é. Nem um pouco. As outras expedições que fracassaram eram diferentes. Esta é a verdade.

Sheffield manteve-se na mesma posição. Ficou esperando. Mark continuou:

- As outras dezessete expedições que fracassaram ao aterrissar em planetas que agora estão habitados, eram apenas pequenos grupos de exploradores. Em dezesseis casos a morte foi conseqüência da destruição da nave durante a aterragem, e num único caso, em Coma Minor, o pequeno grupo de exploradores foi atacado por uma forma de vida indígena, não inteligente. Conheço os detalhes de todos os casos... - Sheffield sabia que Mark conhecia todos os detalhes de todos os casos e se preparou para agüentar com paciência. - ... mas para quê? - continuou Mark e Sheffield se sentiu aliviado. - Todas aquelas expedições não podem ser comparadas com a expedição para Júnior. Tratava-se de fato de um grupo de colonizadores, composto de 789 homens, 207 mulheres e

15 crianças com menos de treze anos. No ano seguinte a colônia aumentou com a chegada de mais 315 mulheres, 9 homens e duas crianças. A colônia conseguiu sobreviver por quase dois anos, e a causa das mortes ainda é desconhecida - pelos relatórios que enviaram, parece devida a doença.

- Este detalhe é bastante diferente, mas Júnior em si não tem nada de diferente, a não ser... é claro...

Mark parou como se a informação fosse de escassa importância. Sheffield quase gritou pela angústia. Esforçou-se para dizer com calma.

- Exceto por aquele detalhe, é claro.

Mark disse:

- Todos sabemos a respeito, é claro. Júnior tem dois sóis, e os outros planetas só têm um.

Sheffield ficou muito desapontado. Paciência. Talvez tivesse mais sorte em outra ocasião. Quem não for capaz de ter paciência com um Mnemônico, não deveria ficar perto de um Mnemônico.

Sentou-se na cadeira hidráulica e começou a apertar os cintos, Mark o imitou. (Sheffield estava com vontade de ajudá-lo, mas isto seria imprudente). Olhou para o relógio. Deviam estar descendo em espiral.

Além da decepção, Sheffield sentia-se profundamente perturbado, Mark Annuncio tinha agido de maneira errada ao seguir sua própria suposição que o Capitão e todos os outros estivessem mentindo. Os mnemônicos possuíam uma tendência para acreditar que, tendo armazenado uma grande quantidade de fatos, seus conhecimentos eram completos. Como é óbvio, este é um grande erro. Karaganda ensinava que por isso eles deviam apresentar suas correlações às pessoas devidamente autorizadas e nunca poderiam agir por iniciativa própria.

Até que ponto o erro de Mark poderia ser significativo? Afinal, tratava-se do primeiro Mnemônico afastado do Quartel-general do Serviço, era o primeiro a ficar separado dos outros de sua própria espécie; era o primeiro isolado no meio de um grupo de noncompos. Qual seria a conseqüência? Haveria conseqüências? Seriam graves? E como poderiam ser evitadas?

O psicólogo dr. Oswald Mayer Sheffield não conseguiu encontrar qualquer resposta.

Os homens que estavam perto dos controles eram os mais afortunados. Cimon, como chefe titular da expedição, se encontrava ao lado deles. O resto da tripulação se preocupava com suas tarefas, e os outros cientistas preferiam o conforto relativo de suas cabines, enquanto a nave descia em espiral até o planeta.

Júnior ainda estava distante e o espetáculo era formidável.

As capas polares do norte e do sul se estendiam até um terço da distância entre os pólos e o equador. Cimon tinha insistido numa espiral norte-sul para poder observar as regiões polares, apesar disto não ser muito recomendável do ponto de vista da segurança. As capas de gelo passavam e repassavam debaixo da nave, apresentando uma coloração de arco-íris, devido aos dois sóis de coloração diferente. Só uma porção das capas era negra, e mesmo assim, levemente fosforescente, Cimon murmurou:

- É o luar... - e logo olhou ao redor, para ver se alguém estava ouvindo. Cimon não gostava que o observassem enquanto tirava suas conclusões, Ninguém ouvia. Em sua volta havia apenas espaçonautas que se dedicavam às manobras necessárias, e apesar de calejados, lançavam olhares admirados em direção à maravilhosa paisagem que se descortinava em sua frente.

A espiral se inclinou, mudando de direção e finalmente se estabilizou num sentido leste-oeste, que apresentava a maior segurança para a aterrissagem. O trovejar abafado da entrada na atmosfera penetrou até a cabine de comando, aumentando gradativamente.

Para facilitar a observação científica, até aquele momento – e com grande preocupação do Capitão - a espiral se mantivera estreita, com escassa desaceleração e um grande número de voltas. Quando porém penetraram,na atmosfera de Júnior, a desaceleração aumentou e a superfície começou a se aproximar.

As capas polares desapareceram de ambos os lados e só se viam terra e água se alternando, Um continente, com serras no litoral e completamente plano ao centro, parecia um prato fundo com as bordas cobertas de neve. O continente tomava a metade de Júnior, e o resto era água.

Naquele momento a maioria do oceano se encontrava no setor escuro, e uma pequena parte recebia luz vermelha alaranjada de Lagrange II. Naquela luz, as águas se apresentavam arroxeadas, salpicadas de pontos brilhantes e avermelhados, mais freqüentes no extremo norte e no extremo sul. Eram icebergs!

A terra aparecia parcialmente iluminada de vermelho e de branco. Só um setor do litoral oriental estava iluminado de verde-azul. A serra oriental apresentava um espetáculo admirável: seus contrafortes ocidentais estavam vermelhos, enquanto os orientais eram verdes.

A velocidade de nave estava diminuindo. Estavam sobrevoando o oceano pela última vez. Só faltava aterrar!

Os primeiros passos foram lentos e cautelosos. Cimon observou suas fotos coloridas de Júnior, tomadas do espaço e depois deixou que passassem de mio em mão. Alguns cientistas se arrependeram por ter preferido o conforto e perdido a vista original daquilo.

Boris Vernadsky estava ocupadíssimo com seu analisador de gases.

- Estamos mais ou menos ao nível do mar, eu acho - disse. Especialmente, a julgar pelo valor de g.

A seguir, acrescentou para esclarecer: - Quero dizer, pela constante de gravidade. - Mas a maioria não entendeu. - Disse: - A pressão atmosférica é de exatamente oitocentos milímetros de mercúrio, e isto significa que está cinco por cento mais alta que a Terra. Duzentos e quarenta milímetros disto são de oxigênio, em contraposição a apenas cento e cinqüenta milímetros na Terra. Nada mal.

Parou um pouco, como a esperar um elogio, mas os outros cientistas acharam que era melhor não fazer muitos comentários a respeito dos dados de um outro especialista.

- O que mais temos na atmosfera? - perguntou Cimon, irritado. - Por enquanto, temos apenas oxigênio, nitrogênio e filosofia barata do tio Boris.

Vernadsky se endireitou e perguntou amavelmente:

- Quem é você? O diretor ou coisa parecida?

Cimon, cujas prerrogativas de chefe da expedição se reduziam apenas à redação de demorados relatórios para o Birô, corou e repetiu:

- Então, dr. Vernadsky, que mais temos na atmosfera?

Vernadsky respondeu sem sequer olhar para as anotações:

- Menos, de um por cento e mais de uma centésima parte de um por cento: hidrogênio, hélio e dióxido de carbono, nesta ordem. Menos de uma centésima parte de um por cento de mais de dez mil avos de um por cento: metano, argônio e néon, nesta seqüência. Menos de dez mil avos de um por cento e mais de um milhão de avos de um por cento: radônio, criptônio e xenônio, nesta ordem. Os números não oferecem muitas informações. Posso dizer, porém, que Júnior deve ser rico em urânio, que tem pouco potássio e que não me admira que as capas polares sejam tão extensas.

Disse isto para que alguém lhe fizesse o favor de perguntar como sabia, e alguém, inevitavelmente, perguntou. Vernadsky sorriu suavemente e falou:

- O radônio atmosférico aqui é de dez a cem vezes maior que na Terra. O mesmo vale para o hélio. Radônio e hélio são produtos secundários da decomposição radioativa de urânio e tório. Conclusão: a crosta de Júnior contém de dez a cem vezes mais minerais de urânio e tório que a crosta da Terra. Por outro lado, o argônio é cem vezes menos que na Terra. É possível que Júnior não possua mais suas reservas originais de argônio. Um planeta deste tipo só possui o argônio formado pela decomposição de K 4O um dos isótopos do potássio. Pouco argônio equivale a pouco potássio. Muito simples.

Alguém perguntou:

- O que foi que você disse a respeito das capas polares?

Cimon, que sabia a resposta, perguntou antes que Vernadsky pudesse responder:

- Qual é o exato conteúdo de dióxido de carbono?

- Zero ponto zero um seis min - disse Vernadsky.

Cimon assentiu sem falar.

- Então? - perguntou o outro cientista.

- O dióxido de carbono é apenas a metade do que temos na Terra, e é o dióxido de carbono que produz o efeito de estufa. Ele deixa passar as ondas curtas da luz solar até a superfície do planeta, mas não permite que as ondas compridas do calor planetário se dispersem. Quando a concentração de dióxido de carbono aumenta por causa de uma ação vulcânica, o planeta fica mais quente e temos uma era carbonífera, com oceanos dilatando e a superfície da terra diminuindo. Quando o dióxido de carbono diminui, absorvido pela vegetação, a temperatura diminui, permitindo a formação de gelo, e começa a era de glaciação... e pronto!

- Mais alguma coisa na atmosfera? - perguntou Cimon.

- Vapor de água e poeira. Suponho que também há alguns milhões de esporos de doenças virulentas por centímetro cúbico.

O tom era de deboche, mas provocou uma sensível inquietação. Alguns cientistas davam a impressão de estar segurando o fôlego. Vernadsky encolheu os ombros e falou:

- Não se preocupem com isto, por enquanto. Meu analisador elimina poeira e esporos de maneira radical. Por outro lado isto não interessa. Sugiro que

Rodriguez comece a criar suas culturas em provetas fechadas. Provetas de vidro bem grosso.

Mark Annuncio passava de um grupo para outro. Seus olhos brilhavam enquanto ouvia. Os cientistas o toleravam, apesar que com uma certa relutância, dependendo do temperamento dos vários indivíduos. Nenhum cientista conversava com Mark.

Sheffield se mantinha perto de Mark. Ele tampouco falava. Esforçava-se apenas por se manter à margem da consciência de Mark. Não queria que Mark tivesse a impressão de estar sendo perseguido, mas que tivesse uma ilusão de liberdade. Queria parecer apenas natural.

Sheffield pensava que seus esforços eram quase inúteis, mas o que poderia fazer? Precisava impedir que o garoto provocasse complicações.

Miguel Antonio Rodriguez y Lopez (micro-biologista, baixo, moreno, com cabelos negros e compridos e a reputação muito latina de ser um conquistador de corações) cuidava das culturas de poeiras extraídas do analisador de gases de Vernadsky.

- Nada - declarou finalmente. - Todas estas culturas bestas parecem inofensivas.

Alguém sugeriu que as bactérias de Júnior não deviam necessariamente ter uma aparência perigosa: as toxinas e os processos metabólicos não podiam ser individuados nem mesmo através de um microscópio.

Rodriguez reagiu com desdém, como se fosse uma invasão em suas funções profissionais. Ergueu uma sobrancelha e observou:

- A gente consegue uma espécie de sensibilidade para estas coisas. Quando a gente já viu a quantidade de microcosmo que eu já vi, sabe logo quando existe algum perigo - ou quando não existe.

Era uma óbvia mentira e Rodriguez se aprontou a prová-la transferindo amostras de várias colônias de germes para meios isotônicos e finalmente injetando o produto nos hamsters. Os hamsters não mostraram qualquer reação.

Grandes recipientes foram preenchidos com o ar do planeta, e vários espécimes de bichinhos terrestres e de outros planetas foram colocados nos recipientes. Os bichinhos também não mostraram qualquer reação.

Nevile Fawkes (botânico, convencido a ponto de se pentear como Alexandre Magno no conhecido busto, mas dono de um nariz muito maior que o de Alexandre) saiu durante dois dias (tempo de Júnior) com um bote atmosférico do G. Tríplice. Fawkes era um bom piloto, aliás o único entre os cientistas, e foi escolhido por isto. Fawkes partiu, mas sem qualquer demonstração de entusiasmo.

Voltou em ótimas condições de saúde e sem ocultar seu alívio. Foi irradiado a fim de esterilizar a camada externa de seu macacão flexível. O bote foi irradiado de todos os lados e depois colocado debaixo de uma capa de plástico.

Fawkes trouxe um grande número de fotografias em cores. O vale central do continente parecia extraordinariamente fértil. Os rios eram enormes, as montanhas impávidas e cobertas de neve (com o costumeiro efeito pirotécnico provocado pelos dois sóis). Iluminada apenas por Lagrange II, a vegetação aparecia escura e vagamente repelente, como sangue coagulado. Iluminada por Lagrange 1, ou por ambos os sóis, as várias tonalidades de verde e o brilho dos

muitos lagos (em proximidade das bordas das capas polares) provocaram muita saudade entre vários cientistas. Fawkes disse:

- Olhem para isto.

Voando muito baixo, conseguira várias tomadas de um campo cheio de enormes flores escarlates. Por causa da alta radiação ultravioleta da Lagrange I, o tempo era necessariamente curto e apesar do movimento do bote, as flores se destacavam uma a uma como manchas de cor estridente.

- Juro que cada flor tem dois metros de diâmetro - disse Fawkes.

Todos admiraram as flores.

Fawkes acrescentou:

- Naturalmente, não há qualquer sinal de vida inteligente.

Sheffield o fitou. Afinal a Vida e a Inteligência eram algo que lhe dizia respeito. Perguntou:

- Como é que você sabe?

- Observe - disse o botânico, - Aqui estão as fotos. Nenhuma rodovia, nenhuma cidade, nenhum canal de irrigação, nenhum sinal de qualquer obra construída pelo homem.

- Isto apenas significa que não existe uma civilização mecânica - comentou Sheffield.

- Mesmo os antropóides construiriam abrigos e acenderiam o fogo - esclareceu Fawkes, indignado.

- Este continente é dez vezes maior que a África e você ficou a sobrevoá-lo apenas durante dois dias. Você pode não ter visto um bocado de coisas.

- Nem tantas - respondeu Fawkes. - Segui todos os rios de bom tamanho e investiguei ambos os litorais. Se existem agrupamentos de habitantes, estes seriam os locais mais lógicos.

- Mesmo assim, com dois litorais de oito mil quilômetros, distantes dez mil quilómetros um do outro, e quem sabe quantos milhares de quilómetros de rios, sua observação foi forçosamente superficial.

Cimon se intrometeu:

- O que é que há, afinal? Homo sapiens é a única inteligência descoberta em centenas de milhares de planetas explorados em toda a Galáxia. Praticamente não existe qualquer possibilidade de encontrarmos vida inteligente em Troas.

- É mesmo? - perguntou Sheffield. - Você poderia usar a mesma argumentação para provar que a Terra não possui vida inteligente?

- Makoyama não mencionou qualquer vida inteligente em seu relatório - insistiu Cimon.

- Ele também não dispunha de tempo suficiente.

- Raios do Universo - explodiu Rodriguez. - Estamos brigando como loucos. Basta dizer que ainda não ficou comprovada a existência de vida inteligente e pronto. Ainda temos que investigar por muito tempo. Pelo menos eu espero.

As cópias daquelas primeiras fotografias foram acrescentadas aos arquivos que já se encontravam à disposição de todos. Depois de uma segunda viagem, Fawkes voltou mais acabrunhado e a reunião foi mais tranqüila.

As novas fotografias passaram de mão em mão e a seguir Cimon pessoalmente foi colocá-las no cofre que podia ser aberto apenas pela imposição das mãos de Cimon ou por meio de uma explosão nuclear.

Fawkes disse:

- Os dois rios maiores fluem em direção norte-sul ao lado dos contrafortes orientais da serra ocidental. O rio maior nasce na capa glacial setentrional e o outro na capa glacial meridional. Os afluentes chegam do leste e atravessam toda a planície central. Esta planície aparentemente possui uma inclinação, o lado oriental é mais alto. Aliás, parece lógico, porque a serra oriental é muito mais alta e contínua. Não cheguei a medi-la, mas acredito que é mais alta que a cordilheira do Himalaia. Ela se parece muito com a cordilheira Wu Ch'ao em Hesperus. Para atravessá-la é necessário penetrar na estratosfera, e a turbulência é... Bom, o que eu queria dizer é que os dois maiores rios se encontram a cem milhas ao sul do equador e atravessam uma garganta da serra ocidental. A seguir, depois de mais sessenta milhas, desembocam no oceano.

- O ponto da foz é o local ideal para uma metrópole. Todas as possíveis rotas comerciais do interior convergem para este ponto, daí poderia se transformar no local ideal para um comércio espacial. Mesmo sem ter os dados para longitude e latitude, eu teria procurado neste ponto. Aqueles colonos estavam olhando para o futuro. Foi ali que eles se estabeleceram.

Novee comentou em voz baixa:

- Pelo menos, eles pensavam que teriam um futuro, No sobrou muita coisa, não é mesmo?

Fawkes tentou uma atitude filosófica:

- Já passou mais de um século. O que você queria encontrar? Sobrou muito mais do que eu esperava encontrar. Os prédios eram, na maioria, pré-fabricados. É claro, caíram, e a vegetação quase encobriu tudo. O clima glacial contribuiu para conservar o pouco que sobrou. As árvores, ou melhor, os objetos que parecem árvores - são pequenos e têm, obviamente, um crescimento lento. De qualquer forma, nada resta da clareira. A única maneira de reconhecer o local do ar consiste em uma certa diferença de cor e de textura da vegetação, quando comparada com a floresta que a cerca.

Mostrou uma fotografia.

- Isto é apenas um amontoado de ferro velho. Suponho que deviam ser máquinas. E isto aqui, acho que são túmulos.

Novee perguntou:

- Achou alguns restos, como ossadas? Fawkes sacudiu a cabeça.

Novee insistiu:

- Mas os últimos sobreviventes não foram enterrados, não é?

Fawkes disse:

- Provavelmente existem animais. - Afastou-se um pouco do grupo e parou sem se virar. - Quando andei por lá, estava chovendo. Ouvia as gotas batendo nas folhagens e o chã estava encharcado e esponjoso. Estava escuro e havia vento. As fotos não conseguem transmitir a sensação do ambiente. Tive a impressão que em minha volta havia milhares de fantasmas, esperando...

Cimon gritou:

- Pare com isto!

O nariz pontudo de Mark Annuncio, a uma certa distancia do grupo, estava vibrando por causa de sua intensa curiosidade. Olhou para Sheffield, ao seu lado, e sussurrou:

- Fantasmas? Não se conhece qualquer caso autêntico de aparição de...
Sheffield tocou em seu ombro, de leve.
- Trata-se apenas de uma maneira de falar, Mark. Não fique decepcionado. Você está assistindo ao nascimento de uma superstição, e isto já é alguma coisa, você não acha?

Na noite seguinte o Capitão Forenbee, bastante mal-humorado, procurou Cimon e falou sem qualquer preâmbulo:
- Assim não vai, dr, Cimon. Meus homens estão perturbados. Muito perturbados.
As escotilhas estavam abertas. Lagrange já tinha desaparecido há seis horas e a luz avermelhada de Lagrange II tingia os cabelos grisalhos do Capitão. A atitude de Cimon com respeito à tripulação e ao Capitão espelhava sempre uma irritação cuidadosamente controlada. Disse:
- Por que, Capitão?
- Chegamos há duas semanas, pelo tempo da Terra. Ninguém pode sair sem macacões protetores. Na volta, temos a irradiação obrigatória. O ar apresenta algum perigo?
- Pelo jeito, nenhum.
- Neste caso, por que não podemos respirar o ar?
- Capitão, sou eu quem deve decidir estes assuntos,
A coloração avermelhada do rosto do Capitão ficou mais intensa. Disse:
- Meu contrato estabelece que não preciso ficar se existe algum perigo para a segurança da nave, E pretendo evitar um amotinamento da tripulação.
- Será que você não consegue controlar seus homens? Dentro dos limites. Afinal, do que é que eles se queixam? Este é um novo planeta e preferimos tomar cuidados. Será que eles não conseguem entender isto?
- Já se passaram duas semanas, e você ainda está tomando cuidado, A tripulação está começando a pensar que vocês estão ocultando algo. Aliás, é verdade, como você sabe. Além disso, a tripulação precisa de um descanso na superfície. Isto é imprescindível, mesmo que seja apenas sobre uma rocha nua, com uma milha de largura. Assim podem sair da nave e se afastar da rotina.
- Dê-me tempo até amanhã - respondeu Cimon sem ocultar seu desdém.
No dia seguinte os cientistas se reuniram no observatório. Cimon disse:
- Vernadsky afirma que os dados sobre o ar continuam negativos e Rodriguez não descobriu qualquer organismo patogênico flutuante.
A reação geral foi de dúvida. Novee falou:
- Os colonos morreram por alguma doença.
- Isto é possível - concordou Rodriguez. - Mas será que você pode me explicar como? É impossível, podem acreditar, escutem: quase todos os planetas parecidos com a Terra produzem a vida e esta vida é sempre protéica, ou celular ou viral. Mas isto não é tudo. Não existem outros pontos de contato. Vocês, leigos, pensam que é tudo a mesma coisa, na Terra ou em qualquer outro planeta. Germes são germes e vírus são vírus. Quero dizer que vocês não entendem as infinitas possibilidades de variação na molécula protéica. Mesmo na terra, toda espécie tem suas próprias doenças. Algumas doenças podem se estender a várias espécies, mas na Terra não existe qualquer forma de vida patogênica que

possa atacar todas as outras espécies. Vocês pensam que um vírus ou uma bactéria que se desenvolve de maneira independente, durante um milhão de anos, num outro planeta com aminoácidos diferentes, sistemas enzimáticos diferentes e um esquema de metabolismo totalmente diferente, poderia achar que Homo sapiens é gostoso como um pirulito. Deixem que eu explique: isto é infantilidade,

Novee, o físico, muito ofendido por ter sido chamado de "leigo", não estava disposto a se deixar convencer.

- Homo sapiens traz seus próprios germens, Rod. Quem pode dizer que o vírus do resfriado comum não passou por uma mutação influenciada pelo ambiente, e se transformou em algo mortal? Ou então, o vírus da gripe. Estas coisas já aconteceram na Terra. O Para-sarampo de 2755...

- Sei tudo a respeito da epidemia de para-sarampo de 2755 - interrompeu Rodriguez. - E a respeito da epidemia de gripe de 1918, e da peste negra. Mas diga-me, quando foi que tivemos a última epidemia? Está bem, os colonos morreram há mais de um século, mas afinal, aquela não era mais a era pré-atômica! Entre eles, havia médicos. Tinham trazido grandes quantidades de antibióticos, e pelo amor do Espaço, eles já conheciam o sistema de indução de anticorpos. É uma coisa bastante simples. E houve também uma expedição de socorro médico.

Novee colocou as mãos sobre o estomago e falou, teimoso:

- Os sintomas eram de infecção respiratória; dispnéia...

- Conheço a lista dos sintomas, mas insisto que não foi uma doença provocada por germens. Não podia ser.

- Então, o que foi?

- Isto já está exorbitando de minha competência profissional. Só posso dizer que não foi uma infecção. Nem mesmo infecção devida a um mutante. É uma impossibilidade matemática.

Mark Annuncio se aproximou, provocando uma certa movimentação. Parou em frente a Rodriguez. Falou numa primeira vez numa destas reuniões.

- Matemática? - perguntou, ansioso.

Sheffield o seguiu, pedindo desculpas enquanto passava entre os cientistas. Rodriguez já estava suficientemente exasperado. Olhou para Mark e perguntou:

- O que é que você quer?

Mark estremeceu. Em voz mais baixa falou:

- Você disse que sabia matematicamente que não se tratava de infecção. Eu estava querendo saber de que forma a matemática...- Parou.

Rodriguez respondeu:

- Formulei minha opinião profissional. - Pronunciou as palavras em tom formal e depois virou as costas. Nenhum homem poderia por em dúvida a opinião profissional de um outro homem, a não ser que fossem ambos da mesma especialidade. Caso contrário, isto significaria que a experiência e os conhecimentos do especialista podiam ser considerados bastante duvidosos para merecer uma indagação de qualquer um.

Mark tinha conhecimento disto, mas por outro lado, pertencia ao Serviço Mnemônico, Deu um tapinha no ombro de Rodriguez e enquanto os outros, em volta, escutavam estarrecidos, disse:

- Eu sei que esta é sua opinião profissional, mas mesmo assim gostaria que você me explicasse.

Mark não tinha a intenção de falar peremptoriamente. Apenas constatar um fato. Rodriguez se virou bruscamente.

- Você gostaria que eu explicasse? E quem é você para fazer estas perguntas?

Mark ficou assustado com tamanha violência, mas Sheffield agora já estava ao seu lado e logo se reanimou. E se irritou. Ignorou as palavras murmuradas por Sheffield e gritou com voz estridente:

- Sou Mark Annuncio, do Serviço Mnemônico, e fiz uma pergunta. Quero que você me explique quanto falou.

- Não pretendo explicar. Sheffield, leve este garoto doido daqui e ponha-o na cama. E cuide que nunca mais se aproxime de mim. Danado de um burrinho tolo. - O último comentário foi ouvido distintamente por todos,

Sheffield segurou o pulso de Mark, mas o rapaz se desvencilhou e começou a berrar:

- Noncompos imbecíl! Seu... seu débil mental! Esquecimento ambulante! Seu cérebro é uma peneira! Deixe-me em paz, dr. Sheffield!... Você não é técnico! Você não se lembra nada do que aprendeu, e você não conseguiu aprender muito, para começar... Entre vocês não existe um especialista...

- Pelo amor do Espaço! - gritou Cimon. - Leve este idiota daqui, Sheffield.

Sheffield, com o rosto avermelhado, se inclinou e com um braço agarrou Mark, suspendendo-o no ar. Começou a caminhar em direção da porta. As lágrimas começaram a jorrar dos olhos de Mark e quando a porta se fechou, conseguiu falar.

- Solte-me. Quero ouvir... quero ouvir o que dizem.

Sheffield pediu:

- Por favor, Mark, não volte a entrar.

- Está bem. Não Vou entrar. Não se preocupe. Mas...

Deixou de explicar o "mas".

Na sala de observação, Cimon, com as feições abatidas, falou:

- Está bem, agora chega. Vamos voltar ao assunto. Parem! Calma! Aceito o ponto de vista de Rodriguez. Acho satisfatório e não acredito que haja entre nós alguém que ponha em dúvida a opinião profissional de Rodriguez.

- Quero ver - resmungou Rodriguez. Seus olhos negros brilhavam pela fúria contida.

Cimon continuou:

- Considerando que não temos nada a temer em matéria de infecções, Vou comunicar ao Capitão Follenbee que a tripulação tem liberdade de ir para a superfície sem qualquer precaução especial ou proteção contra a atmosfera. Parece que esta falta de liberdade está provocando problemas. Objeções?

Ninguém objetou. Cimon continuou:

- Não vejo motivos para não passarmos para a fase seguinte de nossas investigações. Proponho a instalação de uma base no local do assentamento original. Quero nomear uma comissão composta de cinco cientistas que irão para lá. Fawkes, porque sabe manobrar o bote, Novee e Rodriguez para cuidar dos

dados biológicos, Vernadsky e eu para cuidar das questões químicas e físicas. O resto, naturalmente, receberá todos os dados de sua competência e poderá sugerir qualquer coisa. Talvez, mais tarde, todos poderão ir para lá, mas por enquanto iremos apenas nós. As comunicações entre o grupo na base avançada e os cientistas na nave serão apenas por rádio: se no local do assentamento tivessem que surgir problemas, a expedição perderá no máximo cinco homens.

Novee observou:

- Os colonos viveram no local durante alguns anos, antes de desaparecer. De qualquer forma, foi por mais de um ano. Talvez tenhamos que esperar muito tempo antes de saber que tudo está bem.

- Não representamos uma colônia - falou Cimon. - Somos apenas um grupo de especialistas que desejam saber qual é o problema. Se ele existe, poderemos achá-lo. E quando o problema for encontrado, poderemos dominá-lo. Isto não levará dois anos. Alguém quer dizer alguma coisa?

Ninguém quis falar e a reunião terminou.

Mark Annuncio, sentado no beliche, mantinha as mãos entrelaçadas e o queixo caído sobre o peito. Não estava mais chorando, mas sua voz mostrava toda sua frustração.

- Eles não querem me levar - disse. - Não querem deixar que eu vá.

Sheffield, sentado numa cadeira em sua frente, estava preocupado e perplexo. Falou:

- É possível que deixem você ir mais adiante.

- Não - afirmou Mark, furioso. - Eles não querem. Eles me odeiam. E eu quero ir agora. Nunca estive em outro planeta. Há tantas coisas para ver e para descobrir. Eles não têm o direito de me impedir, quando eu quero ir.

Sheffield sacudiu a cabeça. Os Mnemônicos eram treinados para coletar dados e acreditavam que deviam coletar dados e que nada e ninguém poderia ou deveria impedi-los.

Talvez, quando voltassem, seria oportuno recomendar menos insistência neste ponto. Afinal, os Mnemônicos precisavam, de vez em quando, viver em contato com o mundo real. A cada geração isto teria que acontecer com maior freqüência, porque os Mnemônicos estavam destinados a assumir um papel muito importante na Galáxia. Resolveu fazer uma tentativa. Disse:

- Poderia ser perigoso, sabe?

- Não interessa. Preciso saber. Preciso descobrir coisas a respeito deste planeta. Dr. Sheffield, por favor, fale com o dr. Cimon e diga-lhe que preciso ir também.

- Ora, Mark!

- Se você não for, eu irei. - Começou a se levantar.

- Escute, você está muito excitado.

Mark cerrou os punhos.

- Doutor, isto é muito injusto. Eu achei este planeta. É meu planeta!

Sheffield sentiu remorso. Mark estava certo, e ninguém sabia isto melhor do que Sheffield - exceto Mark, é claro, E ninguém, exceto Mark, conhecia a história de Júnior melhor do que Sheffield. Durante os últimos vinte anos, devido à sempre crescente pressão demográfica nos planetas mais antigos, a Confederação dos

Mundos tinha começado a procurar sistematicamente novos planetas dentro da Galáxia. Antes daquela época, as explorações eram feitas a esmo. Homens e mulheres, desejosos de encontrar terras melhores, partiam na base de um boato ou contratavam grupos exploradores não-profissionais para procurar novos planetas.

Assim, cento e dez anos antes, um grupo de exploradores encontrou Júnior. No anunciaram publicamente a descoberta, porque não desejavam que o planeta fosse invadido por uma turba de especuladores imobiliários, exploradores e elementos indesejáveis. Nos primeiros meses, alguns homens solteiros conseguiram convencer grupos de mulheres a segui-los, e o novo assentamento, pelo menos durante algum tempo, efetivamente floresceu.

Um ano mais tarde, quando alguns já estavam mortos e os outros começavam a adoecer, eles lançaram um apelo para socorro que foi recebido em Pretória, o planeta habitado mais próximo. Naquela época, o governo pretoriano estava passando por uma crise e retransmitiu a mensagem ao governo de Altmark. com isto, Pretória achou que já podia se esquecer do assunto.

O governo de Altmark seguiu a rotina e mandou uma nave médica para Júnior. A nave lançou anti-soros e outros suprimentos. Não aterrissou, porque o oficial médico chegou a diagnosticar gripe à distância e julgou que não havia qualquer perigo. Seu relatório afirmava que os remédios seriam suficientes para cuidar do assunto.

É possível que a tripulação da nave, temendo o contágio, tivesse impedido a aterragem, mas o relatório nada mencionava a este respeito, três meses mais tarde chegou um relatório de Júnior, anunciando que havia apenas dez sobreviventes e que todos estavam à morte. Imploravam ajuda. O relatório foi retransmitido à Terra, junto ao anterior relatório médico. Entretanto, o Governo Central era muito desorganizado naquela época, e os relatórios freqüentemente se perdiam ou eram esquecidos, a não ser que alguém tivesse um interesse pessoal e bastante influência para fazer alguma coisa. Ninguém estava se interessando por um planeta distante e desconhecido, com dez pessoas em ponto de morrer.

O relatório foi arquivado, esquecido e por mais de um século nenhuma criatura humana desembarcou em Júnior. Entretanto, mais uma vez a Galáxia estava à cata de novas terras e as naves cruzavam distâncias enormes, procurando por todos os lados. Começaram a chegar os primeiros relatórios. Alguns eram redigidos por Hidosheki Mikoyarna, que tinha atravessado duas vezes a aglomeração de Hércules (e faleceu durante a segunda aterrissagem que foi mal sucedida. Sua voz foi captada pelo subetérico, enquanto lançava sua mensagem final: "A superfície está se aproximando rapidamente; as paredes da nave estão começando a se avermelhar pela fricção..." e depois, mais nada).

No ano anterior, uma quantidade enorme de relatórios, grande demais para ser analisado por mentes humanas, tinha sido entregue ao computador de Washington, com uma prioridade altíssima, que significava apenas cinco meses de demora. Os operadores analisaram todos os dados relativos à possibilidade de vida, e Abu ben Júnior saiu encabeçando a lista.

Sheffield se lembrava da excitação e do entusiasmo. O sistema estelar foi pomposamente anexado à Galáxia e um rapaz inteligente do Birô das Províncias Externas lançou o nome de Júnior. Todas as virtudes de Júnior foram exaltadas:

sua fertilidade, seu clima (uma primavera da Nova Inglaterra) e, sobretudo, seu enorme potencial para o futuro. Os propagandistas declaravam, sem qualquer pudor ou discrição, que "durante um milhão de anos Júnior ia aumentar suas riquezas, Júnior ficaria sempre mais jovem enquanto a glaciação desaparecia, deixando a descoberto terras novas e férteis. Sempre haveria uma nova fronteira e novas riquezas a serem descobertas". Um milhão de anos!

Foi uma verdadeira obra-prima do Birô. Devia ser o primeiro passo do novo programa de colonização patrocinado pelo governo. Devia ser o início da exploração científica da Galáxia, para um melhor futuro da humanidade.

E depois surgiu Mark Annuncio, entusiasmado como todos os outros, mas que um dia se lembrou de um material encontrado enquanto xeretava entre os documentos do "arquivo morto" do Birô das Províncias Externas. Tinha visto um relatório médico sobre uma colônia num planeta que pertencia a um sistema cuja descrição e posição apresentavam vários pontos de contato com a sistema Lagrange, Sheffield se lembrava muito claramente do dia em que Mark lhe trouxera esta notícia.

Lembrava também da expressão do Secretário para as Províncias Externas quando a notícia lhe foi relatada. Seu queixo caiu e seus olhos revelavam toda a sua preocupação.

O governo estava comprometido! Assumira a responsabilidade de mandar milhões de pessoas para Júnior. Ia distribuir títulos de propriedade de grandes extensões de terras próprias para a lavoura, financiar maquinarias, sementes e fábricas. Júnior era a promessa do paraíso para muitos eleitores.

Entretanto, se Júnior tivesse que se revelar um planeta assassino, isto redundaria num suicídio político para todos os personagens envolvidos no projeto. Tratava-se de personagens muito importantes, entre os quais estava o próprio Secretário para as Províncias Externas.

Depois de muitos dias de pesquisas e de indecisões, o Secretário chamou Sheffield. Disse:

- Ao que parece, teremos que descobrir o que aconteceu e dar alguma explicação no meio da publicidade. Você acha que poderíamos neutralizar os fatos, agindo desta forma?

- Somente se o que aconteceu não é terrível demais.

- Mas isto não pode ser, não é? Quero dizer, qual pode ter sido a causa? –

O Secretário estava extremamente preocupado. Sheffield encolheu os ombros. O Secretário falou:

- Escute. Podemos mandar uma nave com cientistas para examinar o planeta. Serão todos voluntários, e naturalmente cientistas aquilatados. Podemos dar a este projeto a mais alta prioridade, porque o Projeto Júnior é muito importante. Vamos fazer o possível para conservar aqui a situação como ela está, até a volta da nave. Isto poderia dar certo, você não acha?

Sheffield não tinha certeza, mas teve o desejo de acompanhar aquela expedição em companhia de Mark. Poderia assim observar o comportamento de um Mnemônico num ambiente completamente novo, e se Mark pudesse contribuir para resolver o mistério...

Desde o começo, todos achavam que havia algum mistério. Afinal, as pessoas não morrem simplesmente por causa de uma gripe. E a nave médica não

tinha aterrissado, não tinha visto o que estava se passando. O médico responsável falecera há trinta e sete anos - caso contrário o teriam arrastado para uma corte marcial.

Se Mark conseguisse ajudar a resolver o mistério, o Serviço mnemônico ficaria enormemente fortalecido. O Governo teria que mostrar sua gratidão. Mas agora...

Sheffield não sabia se Cimon estava a par de como surgira a história dos primeiros colonos. Sabia, porém, com certeza, que a tripulação ignorava tudo a este respeito.

O Birô não tinha qualquer interesse em divulgar o caso. Entretanto, não seria boa política usar a história para forçar Cimon a fazer concessões. Se a intervenção de Mark, corrigindo a "imbecilidade" do Birô, recebesse uma publicidade exagerada, o Birô ficaria em péssima posição. O Birô sabia como mostrar a sua gratidão, mas também podia ser muito vingativo. Existia a possibilidade de medidas de retaliação contra o Serviço Mnemônico... Ainda assim...

Sheffield tomou sua decisão e se levantou.

- Está bem, Mark. Vou levar você para a locação do assentamento. Iremos juntos. Agora fique aqui e espere por mim, Prometa que não tomará qualquer iniciativa.

- Está bem - respondeu Mark e voltou a se sentar no beliche.

- Sim, Sheffield, o que é que você quer? - perguntou Cimon. O astrofísico estava sentado à escrivaninha, toda coberta de pilhas de papéis e filmes ao redor de um pequeno integrador Macfreed.

Sheffield, sem muita cerimônia, se sentou sobre o beliche de Cimon, Percebeu que Cimon estava irritado, mas nÃo se preocupou. Aliás, achou graça, Disse:

- Não concordo com a sua escolha de cientistas para a expedição, Você escolheu dois homens para a física e três para a biologia. Certo?

- Sim.

- Imagino que você se preveniu para todas as eventualidades.

- Por quê? Pretende fazer alguma sugestão?

- Gostaria de ir também. Por quê? Você não escolheu ninguém para cuidar das ciências mentais.

- As ciências mentais! Pela Galáxia! Sheffield, cinco homens é o máximo que podemos arriscar. Para lhe dizer a verdade, Sheffield, você e seu pupilo foram agregados ao pessoal científico da expedição por ordem expressa do Birô, sem que este me consultasse a respeito. Quero ser franco. Se o Birô tivesse me consultado, eu não teria aprovado a escolha. Não posso ver utilidade de ciências mentais numa expedição deste tipo, cujas investigações são exclusivamente físicas. Lamento que o Birô tenha escolhido esta oportunidade para experiências mnemônicas. Não podemos arriscar outras cenas como a com Rodriguez.

Sheffield chegou à conclusão que Cimon ignorava o papel de Mark em relação à decisão de mandar uma expedição para Júnior. Empertigou-se e falou com fria formalidade:

- Quer dizer que você não consegue entender a função das ciências mentais numa investigação deste tipo. O que diria se eu lhe explicasse que o fim dos primeiros colonizadores poderia ser atribuído a razões psicológicas?

- Isto não me impressiona. Um psicólogo é um homem que pode explicar qualquer coisa, mas nunca consegue provar nada.

Sheffield não se deu por entendido. Disse:

- Permita-me mencionar alguns pomenores, o que distingue entre Júnior e qualquer outro entre milhares de planetas habitados?

- Nossos dados ainda são incompletos. Não posso me pronunciar.

- Ora, vamos! Você já tinha estas informações antes de embarcar. Júnior tem dois sóis.

- Ah, sim. - O astrofísico mostrou-se um pouco contrariado.

- Sóis coloridos, lembre-se. Sabe o que isto significa? Significa que uma criatura humana, quando se encontra debaixo de ambos os sóis, tem duas sombras. Uma sombra verde azulada e a outra vermelha alaranjada. O comprimento de cada uma pode variar, dependendo da hora. Você já verificou o conteúdo cromático daquelas sombras?

- O.. como é que se chama? - o espectro de reflexão?

- Suponho que deve ser o mesmo que os espectros de radiação dos sóis - respondeu Cimon com condescendência. - Onde pretende chegar?

- Você deveria investigar. Você não acha que o ar absorveria parte do comprimento de onda? E a vegetação? Quanto sobra? E vamos considerar a lua de Júnior. Fiquei observando-a nestas últimas noites. Ela também é colorida e as cores mudam de posição.

- É claro que sim, diacho. A lua passa pelas suas fases com ambos os sóis.

- Você não examinou o espectro de reflexão, não é mesmo?

- Está aqui em qualquer lugar. Não tem qualquer interesse. Posso saber por que você se interessa por isto?

- Meu caro Cimon, é um fato psicológico muito bem estabelecido que as cores vermelho e verde exercem um efeito deletério sobre a estabilidade mental. Aqui temos um caso no qual a imagem cromopsíquica vermelha e verde é praticamente inevitável e se apresenta em circunstanciais que são absolutamente anormais para qualquer mente humana. É bem possível que a cromo-psicose possa chegar a níveis fatais, produzindo uma hipertrofia dos folículos trinitários, com uma conseguinte catatonia cerebral.

Cimon ficou impressionado. Disse:

- Nunca tinha ouvido falar nisto.

- Claro que não - concordou Sheffield (era a sua vez de ser condescendente). - Você não é um psicólogo. Tenho certeza que você não duvida de minha opinião profissional.

- Não, de jeito nenhum. Porém, os últimos relatórios feitos pelos colonizadores mostram claramente que eles estavam padecendo de uma doença respiratória.

- É verdade, mas Rodriguez nega isto e você aceitou sua opinião profissional.

- Eu não afirmei que era uma doença respiratória. Disse apenas que parecia ser. E qual é a ligação com aquela cromo-etcétera vermelho-verde que você mencionou?

Sheffield sacudiu a cabeça.

- Vocês leigos não percebem certas coisas. Afinal, quando existe um efeito físico, ele ainda não implica uma causa mental. Minha argumentação mais convincente a respeito da teoria de uma cromo-psicose vermelho-verde está no fato que ela se manifestou pela primeira vez como uma infecção respiratória. Suponho que você não tem familiaridade com a psicogenia.

- Não. Isto exorbita de minha especialidade.

- Sim, claro. Segundo meus cálculos, as condições de maior tensão de oxigênio deste mundo levam a uma inevitável e grave infecção respiratória psicogênica, Por exemplo, você viu a Ilium durante as últimas noites.

- Sim, observei Ilium. - Cimon não se esquecia do nome oficial da lua.

- Suas observações foram demoradas? Através de ampliação?

- Sim. - Cimon parecia não estar muito à vontade.

- Ah - disse Sheffield. - As cores da lua nestas últimas noites, foram especialmente virulentas. Aposto que você já deve ter notado uma pequena inflamação da mucosa de seu nariz e uma leve coceira na garganta. Imagino que isto ainda não chega a ser dolorido. Você espirrou ou tossiu? Tem dificuldade de engolir?

- Acho que... - Cimon experimentou. Respirou fundo. Levantou-se rápido, com punhos cerrados. - Pela Grande Galáxia, Sheffield, você não tinha o direito de silenciar a respeito disto. Agora estou percebendo, O que preciso fazer, Sheffield? Isto tem cura, não é? Raios, Sheffield! - Sua voz tomou-se estridente. - Por que você não falou antes?

- Porque - respondeu Sheffield muito calmo - não existe um pingo de verdade no que eu disse. As cores nunca prejudicaram ninguém. Sente-se, Cimon. Você está começando a ser ridículo.

- Você disse que era sua opinião profissional... - começou Cimon com voz rouca.

- Minha opinião profissional! Pelo espaço e pelos cometas! Cimon, por que você considera esta expressão como algo mágico? Um homem pode mentir ou ser apenas um ignorante, mesmo quando ele afirma algo que se relaciona com sua especialidade. Um especialista pode se enganar, apenas porque desconhece alguns fatos de outra especialidade. Ele pode estar convencido de sua própria verdade, mesmo quando está errado. Olhe para você mesmo. Você acredita saber tudo a respeito do Universo, enquanto eu sei apenas que uma estrela é um corpo celeste que pisca e um ano-luz é um período de tempo muito longo. Entretanto, você aceita qualquer bobagem com termos psicológicos que um estudante logo reconheceria como brincadeira. Você não acredita, Cimon, que chegou o tempo de deixar de lado as sagradas opiniões profissionais, para começarmos a ter um pouco mais de coordenação?

O rosto de Cimon empalideceu gradativamente. Seus lábios tremeram. Murmurou:

- Você se valeu de seu status profissional para me espicaçar.

- Mais ou menos - admitiu Sheffield.

- Nunca... nunca... - balbuciou Cimon. - Nunca vi nada mais covarde e mais desprezível do que você fez.

- Apenas quis lhe dar uma demonstração.

- Conseguiu. Acredite, conseguiu. - Cimon estava se recuperando. - Você quer que eu leve o garoto conosco.

- Certo.

- Não. Não! Definitivamente não! De jeito nenhum.

- Por quê? Qual é o motivo?

- Ele é psicótico. Ele não pode ficar na companhia de gente normal.

Sheffield ficou furioso.

- Gostaria que você não usasse o termo "psicótico", porque lhe falta a necessária competência para usá-lo. Se você faz tamanha questão de ética profissional, lembre-se que não pode opinar sobre assuntos da minha especialidade, em minha presença. Mark Annuncio é absolutamente normal.

- Você quer me convencer, depois daquela cena com Rodriguez? Pois sim!

- Mark tinha direito de fazer perguntas. Fazer perguntas é sua obrigação, sua profissão. Rodriguez não tinha o direito de reagir daquele jeito.

- Se você não se importa, minhas simpatias estão com Rodriguez.

- Por quê? Mark Annuncio sabe mais que Rodriguez. Aliás, sabe mais que você ou eu. Afinal, você quer voltar e fazer um relatório inteligente ou está aqui apenas para satisfazer suas mesquinhas vaidades pessoais?

- Sua opinião a respeito dos conhecimentos do garoto não me impressionam. Sei perfeitamente que ele é um ótimo papagaio. Entretanto, não entende nada. Sei que é minha obrigação deixar que ele assimile os dados, porque foi esta a recomendação do Birô. Eles não me consultaram, mas paciência. Vou cooperar. O garoto poderá receber os dados aqui na nave.

- Não basta - disse Sheffield. - Ele terá que estar presente. Ele pode perceber coisas que seus preciosos especialistas não percebem.

Cimon tomou uma atitude distante.

- Duvido, Sheffield. Minha resposta é não. Nenhum poderá me convencer do contrário. - O nariz do astrofísico estava branco.

- Porque fiz uma brincadeira com você?

- Porque você infringiu as obrigações básicas de qualquer profissional. Nenhum profissional respeitável usaria sua especialidade para ridicularizar um colega de outra especialidade.

- Pois então consegui enganá-lo,

Cimon virou as costas.

- Por favor, saia. Não desejo mais conversar com você além do necessário, durante toda a duração desta viagem.

- Está bem, irei - respondeu Sheffield. - Os outros se divertirão a valer quando eu contar o que aconteceu.

Cimon se assustou.

- Você pretende contar o que aconteceu? Teve um sorriso maldoso: - Você apenas conseguirá mostrar a todo mundo que você é um bastardo.

- Acho que eles não levarão a coisa a sério. Todo mundo sabe que os psicólogos gostam de fazer brincadeiras de vez em quando. Aliás, poderão dar gostosas gargalhadas às suas custas. Sabe como é: o muito importante dr. Cimon

morrendo de medo por causa de uma dorzinha de garganta, provocada pela sugestão.

- Quem acreditaria nisto? - berrou Cimon.

Sheffield ergueu a mão direita. Estava segurando um objeto minúsculo entre o indicador e o polegar.

- Gravador de bolso - explicou. Apertou o controle e a voz de Cimon disse: - Então, qual é o motivo?

O tom era peremptório, pomposo, convencido.

- Entregue-me isto! - Cimon se aproximou com um pulo. Sheffield o manteve à distância. - Não tente me obrigar, Cimon. Até há pouco eu era um lutador amador. Vamos fazer um trato.

Cimon estava ofegando, tentando se controlar e recuperar sua dignidade. Sheffield ainda o mantinha à distância com apenas um braço. Sheffield disse:

- Mark e eu iremos com o grupo e ninguém ficará sabendo a respeito de nossa pequena conversa.

- Você me entregará isto em troca? - ofegou Cimon.

- Quando Mark e eu estivermos na base.

- Você quer que eu confie em você. - O tom era de desprezo.

- Por que não? Você pode confiar que eu vou espalhar isto se você não concordar. Vou cuidar que Vernadsky seja o primeiro a ouvir. Você sabe muito bem que ele possui um senso de humor muito peculiar.

Cimon murmurou em voz baixa:

- Você e o garoto podem vir. - Em voz mais alta continuou: - Lembre-se de uma coisa, Sheffield. Quando voltarmos para a Terra, vou arrastá-lo aos tribunais profissionais. Você perderá seu diploma.

Sheffield observou:

- A Associação Galáctica para o Desenvolvimento das Ciências não me assusta. - Perguntou: - Afinal, você pretende me acusar de que? Pretende entregar esta fita à Comissão Central, como prova? Vamos, pare com isto. Podemos ser amigos. Você não pode espalhar seu... hum... mal-entendido em frente de um agrupamento de tolos.

Sorria amavelmente enquanto saía.

O sorriso desapareceu quando a porta se fechou, Aquela cena fora muito desagradável. Começou a se perguntar se valia a pena ter provocado tamanha inimizade.

Ao lado do assentamento dos antigos colonos se erguiam sete barracas. Nevile Fawkes, parado sobre uma pequena elevação, podia vê-las todas. Tinham chegado todos há uma semana.

Olhou para o céu. Estava coberto de nuvens espessas que prenunciavam a chuva. Ficou satisfeito. As nuvens ocultavam os dois sóis e a luz difusa era branca acinzentada.

A paisagem parecia quase normal.

O vento úmido e frio lhe lembrava o Vermont na primavera. Fawkes era da Nova Inglaterra e gostava disto. Dentro de quatro ou cinco horas Lagrange I ia se deitar e as nuvens assumiriam uma cor avermelhada enquanto a paisagem escurecia. Fawkes pretendia voltar ao acampamento antes disto.

A proximidade do equador não bastava para dissipar o frio. O clima, sem dúvida, mudaria com o correr dos milênios. As geleiras se dissolveriam, o ar ia ficar mais quente e o solo secaria. Apareceriam as florestas e os desertos. O nível dos oceanos aumentaria, fazendo desaparecer muitas pequenas ilhas. Os dois grandes rios se transformariam num mar interno, mudando a configuração do extenso continente de Júnior. Talvez chegaria a se dividir em vários continentes menores.

Podia compreender a pressa da Confederação em encontrar a solução do mistério que envolvia o desaparecimento do primeiro assentamento. Mesmo que afirmassem que o motivo era uma doença simples, precisaria encontrar as provas. Caso contrário, quem poderia colonizar aquele mundo? Todos, não apenas a tripulação, temiam um planeta que poderia se transformar numa armadilha.

Até ele próprio... A primeira visita ao local não lhe provocara reações desagradáveis, mas lembrava-se do alívio ao sair da chuva e do vento. A segunda visita foi pior. Agora encontrava dificuldade ao dormir, porque o pensamento de milhares de falecimentos misteriosos não o deixava tranqüilo.

Com sua frieza profissional, Novee tinha aberto os túmulos de uma dúzia de antigos colonos. (Fawkes não conseguiu olhar para os restos.) Encontrara apenas ossadas decompostas, Novee achou que qualquer análise seria impossível.

- Tenho a impressão que existe uma decomposição anormal dos ossos - observou.

Finalmente admitiu que podia ser o efeito do solo úmido durante um século.

Fawkes era perseguido por uma fantasia, produto de sua própria imaginação. Pensava na existência de uma raça inteligente e evasiva que morava nas profundezas, que poderia ter destruído os colonos, perseguindo-os até a morte.

Pensava numa guerra bacteriológica, Imaginava as criaturas em seus laboratórios subterrâneos, debaixo das raízes das árvores, cultivando suas bactérias. Talvez precisavam capturar crianças para usá-las como cobaias.

Fawkes sabia que tudo isto era fruto de sua imaginação. Era uma estória imaginada durante noites insones, sem qualquer prova. Entretanto, quando ficava sozinho na floresta, virava-se de repente, convencido que olhos agudos estavam a espiá-lo entre as sombras das árvores.

Fawkes não perdia qualquer detalhe da vegetação. Seus olhos de botânico anotavam tudo que viam. Tinha escolhido propositalmente uma direção diferente, mas a vegetação em sua volta era igual. As florestas de Júnior eram ralas e não apresentavam qualquer obstáculo. As árvores eram baixas, de apenas três metros, mas seus troncos eram muito grossos, e havia muito espaço entre um e outro.

Fawkes tinha elaborado um esquema pelo qual catalogava a vegetação de Júnior numa espécie de ordem taxonômica. Compreendia que provavelmente estava estabelecendo as bases de sua própria imortalidade.

Havia uma "árvore-baioneta" escarlate. Suas enormes flores encarnadas atraíam animais parecidos com insetos, que construíam seu ninho no interior das flores. A seguir, por motivos que Fawkes ainda não conseguira apurar, durante uma única noite as flores emitiam um enorme pistilo branco e lustroso, de meio metro, parecido com uma baioneta.

No dia seguinte, a flor ficava fertilizada e as pétalas estavam fechadas - incluindo os pistilos e os insetos. Makoyama, o explorador, tinha chamado esta árvore de "árvore-baioneta", mas Fawkes foi mais além: chegou a catalogá-la como Migrania Fawkesi.

Todas as árvores possuíam uma característica comum. A madeira era extraordinariamente resistente. Os bioquímicos tinham a tarefa de determinar o estado físico das moléculas da celulose e os biofísicos tinham que descobrir como a água podia atravessar a estrutura extremamente resistente das fibras. Fawkes apenas sabia que as flores se quebravam quando colhidas, que os cabos só se dobravam com muita dificuldade e que não era possível quebrá-los. Seu canivete ficou sem gume.

Todos os insetos possuíam duas asas, e as asas pareciam ter plumas. Aparentemente, nenhum inseto se alimentava de sangue. Até aquele dia, o único animal que conseguira ver era uma grande criatura alada que passou repentinamente sobre o acampamento, a grande velocidade.

As fotos, tiradas com filme super-rápido, revelaram a forma da criatura, que possuía quatro asas. Pareciam membranosas e terminavam em garras.

Rodriguez sugeriu a denominação Tetrapterus.

Fawkes parou para observar uma espécie de capim que lhe pareceu novo. Foi então que ouviu um barulho. Ficou na escuta, com o coração batendo. Depois se virou rapidamente.

Uma forma humana e reduzida se ocultou atrás de uma árvore.

Fawkes quase parou de respirar. Procurou o desintegrador e teve a impressão que seu braço estava sem forças.

Era apenas sua imaginação? Ou realmente Júnior possuía vida própria?

Fawkes se postou atrás de uma outra árvore. Sabia que não podia ficar com a dúvida. Não podia dizer aos outros:

- Vi algo que se mexia, mas me assustei e não quis indagar.

Precisava fazer pelo menos uma tentativa.

Atrás da árvore que servia de esconderijo da criatura, havia uma "árvore de cálices" florida. As flores brancas e cremes estavam viradas para cima, à espera da chuva.

Uma flor se quebrou, tilintando, e as pétalas retorcidas caíram para baixo.

Não era sua imaginação. Alguém estava se escondendo atrás da árvore.

Fawkes respirou fundo e saiu de seu esconderijo, segurando o desintegrador, procurando se controlar o suficiente para apertar o gatilho ao menor sinal de perigo.

Uma voz gritou:

- Pare. Sou eu. - Um rosto assustado, mas definitivamente humano, apareceu ao lado do tronco, Era Mark Annuncio, Fawkes parou, surpreso. Finalmente conseguiu perguntar com voz sufocada:

- O que é que você está fazendo aqui?

Mark estava olhando para o desintegrador.

- Eu estava seguindo você.

- Por quê?

- Para ver o que ia fazer. Estava interessado em ver o que você encontraria. Pensei que você me visse, me mandaria embora.

Fawkes percebeu que ainda estava segurando a arma e a guardou. Teve que fazer três tentativas antes de conseguir colocá-la no coldre.

As primeiras gotas de chuva começaram a cair entre as árvores. Fawkes falou em tom rude:

- Não diga nada aos outros.

Lançou um olhar hostil a Mark e ambos voltaram ao acampamento em silêncio.

Um galpão pré-fabricado se erguia agora ao lado das sete barracas e o grupo se encontrava em seu interior, sentado em volta da mesa.

O momento era solene, mas não havia alegria. Vernadsky, que sabia cozinhar desde os seus tempos de faculdade, estava cuidando de tudo. Tirou a panela do aquecedor de ondas curtas e perguntou:

- Alguém quer calorias?

Começou a distribuir o picadinho nos pratos,

- O cheirinho é muito gostoso - observou Novee com ar de dúvida.

Espetou um pedacinho de carne com o garfo, Sua cor era arroxeada e parecia resistente, apesar de cozida. As verduras em volta possuíam uma aparência mais tenra, mas não agradável.

- Muito bem - disse Vernadsky. - Podem comer. Coloque isto na boca. Eu já experimentei e é bom.

Colocou uma garfada na boca e começou a mastigar. Mastigou por muito tempo.

- É meio resistente, mas saboroso.

Fawkes observou desanimado:

- Provavelmente será a causa de nossa morte,

- Você é doido - disse Vernadsky. - Os ratos estão se alimentando disto há duas semanas.

- Duas semanas não bastam - disse Novee.

Rodriguez observou:

- Um bocado não vai me matar. Ora, mas isto é bom.

Era realmente gostoso. Todos concordaram. Parecia que os vegetais comestíveis de Júnior eram mesmo saborosos. Os cereais só podiam ser moídos com muita dificuldade, mas a farinha assim obtida servia para preparar um pó rico em proteínas. E era gostoso.

Fawkes estudara as gramíneas de Júnior e chegara à conclusão que um hectare de terra em Júnior, plantada e irrigada, poderia alimentar dez vezes mais animais que a mesma quantidade de pasto na Terra.

Sheffield parecia impressionado e logo começou a dizer que Júnior poderia se transformar no celeiro de cem mundos, Fawkes encolheu os ombros. Disse:

- É apenas uma armadilha.

Há uma semana, o grupo ficara interessado ao ver que os hamsters e os ratos brancos se recusavam a aceitar um certo número de plantas trazidas por Fawkes. Uma pequena quantidade destas ervas, misturadas com ração normal, matou os animais assim alimentados. Por quê?

Vernadsky trouxe o resultado das análises depois de algumas horas. Falou apenas:

- Cobre, chumbo e mercúrio.

- O quê?

- As plantas. Contêm uma alta porcentagem de metais pesados. Provavelmente trata-se de um desenvolvimento evolucionário para evitar sua ingestão.

- Os primeiros colonos... - começou Cimon.

- Não. Isto é impossível. A maioria das plantas é inócua. São apenas estas e ninguém sonharia em comê-las,

- Como é que você sabe? Os ratos logo perceberam.

- Mas são apenas ratos.

Vernadsky já estava esperando por isto.

- Em sua frente está um modesto mártir da ciência. Experimentei estas plantas.

- O quê? - berrou Novee.

- Só dei uma lambidinha. Não precisa se preocupar. Sou um mártir cuidadoso. De qualquer forma, as plantas são mais amargas que estricnina. O que é que vocês queriam? Quando uma planta está cheia de chumbo para evitar que os animais a comam, o que adiantaria deixar que os animais descobrissem isto, comendo-a de qualquer jeito, para depois morrer? Um pouco de amargor já serve para afastá-los.

- De qualquer maneira - disse Novee - os colonos não morreram envenenados por metais pesados. Não existe qualquer indicação para isto.

Todos conheciam os sintomas, alguns na terminologia apropriada e outros em termos leigos, Dificuldades de respiração que pioravam a olhos vistos. Tinha sido apenas isto.

Fawkes largou o garfo.

- Escutem: afinal, estas plantas podem conter algum alcalóide que poderia paralisar os nervos que controlam os músculos dos pulmões.

- Os ratos também possuem pulmões - disse Vernadsky. - Os ratos estão vivos.

- Talvez o efeito seja cumulativo.

- Está bem, está bem! Se alguém perceber que sua respiração se torna difícil, pode voltar a comer as rações da nave, para ver se melhora. Mas nada de sintomas psicossomáticos: isto não vale.

Sheffield grunhiu:

- Isto é comigo. Não se preocupe.

Fawkes respirou fundo duas vezes e depois tomou mais um pedacinho de carne. Em um outro ponto da mesa Mark Annuncio estava comendo devagar, enquanto se lembrava da monografia de Norris Vinograd sobre "Paladar e Cheiro". Vinograd fizera uma classificação de paladares e cheiros baseada no sistema de inibição enzimática no interior das papilas. Annuncio não compreendia o sentido exato, mas lembrava os símbolos, os valores e as definições descritivas.

Terminou de comer enquanto catalogava três subclassificações do paladar. Sentia uma leve dor nas maxilas por ter mastigado com muita força.

A noite já estava se aproximando e Lagrange I já estava muito baixo, O dia tinha sido claro e razoavelmente morno. Boris Vernadsky se sentia satisfeito. Conseguira tomar medições interessantes e seu blusão espalhafatoso tinha registrado interessantes variações de colorido de hora em hora.

Sua sombra, naquele instante, era muito comprida e vermelha, com a ponta extrema levemente acinzentada, no ponto de coincidência com a sombra provocada por Lagrange II A três metros, havia um pouco de laranja, e a um metro e meio, na mesma direção, uma listra azul levemente mais densa. Se tivesse um pouco de tempo, poderia elaborar uma linda série de sombrogramas.

Sentiu-se a tal ponto satisfeito que não provou qualquer irritação ao ver Mark Annuncio a uma certa distância. Largou seu nucleômetro e agitou uma mão.

- Eii, venha cá!

O rapaz se aproximou, desconfiado.

- Olá.

- Está à procura de algo?

- Não. Apenas... observando.

- É mesmo? Pois observe. Sabe o que estou fazendo?

Mark sacudiu a cabeça.

- Este é um nucleômetro - explicou Vernadsky. - Deve ser colocado no solo, assim. Possui um gerador de campo de força em seu topo, para poder penetrar até as rochas. - Apoiou todo seu peso no instrumento que penetrou meio metro na pedra. - Está vendo?

Mark ficou fascinado e Vernadsky ficou ainda mais satisfeito. Continuou:

- Fornalhas atômicas microscópicas se encontram embutidas nos lados do unípede, e cada uma consegue vaporizar um milhão de moléculas ou mais de rocha, reduzindo-as a átomos. Estes átomos são diferenciados em termos de massas e carga nuclear, e o resultado aparece logo aqui, nos controles. Você entende tudo isto?

- Não tenho certeza, mas é bom ouvir estas coisas.

Vernadsky sorriu e disse:

- No fim, Ganhamos os valores dos diferentes elementos da crosta. Em todos os planetas de água e oxigênio, o procedimento é o mesmo.

Mark disse, muito sério:

- O planeta com maior quantidade de silicone que eu sei, é Lepta, com 32.765 por cento. A Terra tem apenas 24.862 por cento. Quero dizer, por peso, Vernadsky parou de sorrir. Perguntou, seco:

- Você conhece os valores de todos os planetas, companheiro?

- Não, Nem poderia. Acredito que nem todos os planetas foram analisados. O "Manual das crostas planetárias" de Bischoon e Spenglow registra apenas os valores de 21.854 planetas. Sei os valores de todos eles, é claro.

Vernadsky estava perdendo seu entusiasmo. Disse:

- Júnior possui uma distribuição mais equilibrada de elementos quanto podemos encontrar em geral. O oxigênio é baixo. Até agora, minha média é de apenas 43.113. O mesmo vale para o silicone que é de 22.722. Os metais pesados têm uma concentração de dez a cem vezes mais que a Terra. Não se trata apenas de um fenômeno local, porém, porque a densidade geral de Júnior é 5 por cento mais elevada que a da Terra.

Vernadsky não sabia ao certo por que estava dizendo estas coisas. Em parte, era porque achava ótimo ter alguém para ouvi-lo. Um homem acaba por se sentir frustrado quando não há ninguém de sua especialidade que possa escutá-lo. Continuou como se estivesse dando uma aula:

- Os elementos leves também estão distribuídos de maneira equilibrada. Os sólidos do oceano não são prevalentemente de cloreto de sódio, como na Terra. O oceano de Júnior contém uma boa dose de sais de magnésio. E considere os elementos raros, como o lítio, o berílio e o barônio. Eles são mais leves que o carbono, mas na Terra e nos outros planetas são realmente raros. Júnior tem uma fartura destes elementos. Os três somam quase quatro décimos de um por cento na crosta, em comparação cor, apenas quatro milésimos da Terra.

Mark puxou sua manga.

- Você tem uma lista dos valores que se referem a estes elementos? Posso vê-los?

- Por que não? - Vernadsky apanhou um papel dobrado no bolso.

Ficou com vontade de gargalhar quando entregou o papel a Mark e disse:

- Mão publique estes valores antes que eu o faça. Mark correu os olhos pelo papel e depois o devolveu.

- Você já terminou? - perguntou Vernadsky estupefato.

- Sim - respondeu Mark, pensativo. - Já peguei. - Virou as costas e se afastou sem uma palavra.

O último clarão de Lagrange I desapareceu debaixo do horizonte.

Vernadsky ficou observando Mark que estava se afastando e encolheu os ombros. Puxou o nucleômetro do chão e começou a caminhar em direção ao acampamento.

Sheffield sentia-se mais tranqüilo. Mark estava se comportando melhor de quanto esperava. Na realidade, quase não falava, mas isto não significava nada. Pelo menos, parecia interessado e não ficava fazendo beicinho. E não fazia cenas.

Vernadsky estava lhe explicando que na noite anterior Mark tinha conversado com ele de maneira muito normal, sem levantar a voz, sobre as análises da crosta terrestre.

Vernadsky achava muito engraçado que Mark conhecesse de cor as análises das crostas de vinte mil planetas e disse que qualquer dia pediria ao garoto para dize-las todas, só para ver quanto tempo levaria.

Mark não tinha feito qualquer comentário a respeito. Aliás, tinha ficado durante toda a manhã em sua barraca, Sheffield observou que estava imóvel, sentado sobre a cama, fitando os pés.

Sheffield achava que realmente precisava de um coisa: precisava de uma idéia brilhante para si próprio. Até agora, todas as tentativas pareciam inúteis. Um mês de trabalho sem qualquer resultado. Rodriguez continuava contrário a qualquer sugestão de infecção. Vernadsky excluía a possibilidade de intoxicação alimentar. Novee sacudiu a cabeça, negando a possibilidade de perturbações metabólicas.

- Onde estão as provas? – perguntava sem parar.

Na realidade, os especialistas estavam excluindo qualquer causa física. Entretanto, os homens, as mulheres e as crianças tinham desaparecido. Devia existir um motivo. Poderia ser psicológico?

Tinha brincado com Cimon a este respeito, mas agora estava na hora de considerá-lo uma possibilidade. Os colonos poderiam ter se suicidado? Por quê?

A humanidade colonizara dezenas de milhares de planetas sem que isto afetasse seriamente sua estabilidade mental. De fato, a incidência de suicídios e de psicoses era muito mais alta na Terra que em qualquer outro planeta da Galáxia.

Além do mais, os colonos tinham pedido socorro. Repetidamente. Eles não queriam morrer.

Desorganização da personalidade? Algo peculiar naquele grupo? E poderia ser o suficiente para afetar milhares de pessoas? Improvável. E como poderia encontrar as provas? O local do assentamento estava desprovido de filmes ou coisas assim. Um século de chuvas e de umidade tinha acabado com qualquer prova possível.

Estava com a impressão de trabalhar no vácuo. Sentia-se indefeso. Os outros, pelo menos, possuíam dados, alguma coisa para começar. Voltou à barraca de Mark, entrou e viu que estava vazia. Procurou ao redor e vislumbrou Mark ao longe, caminhando para a floresta. Chamou-o:

- Mark! Espere por mim!

Mark parou, fez menção de continuar mas acabou por esperar por Sheffield. Sheffield disse:

- Para onde vai?

Mark respondeu mal-humorado:

- Vou até o bote.

- Para quê?

- Nunca tive tempo de examiná-lo demoradamente.

- Não diga isto. Quando estávamos voando para cá, você estava observando Fawkes feito um gavião.

Mark franziu a testa.

- Mas havia tanta gente. Quero ver com calma.

Sheffield ficou preocupado. O garoto parecia estar de mal humor. Decidiu acompanhá-lo para descobrir os motivos, Disse:

- Pensando melhor, eu também gostaria de ver o bote. Você não se importa?

Mark hesitou, mas disse:

- Como quiser. - Não era exatamente um convite.

Sheffield perguntou:

- O que é isto que você está levando?

- Um galho de árvore. Consegui cortá-lo com a serra vibratória. Quero ficar com ele, para o caso de alguém querer me mandar parar. - Movimentou sua bengala improvisada fazendo-a assoviar no ar.

- Por que alguém deveria querer que você parasse, Mark? Jogue fora esse galho. É muito pesado e duro. Você poderia machucar alguém.

Mark continuou a caminhar.

- Não pretendo jogá-lo fora. Sheffield refletiu e chegou à conclusão que era preferível evitar uma discussão. Precisava primeiro descobrir os motivos que provocaram tamanha hostilidade.

- Está bem - concordou.

O bote se encontrava numa clareira e sua superfície lustrosa refletia luzes esverdeadas. (Lagrange 11 ainda não estava no céu.) Mark olhou ao redor com muita atenção.

- Não tem ninguém por aqui, Mark - disse Sheffield.

Subiram no bote. Tinha um bom tamanho. Conseguira transportar os sete homens e todo o equipamento em apenas três viagens. Sheffield admirou os controles e ficou fascinado. Disse:

- Imagine, um botânico como Fawkes conseguiu aprender a manobrar tudo isto. É algo muito afastado de sua especialidade,

- Eu também consigo manobrá-lo - afirmou Mark. Sheffield ficou surpreso. - É mesmo?

- Observei o dr. Fawkes durante a viagem. Sei fazer tudo o que ele fez. Ele também tem um manual para consertos, Um dia chegarei a lê-lo todo.

Sheffield observou, sem dar muita importância:

- Que ótimo. Assim teremos um navegador espacial a mais, para casos de emergência, - Virou-se para o outro lado e não percebeu que Mark erguia sua bengala improvisada. Quando caiu, não ouviu Mark exclamar: - Sinto muito, dr. Sheffield. - Aliás, para dizer a verdade, nem percebeu a violenta pancada que levou na cabeça.

Mais tarde Sheffield chegou à conclusão que sua consciência começou a voltar durante a brusca aterrissagem do bote. Sentiu apenas uma dor indistinta, sem compreender qualquer coisa.

Sua primeira sensação foram as palavras de Mark que pareciam flutuar em sua volta. Quando tentou se virar e se ajeitar melhor, sentiu a cabeça latejando. Mark estava gritando em tons estridentes:

- ... mais de mil pessoas e todas morreram.

Só existem túmulos. E ninguém sabe por que. Sheffield ouviu uma vibração profunda e não compreendeu o que era. Uma voz áspera e profunda. Mais uma vez ouviu Mark.

- Mas é verdade. Por que você acha que todos os cientistas estão a bordo?

Sheffield conseguiu se levantar com um esforço terrível e se apoiou na parede. Levou a mão até a cabeça e viu que seus dedos estavam manchados de sangue. Seus cabelos estavam empapados de sangue. Gemeu enquanto se aproximava da porta, cambaleando. Encontrou o trinco e puxou.

Quando a porta se abriu, percebeu que a rampa de desembarque estava abaixada. Ficou parado, cambaleando.

Conseguia ver tudo, mas aos poucos. Ambos os sóis estavam no céu. A trezentos metros se erguia o enorme cilindro de aço que era o G. Tríplice, dominando as árvores pequenas e retorcidas.

Mark se encontrava ao pé da rampa, no meio de um semicírculo de tripulantes. Os homens estavam a torso nu, intensamente bronzeados pelos raios ultravioletas de Lagrange I. (A atmosfera muito densa e a espessa camada de ozônio da atmosfera permitiam manter os raios ultravioletas dentro de limites aceitáveis.)

O tripulante que se encontrava logo em frente a Mark estava se apoiando num bastão de beisebol. Um outro estava brincando com uma bola. Outros usavam luvas.

Que esquisito, pensou Sheffield, Mark conseguiu aterrissar num estádio. Mark olhou para cima e o viu. Gritou, excitadíssimo:

- Está bem, podem perguntar a ele. Vamos, dr. Sheffield, diga a eles: já existiu uma colônia neste planeta, e todos morreram misteriosamente. Diga que é verdade.

Sheffield queria dizer:

- Mark, o que você está dizendo? - mas só conseguiu gemer.

O tripulante que segurava o bastão perguntou: - O garoto está dizendo a verdade?

Sheffield estava se agarrando ao corrimão com ambas as mãos suadas. O rosto do tripulante pareceu ondular. O rosto parecia ter lábios grossos e olhos diminutos, debaixo de espessas sobrancelhas. A ondulação se repetiu.

De repente, toda a rampa pareceu se erguer, girando em volta de sua cabeça. Suas mãos estavam inexplicavelmente se agarrando no chão. Num lado de seu rosto sentia uma dor fria. Parou de lutar e perdeu os sentidos.

Quando acordou pela segunda vez, as circunstâncias eram mais agradáveis. Estava na cama e dois rostos indistintos se debruçavam sobre ele, Um objeto fino e comprido passou em seu campo visual e uma voz interferiu no zunido contínuo em seus ouvidos:

- Ele está voltando, Cimon.

Sheffield fechou os olhos. Teve a sensação que sua cabeça estava coberta por ataduras. Ficou imóvel, respirando profundamente. Quando voltou a abrir os olhos, os rostos já possuíam contornos firmes. Um era o rosto redondo de Novee, de sobrancelhas franzidas, que se ergueram quando Sheffield falou:

- Olá, Novee.

O outro homem era Cimon. Sua expressão era de raiva, mas também de satisfação. Sheffield perguntou:

- Onde estamos?

O tom de Cimon era frio.

- Estamos no espaço, Sheffield. No segundo dia de viagem.

- O segundo dia de... - Sheffield arregalou os olhos.

Novee interferiu:

- Você teve uma concussão, quase uma fratura de crânio. Fique calmo, Sheffield.

- Mas o que aconteceu?... Onde está Mark? Onde está Mark?

- Calma, calma. - Novee colocou as mãos nos ombros de Sheffield e o obrigou a ficar deitado.

Cimon disse:

- Seu garoto está preso. Caso você queira saber por que, ele provocou o amotinamento da tripulação, colocando em risco a segurança de todos. Quase ficamos abandonados em nossa base temporária, porque a tripulação não queria ficar nem ao menos o tempo suficiente para que pudéssemos chegar. O Capitão conseguiu convencê-los com muito esforço.

Sheffield começou a se lembrar, vagamente. Teve uma rápida imagem de Mark junto a um homem que segurava um bastão, Mark estava dizendo:

- ... mil colonos... mortos...

O psicólogo conseguiu se erguer sobre um cotovelo, com muito cuidado e bastante esforço.

- Escute, Cimon. Não sei por que Mark agiu assim, mas preciso falar com ele. Vou descobrir o motivo.

Cimon disse:

- Não é necessário, Vamos descobrir tudo durante o processo.

Sheffield tentou afastar o braço de Novee.

- Por que você insiste nesta formalidade? Por que deseja envolver o Birô? Podemos resolver tudo isto entre nós.

- Pretendemos fazer isto mesmo. Pelas leis do espaço, o Capitão tem plenos poderes para processar crimes.

- O Capitão? Vocês querem fazer um processo aqui? Na nave? Cimon, você não pode deixá-lo. Será um verdadeiro assassinato.

- De jeito nenhum. Será um processo regular. Concordo plenamente com o Capitão. É uma questão de disciplina.

Novee interferiu:

- Escute, Cimon. Gostaria que você não insistisse. Ele não está em condições para agüentar isto.

- Pior para ele - disse Cimon.

Sheffield falou:

- Você não entende. Sou responsável pelo garoto.

- Muito pelo contrário, compreendo perfeitamente - respondeu Cimon. - É por isto que esperamos até você recobrar os sentidos. Você será processado junto com o garoto.

- Você é louco!

- Você é responsável pelos seus atos, num sentido geral. Especificamente, você é responsável porque estava com o garoto quando este roubou o bote. A tripulação viu você na porta do bote enquanto o garoto incitava os homens a se amotinarem.

- Mas ele me deu uma pancada na cabeça para poder roubar o bote. Será que você não entende que isto prova que sua mente está perturbada? Ele não pode ser considerado responsável.

- Sheffield, vamos deixar esta decisão com o Capitão. Fique com ele, Novee. - Virou-se para sair.

Sheffield gritou:

- Cimon, você está agindo assim para se vingar pela lição de psicologia que eu lhe dei. Você é um sujeito mesquinho ... baixo ...

Deixou-se cair sobre o travesseiro. Estava sem fôlego.

Cimon parou ao lado da porta.

- Sheffield, esqueci-me de explicar que a penalidade para incitamento e motim é a morte.

Era realmente uma espécie de processo, pensou Sheffield, furioso. Ninguém se preocupava em seguir os procedimentos legais, mas por outro lado, pensou o psicólogo, ninguém devia realmente conhecer o procedimento legal correto, e o Capitão, menos que os outros.

Estavam todos na grande sala de reuniões que, nas viagens normais, servia à tripulação para assistir a espetáculos subetéricos. Naquele momento, a tripulação estava ausente, mas todos os cientistas se encontravam na sala.

O Capitão Follenbee estava sentado atrás de uma escrivaninha, logo debaixo do tubo subetérico. Sheffield e Mark Annuncio estavam sentados à sua esquerda.

O Capitão parecia muito à vontade. Interrogava as "testemunhas” e de repente berrava contra os espectadores que ousavam murmurar entre si.

Sheffield e Mark tinham se encontrado pela primeira vez no "tribunal" improvisado e Sheffield tomara a iniciativa, estendendo a mão ao garoto. Mark parecia indeciso. Olhou para as ataduras na cabeça de Sheffield.

- Dr. Sheffield, sinto muito. Realmente, sinto muito.

- Está certo, Mark. Você foi bem tratado?

- Acho que sim,

O Capitão berrou:

- Silêncio. Os acusados estão proibidos de conversar.

Sheffield respondeu em tom de conversa:

- Escute, Capitão, não temos advogados. Não tivemos tempo de preparar nosso caso.

- Vocês não precisam de advogados - gritou o Capitão. – Este não é um processo num tribunal terrestre. É apenas uma investigação do Capitão. É diferente. Estou interessado em conhecer os fatos, e não em artimanhas legais. O processo poderá ser revisto na Terra.

- E ambos poderemos já estar mortos - retrucou Sheffield.

- Vamos continuar - disse o Capitão, batendo na mesa com uma régua de alumínio.

Cimon estava sentado na primeira fila, com um sorriso maldoso nos lábios. Sheffield desconfiava dele mais que dos outros. O sorriso de Cimon não mudou enquanto eram chamadas as testemunhas, que declararam saber que a tripulação não deveria ser informada a respeito do propósito da viagem, e que Mark e Sheffield estavam presentes quando todos receberam esta instrução. Um micólogo declarou ter conversado com Sheffield a este respeito, e que o psicólogo conhecia muito bem os motivos da proibição.

Alguém afirmou que Mark ficara doente e acamado durante quase toda a viagem, e que depois da aterragem seu comportamento era estranho.

- Como explica isto? - perguntou o Capitão.

A voz fria de Cimon respondeu:

- Ele estava assustado. Teria feito qualquer coisa para ir embora deste planeta.

Sheffield se levantou.

- Esta observação é tendenciosa e irregular. Ele não é uma testemunha.

O Capitão bateu a régua na mesa.

- Sente-se.

O processo continuou. Um membro da tripulação foi chamado para testemunhar que Mark tinha informado a todos a respeito da primeira expedição, e que Sheffield se encontrava na porta da cabine do bote enquanto Mark falava.

Sheffield berrou:

- Desejo um contra-interrogatório!

O Capitão disse:

- Mais tarde.

O tripulante saiu.
Sheffield analisava as expressões dos cientistas presentes. Era óbvio que eles não simpatizavam com o Capitão. Sheffield era suficientemente psicólogo para adivinhar que, mesmo nesta circunstância, muitos estavam satisfeitos e aliviados por estar se afastando de Júnior, e deviam se sentir gratos a Mark por ter provocado a partida.
Além disso, ninguém gostava daquele tribunal improvisado. Vernadsky mantinha a testa franzida e Novee observava Cimon com óbvia repugnância. Sheffield se preocupava por causa de Cimon. Pressentia que o homem conseguira convencer o Capitão a agir daquela forma e que ia insistir para conseguir a penalidade máxima. Sheffield estava amargamente arrependido por ter ferido a vaidade patológica do indivíduo.
Também ficara estupefato pela atitude de Mark. O garoto não mostrava qualquer sinal de doença do espaço. Ouvia atentamente tudo e se mantinha impassível. Parecia não se importar com qualquer coisa, como se soubesse algo tão importante, que todo o resto ficava em segunda linha.
O Capitão bateu a régua e declarou:
- Acho que já sabemos tudo. Os fatos estão claros. Não existe qualquer dúvida. Vamos concluir.
Sheffield interferiu:
- Espere um minuto. Agora é nossa vez.
- Cale a boca - disse o Capitão. .
- Você cale a boca. - Sheffield se virou para a assistência. – Escutem. Não tivemos qualquer oportunidade para nos defender. Não tivemos sequer o direito de contra-interrogatório, Vocês acham que isto é justo?
Os cientistas murmuraram, apesar dos golpes de régua do Capitão.
Cimon perguntou friamente:
- Que defesa vocês podem ter?
- Talvez nenhuma - berrou Sheffield. - Neste caso, vocês não têm nada a perder. Ou será que vocês estão com medo de nos ouvir?
Os cientistas começaram a se manifestar.
- Deixe que falem! Cimon encolheu os ombros.
- Está bem.
O Capitão perguntou, mal-humorado:
- O que você quer fazer?
- Vou ser meu próprio advogado e vou chamar Mark Annuncio como testemunha.
Mark se levantou, muito calmo. Sheffield virou sua cadeira em direção à assistência e mandou que sentasse. Sheffield decidiu que não valia a pena imitar procedimentos legais e entrou diretamente no assunto. Disse:
- Mark, você sabia o que poderia acontecer se você informasse a tripulação a respeito da primeira expedição?
- Sim, dr. Sheffield.
- Por que você agiu desta forma?
- Porque era importante que todos se afastassem de Júnior o mais depressa possível. Informar a tripulação era o meio mais rápido para conseguir meu propósito.

Sheffield percebeu que a resposta provocava uma reação desfavorável entre os cientistas. Mas só podia seguir seu instinto de psicólogo, que sugeriam que Mark possuía alguma informação especial, Perguntou:

- Por que era tão importante que todos saíssem de Júnior?

Mark ficou firme. Fitou os cientistas com muita calma.

- Porque sei a causa da morte dos colonos da primeira expedição, e era apenas uma questão de tempo. Também poderíamos todos morrer pelo mesmo motivo. Talvez até já seja tarde demais. É possível que estejamos todos morrendo.

Sheffield esperou que os cientistas se acalmassem, o Capitão parecia chocado. O sorriso de Cimon estava esmaecendo. Sheffield descobriu que estava menos preocupado com o que Mark sabia, e muito mais pelo fato dele ter agido de forma independente. Perguntou:

- Por que você não me consultou a respeito?

Mark gaguejou:

- Sabia que o senhor não ia acreditar. Foi por isto que tive que lhe dar uma pancada na cabeça. Ninguém teria acreditado. Todos me odiavam.

- Por que você pensa que todos o odiavam?

- Você se lembra do incidente com o dr, Rodriguez,

- Isto aconteceu há muito tempo. Os outros não brigaram com você.

- Mas eu podia ver como o dr. Cimon olhava para mim. E o dr. Fawkes queria atirar em mim com o seu desintegrador.

- O que? - Sheffield esqueceu qualquer formalidade. - Fawkes, é verdade que você fez isto?

Fawkes se levantou com o rosto avermelhado, enquanto todos o observavam. Disse:

- Eu estava na floresta e ele me seguiu. Pensei que era algum animal e saquei meu desintegrador. Quando vi que era ele, guardei a arma.

Sheffield olhou para Mark.

- Isto é verdade?

- Bom... Pedi ao dr. Vernadsky para ver alguns dados, e ele me disse para não publicá-los antes que ele o fizesse. Falou como se eu fosse desonesto.

- Pelo amor da Terra, eu estava apenas brincando! - berrou Vernadsky.

Sheffield falou depressa:

- Escute, Mark, você não confiou em nós e achou que devia tomar uma iniciativa. Vamos ao assunto. O que foi que matou os primeiros colonos?

Mark disse:

- É possível que a mesma coisa afetou também Makoyama, mas como ele morreu numa aterrissagem dois meses e três dias depois de sair de Júnior, nunca saberemos com certeza.

- Está bem, mas o que foi, afinal?

Todos ficaram em silêncio. Mark ergueu os olhos e disse:

- A poeira.

Todos caíram numa gargalhada. Mark enrubesceu. Sheffield perguntou:

- O que significa isto?

- O pó! A poeira no ar! A poeira contém berílio. Pergunte ao dr. Vernadsky!

Vernadsky se levantou e deu alguns passos para frente.

- O que é isto?
- Pois é - disse Mark. - Estava nos dados que você me mostrou. A crosta tem um alto teor de berílio, daí o berílio deve estar também na poeira do ar.
Sheffield perguntou:
- E daí? Por favor, Vernadsky, deixe-me fazer as perguntas.
- Intoxicação de berílio, é isto que eu quis dizer. Quando a gente respira pó de berílio, granulomas incuráveis começam a se formar nos pulmões. A gente não consegue mais respirar e morre.
Mais uma voz se levantou na confusão.
- O que é isto que você está dizendo? - Era Novee. - Você não é médico.
- Eu sei - respondeu Mark, sério. - Mas uma vez eu li um livro muito antigo que tratava de venenos. Era tão antigo que ainda era de papel. A biblioteca tem alguns destes livros, e eu os li porque para mim era uma novidade, entende?
- Está bem - disse Novee. - O que foi que você leu? Pode me repetir o trecho?
Mark ergueu a cabeça.
- Posso repetir tudo, palavra por palavra. "Uma variedade surpreendente de reações enzimáticas podem ser ativadas no corpo por um grande número de íons bivalentes metálicos de raio iônico similar. Entre estes estão os íons de magnésio, de manganês, de zinco, de cobalto e de níquel, e outros mais. O íon de berílio, que possui carga e tamanho similares, age contra todos estes como inibidor. O berílio, por conseguinte, serve para desorganizar uma série de reações catalisadas por enzimas. Como, aparentemente, os pulmões não possuem a possibilidade de expelir o berílio, a inalação de poeira que contém certos sais de berílio pode provocar doenças graves e até a morte. Existem casos nos quais uma única inalação redundou em morte. O início dos sintomas é insidioso, porque às vezes não se manifesta por mais de três anos. Os prognósticos não são favoráveis".
O Capitão se debruçou sobre a mesa, agitado:
- Novee, o que é isto? Isto faz algum sentido?
Novee respondeu:
- Não sei se ele está certo ou errado, mas não há nada de absurdo no que ele está dizendo.
Sheffield falou com energia:
- Você quer dizer que não sabe se o berílio é ou não venenoso.
- Não, não sei - disse Novee. - Nunca li nada a respeito. Nunca ouvi falar num caso qualquer.
- O berílio tem alguma aplicação? - Sheffield fitou Vernadsky. Vernadsky pareceu surpreso. - Não, diacho, ninguém usa berílio. Mas posso lhe dizer uma coisa. Antigamente, nos primórdios da era atômica, o berílio era usado nas pilhas atômicas primitivas como desacelerador de nêutrons, junto a outros elementos, como parafina e grafite. Tenho quase certeza disto
- Mas agora ninguém mais usa berílio? - insistiu Sheffield.
- Não.
Um especialista em eletrônica falou em voz baixa:
- Tenho a impressão que as primeiras lâmpadas fluorescentes possuíam uma camada de berílio e zinco. Eu me lembro de algo assim.

- Mas não é mais usado? - perguntou Sheffield.
- Não.
Sheffield falou:
- Ouçam, todos vocês. Em primeiro lugar, quando Mark cita trechos, sua citação é perfeita. Ele citou exatamente as palavras do livro. Acredito que o berílio é um veneno. Em nossa vida normal, isto não tem importância, porque o conteúdo de berílio do solo é baixíssirno. Mas quando o berílio foi concentrado para uso em pilhas nucleares, ou ligas, ou lâmpadas fluorescentes, ele se tornou tóxico e foi substituído. Quando os homens descobriram os substitutos, se esqueceram do berílio e também do veneno. Então, desembarcamos num planeta especialmente rico em berílio, como Júnior, e ninguém conseguiu entender o que foi que matou os colonos.
Cimon parecia não escutar. Perguntou em voz baixa:
- O que significa, os prognósticos não são favoráveis?
Novee falou, meio distraído:
- Significa que se você tem uma intoxicação de berílio, você não poderá se recuperar.
Mark falou:
- Posso lhe dar a lista completa. Não entendo o significado das palavras, mas posso...
- Uma destas palavras é dispnéia?
- Sim.
Novee suspirou.
- Eu digo, vamos voltar à Terra o mais depressa possível, para que possamos ser examinados minuciosamente.
Cimon sussurrou:
- Para quê? Ninguém poderá se recuperar.
Novee retrucou:
- A medicina progrediu bastante desde os dias dos livros feitos de papel. Além disso, é possível que não inalamos uma dose mortal, os primeiros colonos sobreviveram por mais de um ano em Júnior. Ficamos apenas um mês, graças à iniciativa decidida e rápida de Mark Annuncio.
Fawkes, com o rosto distorcido, berrou:
- Pelo espaço, Capitão, saia já daqui e leve esta nave até a Terra!
O processo estava praticamente encerrado. Sheffield e Mark saíram da sala de reuniões. Cimon foi o último a se levantar da cadeira. Começou a caminhar, cambaleando.

O Sistema Lagrange era apenas uma estrela perdida entre as muitas da aglomeração que se afastava sempre mais. Sheffield olhou para aquela mancha luminosa e disse:
- Um planeta tão lindo. - Suspirou: - Espero que vivamos todos. De qualquer maneira, o governo agora saberá que é necessário se precaver, e evitar os planetas ricos em berílio. A humanidade nunca mais cairá numa armadilha igual.
Mark não ficou sensibilizado ao ouvir isto. O processo estava encerrado. Toda a excitação sumira. Mark tinha os olhos cheios de lágrimas. Só conseguia pensar na possibilidade de estar doente e ter que morrer: e se tivesse que morrer,

nunca mais poderia aprender as coisas, muitíssimas coisas que desejava aprender a respeito de todo o Universo.

Outros Títulos do Gênero:

O FUTURO COMEÇOU	- Isaac Asimov
NÓS, OS MARCIANOS	- Isaac Asimov
OS ANÉIS DE SATURNO	- Isaac Asimov
FUNDAÇÃO (Trilogia)	- Isaac Asimov
AS CAVERNAS DE MARTE	- Isaac Asimov
OS ROBOS	- Isaac Asimov
O GRANDE SOLDE MERCÚRIO	- Isaac Asimov
DESPERTAR DOS DEUSES	- Isaac Asimov
CAÇA AOS ROBOS	- Isaac Asimov
OITO-DOIS-SETE ERA GALÃCTICA	- Isaac Asimov
VIGILANTE DAS ESTRELAS	- Isaac Asimov
F DE FOGUETE	- Ray Bradbury
E DE ESPAÇO	- Ray Bradbury
A CIDADE PERDIDA DE MARTE	- Ray Bradbury
A HUMANIDADE ARTIFICIAL	- Edmund Cooper
CAVALO-MARINHO NO CÉU	- Edmund Cooper
ESSAS ESTRELAS SÃO NOSSAS	- Paul Anderson
GUERRA DOS HOMENS ALADOS	- Paul Anderson
NAVE ESCRAVA	- Frederik Pohl
CEI O GIGANTE	- Curt Siodnwk
25O SÉCULOS APÓS...	- James Blish
O TERCEIRO PLANETA	- Arthur C. Clarke
BONECA DO DESTINO	- Cliford D. Sínwk
OS HOMENS MOLECULARES	- Fred e Geoffrey Hoyle
VÊNUS MAIS X	- Theodore Sturgeon
O TERROR RITRIA.NO	- Damon Knght
O DIABÓLICO CÉREBRO ELETRONICO	- David Gerold